



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

JULIA ARAUJO DONATO

OLHARES SOBRE A DANÇA

*Os diferentes contextos documentais de uma mesma imagem no estudo
de caso da fotógrafa Priscila Nayade*

BRASÍLIA
2021

JULIA ARAUJO DONATO

OLHARES SOBRE A DANÇA

***Os diferentes contextos documentais de uma mesma imagem no estudo
de caso da fotógrafa Priscila Nayade***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação, na área de Gestão da Informação.

Linha de pesquisa: Organização da Informação.

Orientador: Prof. Dr. André Porto Ancona Lopez

Coorientadora: Prof. Dra. Elizângela Carrijo

BRASÍLIA
2021

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Araujo Donato, Julia
Ao Olhares sobre a dança: os diferentes contextos documentais de uma mesma imagem no estudo de caso da fotógrafa Priscila Nayade / Julia Araujo Donato; orientador André Porto Ancona Lopez; co-orientador Elizângela Carrijo. - Brasília, 2021.
140 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Ciência da Informação) -- Universidade de Brasília, 2021.

1. Documento fotográfico. 2. Dança de salão. 3. Contexto documental. 4. Resignificação de fotografia. I. Porto Ancona Lopez, André, orient. II. Carrijo, Elizângela, co orient. III. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: “Olhares sobre a dança: os diferentes contextos documentais de uma mesma imagem no estudo de caso da fotógrafa Priscila Nayade ”

Autor (a): Julia Araujo Donato

Área de concentração: Gestão da Informação

Linha de pesquisa: Organização da Informação

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Faculdade em Ciência da Informação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de **MESTRE** em Ciência da Informação.

Dissertação aprovada em: 16 de novembro 2021.

Presidente (UnB/PPGCINF): Dr. André Porto Ancona Lopez

Membro Externo (Unesp): Dra. Telma Campanha de Carvalho Mádio

Membro Interno (UnB/PPGCINF): Dra. Eliane Braga de Oliveira

Suplente (UnB/PPGCINF): Dra. Ivette Kafure Munoz

Em 25/11/2021.



Documento assinado eletronicamente por **Andre Porto Ancona Lopez, Membro do Colegiado da Pós-Graduação da Faculdade de Ciência da Informação**, em 07/12/2021, às 21:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Braga de Oliveira, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 08/12/2021, às 11:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Telma Campanha de Carvalho Madio, Usuário Externo**, em 09/12/2021, às 11:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **7435463** e o código CRC **E8E2E6F7**.

O PRESENTE ESTUDO FOI REALIZADO COM APOIO DA COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - BRASIL (CAPES) - CÓDIGO DE FINANCIAMENTO 001

À DANÇA DE SALÃO DO DISTRITO
FEDERAL QUE ME PERMITIU LEVEZA NO
CORPO E NA ALMA

AGRADECIMENTO

Acredito que o meu primeiro agradecimento deve ser à Universidade de Brasília que permitiu o meu encontro profissional com a Arquivologia e pessoal com a dança de salão. Com certeza a vida não teria sido tão boa sem esses encontros. Também agradeço à CAPES, por ter apoiado o desenvolvimento dessa dissertação, nada disso teria sido possível sem esse apoio.

À minha família, que sempre acreditou mais em mim do que eu mesma. Nunca deixaram de me apoiar e de me incentivar em qualquer novo sonho que surgisse na minha vida. Obrigada por sempre me entenderem e me aliviarem em algumas atividades quando viam que eu estava super atarefada.

À dança de salão do Distrito Federal e aos inúmeros professores que passaram pela minha vida. Principalmente, aos meus primeiros professores de forró, João Trindade e João Paulo, que despertaram a maior paixão da minha vida: dançar. Agradeço também, as inúmeras danças incríveis que eu tive e que, por algum momento, fizeram esquecer vários problemas, medos e ansiedades. São vários nomes para citar aqui, mas todos estão gravados no meu coração.

Ao meu gato pela companhia mais gostosa nas várias horas em que me tranquei no quarto para escrever essa dissertação.

Às minhas colegas de pós-graduação, Elaine e Tânia, por compartilharem todas as angústias desse longo caminho acadêmico e me ajudarem todas as vezes que precisei. A todos os meus amigos, em especial aos da infância, por entenderem a minha ausência durante esse longo percurso.

Agradeço a minha coorientadora, Elizângela, por não me deixar desistir do mestrado nesse momento de pandemia. Você foi essencial, obrigada por ter topado fazer parte desse caminho.

Por último e não menos importante, ao meu orientador, André, por todo conhecimento compartilhado sobre fotografia. Obrigada pelas dicas e sugestões e, principalmente, por reforçar o quanto eu era capaz de terminar isso aqui.

NOS SUBTERFÚGIOS MAIS DOCES

*NAS VIAGENS MAIS
EMOCIONANTES*

NOS SORRISOS MAIS SINCEROS

*NAS ENERGIAS MAIS
CONTAGIANTES*

A DANÇA ESTÁ LÁ

PRA ME MOSTRAR

QUE A ALMA É LIVRE

QUE O CORPO É LEVE

E QUE A MENTE PRECISA FLUTUAR

JULIA DONATO

RESUMO

A pesquisa partiu do entendimento de que os documentos fotográficos, em termos arquivísticos, costumam ser tratados sem qualquer tentativa de contextualização documental, colocando em risco a finalidade do arquivo em integrar uma série documental, rompendo com a organicidade inicial dos documentos, comprometendo seu uso como prova. Além disso, os documentos fotográficos desempenham a função de recordação e servem como insumo para outras atividades e para a publicidade. Dessa forma, a pergunta de pesquisa foi: como identificar fotografias, dentro de arquivos fotográficos de dança, tendo em vista os diferentes contextos documentais de uma mesma imagem? Para isso, adotou-se como metodologia de pesquisa o estudo de caso do arquivo da fotógrafa Priscila Nayade. Em face da diversidade cultural e dos documentos produzidos a partir da multiplicidade da dança, neste estudo, o objetivo geral é entender a necessidade do mapeamento dos contextos documentais de uma fotografia para arquivos fotográficos de dança. Como universo da pesquisa, tem-se a dança de salão; o recorte geográfico é o Distrito Federal; e o recorte temporal está entre os anos 2016 e 2019. Entende-se que tanto os diversos contextos em que uma mesma imagem pode estar inserida quanto a utilização dessa fotografia podem atender a diferentes finalidades, como recordação, publicidade e prova a depender de cada usuário.

Palavras-chave: Documento fotográfico. Dança de salão. Contexto documental. Resignificação de fotografia.

ABSTRACT

The research started from the understanding that photographic documents, in archival terms, are usually treated without any attempt at document contextualization, jeopardizing the purpose of the archive in integrating a document series, breaking with the initial organicity of the documents and compromising their use as an evidence. In addition, photographic documents perform the function of recollection and serve as an input for another activities and for advertising. Thus, the research question was: How can photographs be identified within dance photographic archives in view of the different documentary contexts of the same image? To this end, a case study of the archive of the photographer Priscila Nayade was adopted as research methodology. In view of the cultural diversity and the documents produced from the multiplicity of dance, in this study the general objective is to understand the necessity of mapping the documentary contexts of a photograph for dance photographic archives. As a research universe, we have the ballroom dance; the geographic cutout is the Federal District; and the temporal cutout is between the years 2016 and 2019. It is understood that both the various contexts in which the same image can be inserted, and the use of this photography can serve for different purposes, such as remembrance, advertising and proof depending on each user.

Keywords: Photographic document. Ballroom dance. Document context. Resignification of photograph.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: EXEMPLO DE FOTOGRAFIA REALIZADA ANTES DO TRABALHO DE PRISCILA NAYADE.	53
FIGURA 2: EXEMPLO DE CÍRCULO FORMADO EM EVENTO DE DANÇA COM CASAL DE PROFESSORES NO MEIO. TAMBÉM HÁ VESTIMENTA DIFERENCIANDO ALUNO E PROFESSOR.	59
FIGURA 3: EXEMPLO DE FOTOGRAFIA DE UM BAILE DE DANÇA, EM QUE NÃO SE PODE DIFERENCIAR QUEM É ALUNO E QUEM É PROFESSOR.	60
FIGURA 4: EXEMPLO DA FUNÇÃO "RECORDAÇÃO" QUE O FACEBOOK PROPORCIONA.	63
FIGURA 5: PÁGINA DO FACEBOOK DE PRISCILA NAYADE.	66
FIGURA 6: ESQUEMA DE ÁLBUNS DA PÁGINA DO FACEBOOK DE PRISCILA NAYADE.....	68
FIGURA 7: MODIFICAÇÕES DE CONTEXTO.	71
FIGURA 8: FOTOGRAFIA UTILIZADA PARA REALIZAR MAPEAMENTO DE CONTEXTO.....	73
FIGURA 9: FOTOGRAFIA UTILIZADA PARA REALIZAR MAPEAMENTO DE CONTEXTO.....	73
FIGURA 10: FOTOGRAFIA UTILIZADA PARA REALIZAR MAPEAMENTO DE CONTEXTO.....	73
FIGURA 11: FOTOGRAFIA UTILIZADA PARA REALIZAR MAPEAMENTO DE CONTEXTO.....	73
FIGURA 12: FOTOGRAFIA UTILIZADA PARA REALIZAR MAPEAMENTO DE CONTEXTO.....	74
FIGURA 13: FOTOGRAFIA UTILIZADA PARA REALIZAR MAPEAMENTO DE CONTEXTO.....	74
FIGURA 14: FOTOGRAFIA UTILIZADA PARA REALIZAR MAPEAMENTO DE CONTEXTO.....	74
FIGURA 15: FOTOGRAFIA UTILIZADA PARA REALIZAR MAPEAMENTO DE CONTEXTO.....	74
FIGURA 16: FOTOGRAFIA UTILIZADA PARA REALIZAR MAPEAMENTO DE CONTEXTO.....	74
FIGURA 17: FOTOGRAFIA UTILIZADA PARA REALIZAR MAPEAMENTO DE CONTEXTO.....	74

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: RELAÇÃO ENTRE OS OBJETIVOS ESPECÍFICOS, O MÉTODO, TÉCNICA PARA COLETA DE DADOS, FONTE DOS DADOS, UNIVERSO DA PESQUISA E TÉCNICA PARA A ANÁLISE DE DADOS.	43
QUADRO 2: MAPEAMENTO DOS CONTEXTOS DOCUMENTAIS RELACIONADOS COM A FIGURA 8.	76
QUADRO 3: MAPEAMENTO DOS CONTEXTOS DOCUMENTAIS RELACIONADOS COM AS FIGURAS 9 A 17.	77
QUADRO 4: ELEMENTOS DA DIPLOMÁTICA.	79
QUADRO 5: ELEMENTOS DA TIPOLOGIA DOCUMENTAL.	81
QUADRO 6: CONTEXTO, SUAS SUBDIVISÕES E RESPECTIVAS DEFINIÇÕES.	83

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: TABELA COMPARATIVA COM A BUSCA DE PALAVRAS-CHAVE EM BASES DE DADOS.	45
TABELA 2: TABELA COMPARATIVA COM A BUSCA DE PALAVRAS-CHAVE EM BASES DE DADOS.	46

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: QUANTIDADE DE EVENTOS QUE A FOTÓGRAFA PRISCILA NAYADE DIVULGOU NA SUA PÁGINA DO FACEBOOK, ENTRE OS ANOS 2016 E 2019.....	67
GRÁFICO 2: QUANTIDADE DE ÁLBUNS DE EVENTOS NA PÁGINA DO FACEBOOK DA FOTÓGRAFA PRISCILA NAYADE.....	69
GRÁFICO 3: QUANTIDADE DE ÁLBUNS DOS EVENTOS "NAÇÃO ZOUK", "CARIBEÑO" E "ISPILICUTE" NA PÁGINA DO FACEBOOK DA FOTÓGRAFA PRISCILA NAYADE.....	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAB/SP – Associação dos Arquivistas Brasileiros

BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Ibict

BRAPCI – Base de Dados Referencial de Artigos e Periódicos em Ciência da Informação

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CI – Ciência da Informação

CODEPLAN – Companhia de Planejamento do Distrito Federal

CONARQ – Conselho Nacional de Arquivos

COVID-19 – Coronavírus disease-19

DF – Distrito Federal

FAC – Fundo de Apoio a Cultura

GDF – Governo do Distrito Federal

Ibict – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

RI UnB – Repositório Institucional da Universidade de Brasília

SciELO – *Scientific Eletronic Library Online*

UnB – Universidade de Brasília

Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1– A ARTE DE FOTOGRAFAR E DANÇAR	24
1.1 DOCUMENTO, INFORMAÇÃO E FOTOGRAFIA	24
1.2 CONTEXTO DOCUMENTAL	29
1.3 DANÇA E DOCUMENTOS DE DANÇA	35
CAPÍTULO 2 – PERCURSOS METODOLÓGICOS	40
2.1 IDENTIFICAÇÃO DE ARQUIVOS FOTOGRÁFICOS DE DANÇA DE SALÃO NO DF	44
2.2 ARQUIVO FOTOGRÁFICO DE PRISCILA NAYADE	48
CAPÍTULO 3 – REDES SOCIAIS E ARQUIVO	65
3.1 MAPEAMENTO DOS CONTEXTOS DOCUMENTAIS	70
3.2 CONTEXTOS DOCUMENTAIS NA PRÁTICA DE ARQUIVOS	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
APÊNDICE A	101
APÊNDICE B	103
APÊNDICE C	105
APÊNDICE D	137

INTRODUÇÃO

Essa dissertação é fruto da união de duas paixões: fotografia e dança. É difícil saber em qual momento a pesquisa realmente começou. Nas andanças pela Universidade de Brasília – UnB, me deparei ¹com diversos anúncios de aulas de dança. Fui a uma aula experimental e ali começou minha nova paixão. Comecei a vivenciar a realidade da dança e conheci um Distrito Federal – DF muito mais cultural do que eu imaginava.

Após ingressar nas aulas de forró, na UnB, comecei a ter contato com outras danças, como bachata, tango, samba e zouk. Depois de algumas aulas, comecei a ir para bailes² de zouk. Certa vez, fui surpreendida com uma fotógrafa dentro de um baile. Até então, não era muito comum encontrar fotógrafos em bailes. No máximo, podíamos encontrar fotógrafos em uma parte específica do evento, fotografando grupo de pessoas que se reuniram para serem fotografadas. No entanto, no dia seguinte ao baile, fui marcada em uma fotografia no Facebook. Aquela era a minha primeira fotografia dançando de fato, porque, até aquele momento, eu só tinha fotografia com o pessoal da dança nos eventos que eu frequentava.

A fotógrafa era Priscila Nayade. Naquele ano, ela começou a aparecer mais nos eventos e as pessoas passaram a consumir mais a fotografia dela. As postagens das fotos era o momento mais aguardado pós-baile. Todos queriam saber se iriam aparecer nas fotografias. Alguns dias após o evento, as fotografias eram postadas em álbuns no Facebook³. A partir da postagem, as pessoas começavam a marcar umas às outras, curtir, compartilhar, comentar...

¹ A redação científica é realizada de modo impessoal, no entanto, preferi utilizar a primeira pessoa, tanto do singular, quanto do plural, porque o trabalho foi realizado em conjunto com o meu orientador e minha coorientadora. Além disso, a pesquisa representa a minha experiência de vida e de pesquisa, não tendo como dissociar uma coisa da outra.

² No jargão da dança se trata de um local em que pessoas se reúnem para dançar.

³ Segundo Correia e Moreira (2014), “O Facebook pode ser definido como um *website*, que interliga páginas de perfil dos seus utilizadores. Tipicamente, é nestas páginas que os utilizadores publicam as mais diversas informações sobre eles próprios, e são também os utilizadores que ligam os seus perfis aos perfis de outros utilizadores”. Segundo os autores, o Facebook teve origem com o Facemash, outro *website* colocado *online* em 2003 na Universidade de Havard por Mark Zuckerberg e outros colegas. No entanto, a ideia foi proibida na Universidade. Apesar disso, Zuckerberg desenvolveu outras ideias e em 2004 outro *website* foi criado, com o nome de Thefacebook. Em 2005, com a compra do domínio facebook.com, o nome da empresa foi alterado para Facebook.

Particularmente, eu comecei a ficar mais incentivada a ir aos bailes quando sabia que ela estaria lá, porque as fotografias que tenho são um ponto de acesso às memórias muito importantes na minha vida.

No meu quinto semestre da graduação em Arquivologia, a disciplina, “Diplomática e Tipologia Documental”, ampliou o meu entendimento sobre o conceito de documento e de sua diversidade. Até então, pensava que documento era apenas aquilo que possuía texto. Mas, pude esclarecer que qualquer coisa poderia ser documento e, especificamente, documento de arquivo. Dependeria apenas da função que o documento exercia para uma pessoa física e/ou jurídica.

Um tempo após eu realizar minha inscrição e antes de entrar no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciência da Informação, fiz uma disciplina como aluna especial. A disciplina era sobre fotografia. Com alunos com diversas formações e interesses de pesquisa, pude aprender e aprofundar o meu olhar sobre as fotografias. Fotografia pode ser arte, pode ser documento, pode ser história, pode ser representação social, luta política, instrumento de preservação da memória etc. Os estudos sobre fotografia podem estar ligados com o tratamento arquivístico, com a preservação, com a biografia de fotógrafos, com o processo de produção de fotografia e seu uso como produto da imprensa.

Também pude ter contato com os autores mais consagrados que exploram a temática da fotografia, como: Susan Sontag, Rolan Barthes; Pierre Bourdieu, Georges Didi-Huberman, Boris Kossoy, Phillippe Dubois e Walter Benjamin. Ademais, pude conhecer autores menos consagrados da América Latina e que possuem trabalhos que influenciaram, de alguma forma, as minhas pesquisas.

As fotografias da Priscila começaram a aparecer em divulgações de aulas e eventos de dança. Também, poderia encontrá-las em outras redes sociais, como o Instagram. Professores, alunos, dançarinos começaram a postar essas fotografias por diversos motivos. Mas, quais motivos eram esses? Será que elas utilizam essas fotografias para mostrar o trabalho/hobby delas?

Será que elas utilizam como forma de reviver uma memória? Será que a utilização pode ser estritamente para fins profissionais?

As imagens, mais especificamente os materiais fotográficos, possuem relevância informacional na sociedade, já que se relacionam com diferentes áreas do conhecimento, como administrativas, históricas, jurídicas, acadêmicas, ou até mesmo de cunho social, conforme explicita Tonello e Madio (2018).

Como suporte de informação, os documentos de arquivo são produzidos por pessoas físicas e/ou jurídicas no decorrer de suas atividades e funções. De acordo com o entendimento de Buckland (1991), os documentos podem ser considerados como “informação-como-coisa”, ou seja, são tangíveis e possuem o poder informativo. Nesse viés, as imagens podem se transformar em documentos caso sejam processadas com o intuito de fornecer informação.

Nesse sentido, a fotografia, que é fonte expressiva de informação, necessita ser analisada como documento. Pode ser analisada a partir da perspectiva da Ciência da Informação – CI, já que, segundo Borko (1968), a CI é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação e, também, a partir da perspectiva da Arquivologia, pois a depender do contexto no qual foi produzida e preservada, pode ser considerada como documento de arquivo.

Com relação a dança, que é uma forma de expressão do corpo em movimentos ritmados, são encontradas dificuldades em obter registros nos quais é possível conhecer e aprender sobre essa arte, por se tratar de algo efêmero. No entanto, “as modalidades de seu registro material proporcionam sempre versões parciais de sua tradução, imagem, movimento, sob qualquer ângulo, técnica ou meio” (ROSSI, 2009, p. 7). Exemplos desses materiais são as fotografias e vídeos.

Analisando o universo musical, pode-se observar a existência de partituras, que permitem que a música seja reproduzida exatamente da maneira que ela foi construída. No entanto, quando se trata do universo da dança e de um evento de dança (ou baile de dança), qual seria o documento

que melhor poderia representar e comprovar o que ocorreu? A resposta para essa pergunta são os materiais de natureza fotográfica e audiovisual. Mas, a fotografia possui maior poder de difusão, por se tratar de um material mais portátil, se comparado com o audiovisual.

Segundo Manini (2008), a fotografia pode ser utilizada com finalidade de uso comercial, de exposição ou publicação, de uso didático/científico, de uso pessoal/familiar e de uso probatório. Além do informativo, um documento de arquivo também possui função administrativa, fiscal, legal, de recordação, publicitária e probatória. A última se refere à possibilidade de um documento em atestar algo, servindo como prova ou evidência de um fato ou acontecimento.

Por meio de uma análise de fotografias de dança, pode-se inferir que ocorreu algum evento, apresentação ou aula, que determinadas pessoas estiveram presentes, se havia professores e dançarinos no local, que ritmo provavelmente estava tocando, qual era o vestuário das pessoas, a decoração do local etc. Não raramente, as fotografias servem como recordação, uma vez que carregam simbolismos e representações, podendo provocar emoções nos usuários. Também, são utilizadas como um meio de divulgação, sendo inseridas no portfólio do fotógrafo, no flyer de divulgação de um evento ou de uma aula de dança, por exemplo.

De acordo com Lopez (2012, p. 16), “a organização desse material [fotográfico] deve ser capaz de disponibilizar informações relativas a ‘quem?’, ‘quando?’, ‘como?’ e, principalmente, ‘por quê?’ foram produzidos e guardados como registros significativos e probatórios”. Desse modo, um documento fotográfico pode ser considerado como um documento arquivístico, já que prova a execução da atividade pela qual foi criada e pode desempenhar as finalidades de publicidade e memória.

Ainda a partir do entendimento de Lopez (2008), os documentos fotográficos, em termos arquivísticos, costumam ser tratados sem qualquer tentativa de contextualização documental, colocando em risco a finalidade do arquivo em integrar uma série documental, com a organicidade inicial dos

documentos, servindo como prova. Além disso, os documentos fotográficos desempenham a função de recordação e serve como insumo para outras atividades e para a publicidade. Dessa forma, a pergunta de pesquisa é: como identificar fotografias, dentro de arquivos fotográficos de dança, tendo em vista os diferentes contextos documentais de uma mesma imagem?

O desenvolvimento de toda atividade gera documentos, seja qual for o gênero ou suporte. No entanto, no universo da dança, percebe-se que não há preocupação sistemática com os documentos que a registrem por meio de diferentes dimensões, uma vez que informações sobre o ato de dançar podem ser passadas oralmente. Conforme Rossi (2009, p. 7) afirma “essa desnecessidade de se proceder a registros sistemáticos no domínio da dança pode ser uma das explicações para a escassez das iniciativas de fomento ao tratamento das fontes documentais que são produzidas nesse meio no Brasil [...]”.

Além disso, entendendo a divergência entre a utilização administrativa e social dos documentos fotográficos e a sua incorporação (ou a falta dela) nos arquivos e entendendo a ausência de informações consolidadas sobre a temática de documentos fotográficos de dança, a presente pesquisa foi elaborada. Desse modo, a proposta formulada visa contribuir para a Bibliofoto⁴, pois esse projeto de pesquisa se dedica ao desenvolvimento da produção científica relacionada aos materiais fotográficos, principalmente no que se refere a fontes documentais fotográficas produzidas no contexto latino-americano.

Optou-se pelo estudo de caso do material fotográfico de dança elaborado pela fotógrafa Priscila Nayade, divulgado e replicado via Facebook. A fotografia possui maior alcance nas redes sociais em termos de divulgação, uma vez que os recursos necessários para a sua criação são mais simples e,

⁴ O Bibliofoto é um projeto de pesquisa, cujo objetivo é arrolar não apenas o material bibliográfico já internacionalmente conhecido, como também a produção de outros grupos e instituições que também se dedicam ao tema da fotografia, permitindo consolidar redes de produção de conhecimento colaborativo, estimular debates, multiplicar os atores e seus respectivos estudos —, bem como permitir o seu reconhecimento por outros pares.

normalmente, o primeiro contato de uma pessoa com a divulgação de algo, na rede social Facebook, se dá por meio de material fotográfico⁵.

Neste estudo, em face da diversidade cultural e dos documentos produzidos a partir da multiplicidade da dança, o objetivo geral é entender a necessidade do mapeamento dos contextos documentais de uma fotografia para arquivos fotográficos de dança. Como universo da pesquisa, tem-se a dança de salão; o recorte geográfico é o Distrito Federal; e o recorte temporal está entre os anos 2016 e 2019. Nessa direção, partindo do recorte dado pelo estudo de caso da fotógrafa Priscila Nayade, os objetivos específicos são:

- (i) identificar os arquivos fotográficos de dança de salão no Distrito Federal;
- (ii) mapear os contextos documentais em fotografias de dança de salão; e
- (iii) entender a necessidade do estudo dos contextos documentais na prática de arquivos.

Entende-se que tanto os diversos contextos em que uma mesma imagem pode estar inserida quanto a utilização dessa fotografia podem atender a diferentes finalidades, como recordação, publicidade e prova a depender de cada usuário.

Na análise de uma imagem que está inserida no ambiente de uma rede social, no qual existe a replicação da informação em grande massa, há um limite da informação: tem-se a mesma informação, com diferentes metadados⁶

⁵ A rede social Facebook é composta por elementos visuais, seja por material imagético, seja por material audiovisual. Por se tratar de um recurso mais simples, do ponto de vista do tamanho do arquivo, os materiais imagéticos são mais acessados se considerarmos que os materiais audiovisuais consomem mais internet.

⁶ Metadado é comumente definido como dado sobre dado. Para Leite (2009) metadados são dados estruturados que tem como finalidade explicar, descrever, localizar, identificar e facilitar na recuperação, no uso e gestão de recursos informacionais. Na mesma linha, Fusco (2011) considera que o objetivo principal dos metadados é estabelecer um grau de normalização, padronização e representação descritiva dos dados informacionais, favorecendo a compatibilidade e compartilhamento de dados por computador. De acordo com Santos (2018), o objetivo principal dos metadados é auxiliar o usuário, em ambientes digitais, a encontrar a informação que deseja de um modo simples. Segundo a autora, é de extrema importância o uso de formatos de metadados mais estruturados para a representação de recursos imagéticos. Simionato (2011) destaca a importância dos metadados para a imagem digital. Para ela, a utilização de metadados tem o intuito de construir formas mais eficientes

e que respondem a diferentes intenções. Assim, para a gestão de documentos, o documento fotográfico vai ser diferente cada vez que os metadados e intenções (contexto documental) mudarem. Já para a gestão da informação, o documento fotográfico é o mesmo, já que a informação e imagem são as mesmas. Também, a mesma imagem pode ser utilizada por usuários diferentes em distintas funções.

Inicialmente, organizamos a dissertação em três capítulos. No primeiro, alguns conceitos de documento e informação são apresentados, fazendo um paralelo com a definição de fotografia. Utilizamos autores consagrados da Arquivologia, como Heredia Herrera (1991), Cortes Alonso (1989), Schellenberg (2006), entre outros para discorrer sobre esse assunto. Esses conceitos são utilizados para entender a fotografia enquanto documento de arquivo. Além disso, discorre sobre o valor documental da fotografia e sobre a importância do contexto arquivístico para o tratamento do documento fotográfico, utilizando como base os trabalhos realizados por André Lopez (2008). Também, traz um breve histórico da dança de salão e do Distrito Federal, inserindo a dança de salão no ambiente cultural do DF. Por fim, relaciona documentos de dança aos materiais fotográficos.

No capítulo 2, são apresentados os percursos metodológicos utilizados na pesquisa. Para o objetivo específico 1, o método utilizado foi o levantamento e para os objetivos 2 e 3 o método utilizado foi o estudo de caso. Após breve apresentação dos métodos, inicia-se a identificação dos arquivos fotográficos de dança no Distrito Federal. Em seguida, apresenta a entrevista realizada com a fotógrafa de dança de salão Priscila Nayade, sendo dividida em cinco tópicos: (i) conhecendo a fotógrafa; (ii) conhecendo o trabalho da fotógrafa; (iii) conhecendo o arquivo da fotógrafa; (iv) conhecendo a divulgação da fotógrafa; e (v) identificação das funções e dos usuários.

Por fim, o terceiro capítulo apresenta alguns conceitos sobre rede social, para poder entender a forma de divulgação da fotógrafa Priscila Nayade. Em seguida, foi realizada uma análise da página do Facebook da fotógrafa Priscila

para representação e apresentação, tornando as imagens disponíveis, acessíveis e recuperáveis.

Nayade, trazendo informações quantitativas dos álbuns de fotografias. Após apresentação da rede social da fotógrafa, inicia-se o mapeamento de algumas fotografias de dança dos álbuns do evento “Nação Zouk” que Priscila fotografou, cumprindo então o objetivo específico 2. Posteriormente, para a realização do objetivo específico 3, apresenta-se conceitos sobre contexto documental e discorre-se sobre a necessidade dele para a prática de arquivos.

CAPÍTULO 1 – A ARTE DE FOTOGRAFAR E DANÇAR

1.1 DOCUMENTO, INFORMAÇÃO E FOTOGRAFIA

O Arquivo Nacional (2005) afirma que documento é a “unidade de registro de informações, qualquer que seja o suporte ou formato”. A autora espanhola, Heredia Herrera (1991, p. 121), também entende o documento como “registro de informação independentemente de seu suporte físico”. E para Cortes Alonso (1989, p. 121), documento é:

[...] um objeto que conserva o vestígio da atividade humana; que serve para dar notícia de um fato, ficando essa notícia fixada no objeto. Apresenta-se, portanto, como um suporte material (pedra, pergaminho, papel, fita magnética, disco) em que um meio (escritura, pintura) fixa o conteúdo, a notícia (informação).

No entanto, Buckland (1991), considera documento como uma fonte de informação. E essa, de acordo com Le Coadic (2004) pode ser considerada como medidas da organização de uma mensagem e outros sistemas. De outra maneira “informação é o que é informativo para uma determinada pessoa. O que é informativo depende das necessidades interpretativas e habilidades do indivíduo” (CAPURRO; HJØRLAND, 2007, p. 155).

Como ferramenta de organização desses documentos,

A gestão documental surgiu principalmente como um sistema que ajudou as instituições a melhorar e padronizar as atividades documentais. Se realiza por meio de processos que estabelecem o tempo de vida que devem ter os documentos, desde o momento de sua criação, até sua disposição final, passando por diferentes arquivos chamados geralmente, arquivos correntes, arquivos intermediários e arquivos permanentes. (MONTROYA-MOGOLLÓN E MADIO, 2018, p. 666).

A gestão de documentos pode ser definida como o “conjunto de procedimentos necessários ao tratamento dos documentos arquivísticos, desde a sua produção até a sua destinação final” é a definição realizada por (LEON et al., 2014, p. 180) para gestão de documentos. Documento de arquivo que, segundo a Resolução nº 20/2004 do Conarq, é a informação registrada, independente da forma ou do suporte, produzida e recebida no decorrer das atividades de um órgão, entidade ou pessoa, dotada de organicidade e que

possui elementos constitutivos suficientes para servir de prova dessas atividades.

Já o processo responsável por gerir a informação em favor da sobrevivência e competitividade organizacional é a definição da gestão da informação. Apesar da gestão de documentos e da gestão da informação serem o conjunto de procedimentos necessários para gerir algo, cada uma tem seu objeto de estudo: o documento e a informação, respectivamente. Esses objetos se complementam, no entanto são diferentes.

Segundo Silva e Tomaél (2007, p.1),

Cada organização tem um fluxo de informação que lhe é peculiar e este fluxo é objeto importante da Gestão da Informação que deve mapeá-lo, identificando pessoas, fontes de informação, tecnologia utilizada, produtos e serviços, compondo esse conjunto estruturado de atividades relativas à forma como informação e conhecimento são obtidos, distribuídos e utilizados. Todas as etapas e atores do fluxo de informação precisam ser identificados e nomeados a fim de detectar as influências que exercem sobre o processo e antever problemas que possam surgir.

Se o documento é a unidade em que contém informações, a reunião de um ou mais documentos pode ser denominada de acervo ou arquivo. O acervo, segundo o Arquivo Nacional (2005), é a totalidade dos documentos de uma entidade produtora ou de uma entidade custodiadora. Já o arquivo, ainda de acordo com o Arquivo Nacional (2005), é o “conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza do suporte”.

Isto é, enquanto o acervo possui todo e qualquer tipo de documento, o arquivo é compreendido pela organicidade de seus documentos. Somente aqueles documentos produzidos e/ ou acumulados por uma pessoa física e/ ou jurídica podem fazer parte de um arquivo. Lembrando que um arquivo pode ter algumas subdivisões, como histórico, administrativo, corrente, intermediário, permanente etc. No entanto, essa discussão não foi objeto dessa pesquisa.

Além de documentos textuais, os arquivos também podem possuir documentos diferentes dos habituais, como relatórios, atas, memorandos etc.

De forma menos presente nos arquivos, estão os documentos fotográficos, audiovisuais, mapas, croquis etc. que também foram produzidos e/ou acumulados no âmbito das atividades das intuições.

Se analisarmos a etimologia da palavra fotografia, percebe-se que tem origem no idioma grego e significa escrever com a luz, já que foto significa luz e grafia significa escrever. Com relação à técnica de fotografia, Tonello e Madio (2018, p. 80) afirmam que:

Como toda imagem, a fotografia carrega em si uma história e, olhar para a imagem representada, leva à reflexões a respeito daquele momento retratado e a intencionalidade do fotógrafo para que aquele acontecimento, aquela pessoa ou aquela paisagem não se perdesse. Sendo assim, tudo ali, naquela imagem, permanecerá como naquele instante. O conteúdo informacional, o motivo se manterá nele.

Já as autoras Manini e Paiva (2010), conceituam a fotografia como:

[...] representação da realidade, na qual, por meio dessa técnica, possibilitou-se a imortalização de recortes do real e sua preservação para a posterioridade em um formato bidimensional na superfície fotossensível, eliminando qualquer outro elemento sensorial capaz de ser percebido pelo homem, como sons, aromas, sabores e texturas.

Desse modo, pode-se inferir que fotografia é uma fonte de informação contida em um suporte - o documento. Além disso, no entendimento de Schellenberg (1974), a fotografia pode ser considerada como documento de arquivo se for produzida ou acumulada para cumprir algum propósito. Voltando à discussão em relação a diferença entre acervo e arquivo, o conjunto de fotografias pode pertencer a um acervo ou a um arquivo, a depender do propósito dessa reunião documental.

Caso o conjunto de documentos fotográficos seja reunido independente de sua produção ou acumulação, fará parte de um acervo fotográfico. Caso o conjunto de documentos fotográficos seja produzido e/ou acumulado por alguma entidade, fará parte de um arquivo fotográfico⁷. Por se tratar de um

⁷ Apesar dos arquivos não possuírem apenas um tipo de documento, há casos que a maior parte dos documentos se resumem a uma tipologia documental, como é o caso dos arquivos de fotógrafos. Apesar de possuírem documentos de contratação do trabalho que fornecem, a maioria dos documentos presentes nos seus respectivos arquivos será o documento fotográfico. Nesse sentido, utiliza-se aqui o chamado arquivo fotográfico como sinónimo de um arquivo mais especializado.

projeto arquivístico, essa dissertação irá considerar arquivo fotográfico para fins de pesquisa.

Para Santos e Ribeiro (2014, p. 146),

A fotografia surge em meados do século XIX, e seu processo é resultado de um conjunto de pessoas e de vários processos. Durante o seu desenvolvimento, ela foi apresentada em vários suportes, vidro, ferro, papel, e contemporaneamente digital. Durante esse período de conformação, não havia uma preocupação enquanto documento, a preocupação era artística.

Ainda de acordo com essas autoras, foi só a partir da década de 1980 que a fotografia se constituiu como fonte de história⁸ e de informação com a introdução de debates acerca dessa temática pelo Centro de Conservação e Preservação em Fotografia, embora a primeira preocupação tenha sido com a conservação e preservação o suporte. No entanto, Bucceroni e Pinheiro (2009, p. 12) afirmam que o aperfeiçoamento do uso da fotografia como ferramenta da Arquivística tenha se iniciado nos anos de 1930, com a evolução da área por meio de microfimes⁹.

Segundo Bucceroni (2013, p. 10), Paul Otlet, um dos precursores da Ciência da Informação, pensou no Repertório Iconográfico Universal, “uma base de dados com diversos tipos de imagens, reunidas em fichas que tinham como função primeira complementar as informações sobre os registros da base de dados bibliográfica”. Nos moldes arquivísticos, Otlet fez uma tentativa de contextualizar os documentos fotográficos, junto a outros documentos que deram origem e/o que completavam as imagens.

De acordo com Jacques Le Goff (2003, p. 460) o aparecimento da fotografia “[...] revoluciona a memória, multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim,

⁸ Essa afirmação provavelmente se refere ao debate levado a cabo pelo mencionado Centro, já que diversos estudos oriundos da tradição historiográfica dos Annales e, também, história cultural já trabalharam com documentos fotográficos como fonte desde a primeira metade do século XX.

⁹ O Arquivo Nacional (2005) descreve o microfilme como “Filme resultante do processo de reprodução de documentos, dados e imagens, por meios fotográficos ou eletrônicos, em diferentes graus de redução, cuja leitura só é possível por meio de leitor de microformas”. Para as autoras Bucceroni e Pinheiro (2009, p. 12), “O conceito de microfilme, imagem fotográfica reduzida a uma escala milimétrica, existe desde o advento da fotografia”.

guardar a memória do tempo e da evolução cronológica.” A fotografia, assim, serve como base na ação de relembrar.

Silva (2013, p. 25) afirma que:

A fotografia assumiu um papel muito importante para a construção da imagem, seja ela de cunho histórico, cultural, informacional, científico e pessoal. Esse dispositivo retrata a memória coletiva de um povo, cidade, ou acontecimento e ilustra vários tipos de eventos, e ainda é um suporte documental, que por ser polissêmico possui várias formas de interpretação.

A linguagem da fotografia produz um efeito de novo, de algo nunca visto, que só pode ser reconhecido na realidade. Ela é vista no presente, mesmo que representante de um evento do passado, ou seja, a fotografia é o presente do passado. Segundo Niedermaier (2016, p. 180),

La toma fotográfica entonces recorta el presente para ingresarlo a su imagen. En este sentido la fotografía trabaja la profundidad del tiempo (en la misma acepción que la profundidad de campo). La fotografía instruye así la mirada al instaurar relaciones inéditas y modificar el conocimiento.

Fotógrafos e historiadores selecionam quais aspectos do mundo real vão retratar, isto é, se trata de um encontro seletivo com o seu objeto. O valor da imagem retratada deve ser medida pela extensão imaginária. O importante é encontrar a distância focal ideal para que a análise não fique comprometida. A verdadeira análise hermenêutica deve compreender a obra não só em sua particularidade, e sim na relação que ocupa na história e nos vínculos com outras obras. Esse processo de análise considera, portanto, o contexto de criação de uma fotografia/obra/documento.

A autora Niedermaier (2016) também comenta sobre a mudança de paradigma do analógico ao digital¹⁰. As fotografias analógicas mostram e representam o mundo, enquanto as fotografias digitais são projeções do pensamento, mostram e representam o pensamento. A imagem analógica é um signo de existência - por ser uma "huella" da realidade -, a imagem digital é um

¹⁰ A fotografia analógica é produto de uma câmera analógica, isto é, uma câmera que utiliza filme fotográfico na captura de uma imagem. Já a fotografia digital é o resultado da utilização de uma câmera digital que utiliza um sensor fotossensível (sensível à luz) para capturar a imagem.

signo de essência, já que nessas fotografias predominam tramas de sentido, isto é, é facilitadora de práticas narrativas e conceituais.

Para Donato (2019),

Apesar da fotografia analógica e da fotografia digital serem diferentes no processo técnico de criação, são semelhantes no aspecto final. Para um usuário comum, a gênese técnica não tem importância, quando o que se pretende alcançar é somente a captura de uma imagem de modo mais fácil, promovida, principalmente, pelo desenvolvimento de telefones celulares com câmeras fotográficas.

Sendo analógica ou digital, a fotografia pode ser considerada como um documento de arquivo. Ambas são fontes de informação e estão registradas em um suporte, que é o documento, independente de qual seja esse suporte. Também, são produzidas e/ou acumuladas por alguma pessoa física ou jurídica no desenvolvimento de alguma atividade.

1.2 CONTEXTO DOCUMENTAL

O valor documental da imagem fotográfica, segundo Rouillé (2005), não é dado por sua natureza, mas sim pelas circunstâncias, usos, condições de recepção e crenças. Isto é, o valor documental da fotografia depende do contexto em que essa imagem está inserida. Além disso, para Barthes, a fotografia não é uma estrutura isolada, já que se conecta com outras estruturas, como textos e legendas. Segundo esse autor,

A totalidade da informação é pois suportada por duas estruturas diferentes (das quais uma é linguística); essas duas estruturas são convergentes, mas como suas unidades são heterogêneas, não podem se misturar; aqui (no texto) a substância da mensagem é constituída por palavras; ali (na fotografia), por linhas, superfícies, tonalidades. (BARTHES, 2000, p. 326).

Conforme Cogollo-Ospina e Toro-Tamayo (2016, p. 76), “[...] las fotos son otro tipo de enunciación con un sentido que posiblemente puede ser incluso adverso a la intención de su creador”, isto é, podem assumir outros valores, diferentes da intenção original que, normalmente, é de recordação. Assim, as fotografias de dança podem colaborar com a memória dos usuários da dança, com a divulgação de eventos relacionados à dança e a prova das

atividades de dança. Com a possibilidade de passar pelo processo de ressignificação, adquirindo o valor de prova, as fotografias lidam com o desafio de receber um tratamento adequado que garantam a sua salvaguarda.

Segundo Nunes (2010, p. 56), “[...] as imagens podem ser usadas como ‘prova’ para mostrar como as coisas são ou como determinados eventos ocorreram”. A fotografia é um instrumento de denúncia, comprova e é utilizada como prova em inquéritos e investigações policiais e, por meio dela, também pode-se recordar, identificar, recorrer a acontecimentos ocorridos no passado, pois a fotografia registra fragmentos do passado, de acordo com Silva (2013, p. 37).

Para Silva (2013, p. 38), “os registros fotográficos são utilizados como testemunho, prova, fonte de recordação e lembranças, pois a imagem ali registrada pode comprovar que determinado fato ocorreu”. A fotografia, ainda de acordo com a autora, é um traço de que algo foi fotografado, existiu, aconteceu em algum momento no tempo-espaço. Fazendo um paralelo com a semiótica¹¹, a fotografia é considerada como um índice, isto é, se assemelha ao objeto retratado. Segundo Kossoy (2001a, p.28), “a fotografia é um intrigante documento visual cujo conteúdo a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções”.

A pesquisa sobre a produção documental de uma organização requer, no entendimento de Leon et al. (2014, p. 182), “o estudo do conjunto das variáveis na ação da entidade produtora, proporcionando o conhecimento das relações que presidem a gênese documental e determinam seus usos e valores”. Para que isso ocorra, é necessário o estudo do contexto documental que é, “o ambiente em que ocorre a ação registrada no documento. Na análise do contexto de um documento arquivístico, o foco deixa de ser o documento em si e passa a abranger toda a estrutura que o envolve” (CONARQ, 2011, p.126).

¹¹ Semiótica é a ciência geral de todas as linguagens, de acordo com Santaella (2003). Isto é, a ciência que estuda todos os meios pelo qual o homem se comunica, sendo verbais ou não verbais. A semiótica ajuda a entender a realidade por meio de todas as formas de comunicação.

No meio arquivístico, tanto a fotografia quanto outros documentos presentes em suportes não tradicionais, foram tratados como coadjuvantes, e não como documento de arquivo, segundo Costa e Rodrigues (2020). O material fotográfico era visto como complemento aos registros, sendo uma forma de aprimorar as informações contidas em documentos textuais.

Essa ideia de fotografia em segundo plano não é privilégio da arquivística, a área de fotojornalismo também utiliza a mesma abordagem. De acordo com Brook e Menajovsky (2004), o aparecimento da televisão implicou novas formas de exercer a fotojornalismo, fazendo a fotografia ser validada enquanto suporte da informação. Dessa forma, o uso da fotografia para o jornalismo privilegiou a interpretação e opinião a partir da imagem congelada, num contexto social e histórico em que as novas tecnologias de produção e transmissão oferecem novas possibilidades de comunicar.

A fotografia foi sendo contestada enquanto documento de arquivo conforme os estudos na área da Arquivologia foram se desenvolvendo. Um dos primeiros autores da área a inserir a fotografia dentro do escopo da arquivística foi Schellenberg, em sua obra *Arquivos Modernos* (2006). Na área da História, o material fotográfico também começou a ganhar foco como documento. Kossoy afirma que:

Registrar os fatos importantes é uma forma de os homens comprovarem suas trajetórias e realizações. Como meio de recordação e documentação da vida familiar, como meio de informação e divulgação dos fatos, como forma de divulgação artística ou mesmo como instrumento de pesquisa científica, a fotografia tem feito parte indissociável da experiência humana. (2001b, p. 155).

Kossoy (2001b, p. 105) também acredita que a imagem fotográfica nunca é posta em dúvida, por conta do seu privilegiado grau de credibilidade desde o seu advento. Entretanto, por conta da tecnologia avançada que permite a criação e recriação de situações, por meio de imagens, a credibilidade da fotografia é posta em dúvida. Não podemos esquecer que as fotografias analógicas também podiam ser manipuladas em laboratórios, mas a tecnologia facilitou bem mais esse processo.

Para Silva (2013, p. 26), “apesar da existência de vários programas de manipulação de imagem os quais podem modificar, alterar, eliminar algumas particularidades inerentes à determinada fotografia, esta ainda é considerada uma importante fonte de informação.”. A autora também considera que para a fotografia se tornar uma fonte confiável de informação, é necessário a interferência de um profissional da informação, como um arquivista, bibliotecário e museólogo. Acrescento ainda a importância do cientista da informação para o tratamento da imagem fotográfica como fonte fidedigna de informação.

Esses profissionais se encarregam de criar e definir políticas de preservação, conservação e organização das fotografias. Em específico, os arquivistas são responsáveis por realizar a classificação, avaliação e descrição dos documentos fotográficos, com o intuito de facilitar o acesso à informação.

Blaya Perez (2005, p. 7), explica que o processo de descrição, função arquivística, “vem a ser a divulgação, o ato de tornar público, de dar a conhecer o acervo duma instituição assim como os serviços que esta coloca à disposição dos seus usuários”. E para Costa e Rodrigues (2020),

Na medida em que se expande o conhecimento arquivístico e a sociedade evolui nas questões de gestão dos documentos, a descrição se torna um processo cada vez mais adotado pelas instituições, porém de forma tardia em maioria das vezes. De um modo geral e abrangente, a descrição de fotografias possibilita a identificação de elementos intrínsecos e extrínsecos às fotografias, dando voz ao contexto em que a mesma foi produzida para seu pesquisador ou usuário.

Como documento de arquivo, a fotografia fornece provas e retrata a realidade de uma sociedade e seus valores culturais, além de retratar a memória de uma população (Kossoy, 2016). Nesse viés, a fotografia pode ser entendida como documento histórico de extrema importância que é utilizada para eternizar determinados momentos de uma história (Costa e Rodrigues, 2020).

Silva (2008, p. 65-66) afirma que os museus colecionam¹² documentos que, por muitas vezes, foram retirados do seu contexto de produção. Dessa forma, fotografias são vendidas ou doadas a museus, sendo consideradas peças isoladas e recebendo um tratamento individualizado quando, na verdade, pertence a um conjunto documental de uma pessoa física e/ou jurídica.

Já nos arquivos, as fotografias são tratadas como documentos permanentes, compondo vários acervos, principalmente de pessoas e famílias, como afirma Silva (2013, p. 17). Segundo a mesma autora, a fotografia é essencial para o resgate da informação comprobatória acerca de acontecimentos, estudo e pesquisas.

Para Lopez (2008), antes da invenção da fotografia, a quantidade de documentos imagéticos¹³ era bem restrita nos arquivos. Geralmente, os arquivos eram constituídos por mapas, desenhos e esboços eventuais. No entanto, depois da sua invenção, a fotografia passou a ser o documento imagético presente em maior quantidade nos arquivos, seja em formato e suporte típicos, como negativos flexíveis e positivos em papel emulsionado, ou em reproduções impressas em livros ou jornais, por exemplo.

A inclusão de documentos fotográficos nos arquivos foi realizada posteriormente a ampla difusão dessa técnica na sociedade, segundo Lopez (2008). Segundo o autor, o descompasso entre a difusão da fotografia e a sua

¹² O ato de fazer uma coleção é definido pelo Arquivo Nacional (2005) como, “conjunto de documentos com características comuns, reunidos intencionalmente”.

¹³ Segundo Lopez (2011, p. 4), “El término imagético es un neologismo no reconocido por los diccionarios de lengua castellana o portuguesa y significa ‘relativo a la imagen’. Asimismo, en Brasil, el uso del término está muy relacionado a los trabajos que algunos investigadores han desarrollando, tratando de no utilizar el término ‘iconográfico’, tan consagrado en los archivos, dado que este último presenta problemas de orden conceptual. La opción por el término imagético responde a las múltiples posibilidades de ocurrencia de imágenes en los archivos. El término propone englobar las diversas categorías de la imagen de modo más amplio que los términos fotografía, pintura, obra de arte etc. La rúbrica iconografía ha sido descartada básicamente porque ese término se encuentra incómodamente asociado (directa o indirectamente) tanto a las cuestiones de la imagen como lenguaje, así como a la identificación de contenidos en la propia imagen. El objeto central de nuestras reflexiones es el documento de archivo de género imagético (o de imagen) independientemente de las implicaciones icónicas o lingüísticas. Una rúbrica relacionada primordialmente a la imagen es, conceptualmente, más operativa. Tal ampliación permite comprender el diferencial dado por la dimensión imagética del documento de archivo y las implicaciones en cuanto a la percepción visual. La dimensión imagética no excluye, a priori, el análisis de contenido de los documentos desde el punto de vista técnico, artístico, simbólico, cultural etc.”

incorporação nas práticas administrativas provocou uma valorização do registro fotográfico como imagem, em detrimento da sua função como documento. Isto é, a cena retratada e a técnica de execução tiveram mais importância que a contextualização arquivística do documento, no âmbito das atividades do seu produtor. A organização desses registros estava pautada na identificação do fotógrafo, na técnica de obtenção da imagem e na descrição da cena, porém esquecendo a contextualização arquivística.

Para um documento arquivístico textual, é a identificação da finalidade e do organismo produtor responsáveis por defini-lo como um documento, e não a sua técnica de produção. Segundo Lopez (2008),

Se necesita diferenciar el documento de la información (la imagen). La reproducción de la misma imagen con finalidades diferentes crea, en realidad, nuevos documentos, con procedencias y funciones archivísticas distintas, si bien idénticas desde el punto de vista informativo. No se trata, por lo tanto, de múltiples procedencias, sino de reproducciones de informaciones similares en documentos distintos. En el caso de las imágenes, esa autonomía tiende a ser mayor que en los documentos textuales, principalmente por la ausencia de informaciones contextuales intrínsecas. Este aspecto les otorga una gran versatilidad, permitiendo que puedan atender finalidades bastante diferentes de aquellas para las cuales fueron creadas. La presencia de datos contextuales en los documentos textuales típicos dificulta la promoción de atribuciones de sentido despegadas de la función documental y, a toda hora, le recuerda al usuario la información del origen documental.

Se determinado documento, como a fotografia, for analisado fora de seu contexto, se tornará um documento vazio do ponto de vista da arquivística, conforme o entendimento de Lopez (2008, p. 8). Para esse mesmo autor:

Somente a árdua recomposição do contexto de produção documental (que muitas vezes se afasta completamente da informação visual do documento) é capaz de dotar tais acervos de significado arquivístico, resgatando a organicidade inicial dos documentos (LOPEZ, 2008, p. 9).

A partir disso, percebe-se a importância do estudo do contexto documental para os documentos arquivísticos e mais ainda para os documentos fotográficos de arquivo, já que há um desafio em identificar as inter-relações entre as atividades do titular de determinadas fotografias e os documentos por ele produzidos e/ou acumulados, conforme explicita Lopez (2008, p. 9).

1.3 DANÇA E DOCUMENTOS DE DANÇA

De acordo com Isabel Willadino (2012), não se sabe precisamente quando foi a primeira vez em que o homem dançou, no entanto há registros em cavernas que sugerem que a dança fazia parte da vida dos homens pré-históricos, o que pode indicar possíveis rituais religiosos. Para Gariba (2002, p. 1):

Com o desenvolvimento histórico do homem, os registros da dança pelos desenhos começaram a ser descritos pelo corpo. A dança é a mais antiga das artes, ou seja, o homem já traz consigo, desde os tempos primitivos, um corpo que se relaciona, que cria, que se expressa, que sofre repressões, que vibra, que se movimenta.

A dança, como fonte de prazer, de lazer, de comunicação é um meio para alcançar o conhecimento e criatividade. Além disso, é uma importante via de socialização e disseminação da cultura. Por meio da dança, diferentes povos podem conhecer as muitas diversidades culturais existentes no mundo. Barbanti (1994, p.150) considera a dança como “movimentos cadenciados incluindo passos e saltos, executados ao som e ao compasso da música”. Já Gariba (2002, p. 1) entende a dança como uma das formas de linguagem expressiva que é demonstrada por meio do corpo.

Como forma de ritual, a dança foi a primeira manifestação do homem. Em sequência cronológica, Sachs (1943) apresenta a evolução das danças: as circulares; as de imitação animal; as convulsivas; as em serpentina; as eróticas; as em círculo duplo; as funerárias; as com máscaras; as em pares; as em diversos círculos as em que homens e mulheres se colocam em linhas opostas; as em pares mistos; as em pares abraçados; e as do ventre. Sendo dança individual, em par ou coletiva, todas derivam do mesmo movimento natural do corpo humano.

Durante a história das civilizações, a dança teve um papel de grande importância, uma vez que se desenvolveu como atividade artística, com objetivo de lazer. Na Idade Média, a dança perdeu um pouco de espaço, mas ganhou força no período do Renascimento, quando as danças populares, danças de corte e *ballettos* se desenvolveram.

A dança de salão, então, teve a sua origem nas danças sociais, na corte francesa, durante o reinado de Luís XIV, segundo Little (1975). As chamadas danças sociais, de acordo com Paula (2008, p.12), eram praticadas por pessoas comuns, em festas de confraternização, o que propiciava o estreitamento das relações de amizade, romance, parentesco etc. Já as danças de salão são chamadas assim, porque requerem amplas salas para os dançarinos desenvolverem livremente os seus movimentos. Além disso, a sua prática teve início nos salões das cortes europeias.

Segundo Volp (1994), a dança de salão pode ser definida como uma modalidade da dança em que os dançarinos sincronizam passos e figuras aos pares, ao som de uma música. Os pares devem se manter dentro das normas sociais de contato entre si e entre os demais dançarinos. Na Europa do século XIX, a valsa foi a dança de salão mais popular. Era dançada em círculo em volta do salão com os casais executando várias figuras com uma das mãos dadas. A influência da valsa fez surgir outras vertentes, como a valsa vienense e valsa lenta.

A partir da valorização da dança de salão na Europa, as colônias da América, Ásia e África começaram a ser influenciadas. A dança de salão, então, passou a ser divulgada pelo mundo todo e acabou tornando-se em um divertimento popular entre os povos. No Brasil, por exemplo, a dança foi trazida pelos colonizadores portugueses no século XVI e influenciada por imigrantes de outros países da Europa, além dos povos indígenas e africanos. Como resultado dessa influência cultural, tivemos o surgimento de muitas danças.

Após o surgimento de várias danças, no século XX, houve um movimento na Europa de tentativa de organização e estruturação das danças de salão. Primeiro, dividiu-se a dança entre a social (de lazer) e a de competição. A dança com o fim de competição, chamada dança esportiva, possui 10 danças como modalidade, sendo cinco *standards* e cinco latinas. As danças *standards* são: valsa, valsa vienense, *quickstep*, *slowfox* e tango. Já as danças latinas são: rumba, *cha-cha-cha*, *pasodoble*, *jive* e samba.

A família real portuguesa quando veio para o Brasil, em 1808, trouxe hábitos sociais europeus, incluindo dança e o costume de bailes, eventos sociais importantes e populares. Com a influência dos imigrantes, povos indígenas e africanos e por se tratar de um país continental, o Brasil apresenta uma rica diversidade na dança. Considerado a primeira dança de salão brasileira, o maxixe tem origem em torno de 1870. Do maxixe, nasceu o samba que é ramificado em vários tipos, como samba de roda, samba enredo, samba canção, samba breque, samba de gafieira, entre outros.

Nos anos 1960, a dança de salão sofreu decadência, por conta crescimento do rock e das discotecas. No entanto, durante a década de 1980, surgiu a lambada como fusão dos ritmos caribenhos. Juntamente com o forró, que também conta com uma variedade no forró, como baião, xote e xaxado, ocorreu o retorno significativo da dança de salão no país.

Para Perna (2001), a lambada é uma dança nacional que hoje em dia é dançada ao som de zouk. Ainda para o mesmo autor, a dança zouk é dançada nas Antilhas. No Brasil, tem-se apenas a lambada ao som de zouk. Essa afirmação é justificada pelo fato de que a lambada deixou de ser modismo e o nome “zouk” seria melhor para vender para o mercado. Para outros autores, como Ruthes (2007), o zouk seria uma espécie de evolução da dança zouk das Antilhas francesas.

Para além das definições apresentadas em relação a dança zouk, seja uma evolução da dança zouk das Antilhas francesas, seja lambada ao som da música zouk, fato é que no Brasil e, mais especificamente, no Distrito Federal, essa dança tem se tornado mais popular nos últimos anos. Professores mais antigos do DF, defendem que a origem do zouk no Brasil é uma evolução de outras danças, inclusive evolução da lambada. Não à toa, há uma vertente de zouk chamada lambazouk, que é justamente a junção das duas danças, lambada e zouk. Inclusive, o zouk é popularmente conhecido como “zouk brasileiro”.

O DF, apesar de ser conhecido como o lugar que abrange a capital do país, Brasília, também é composto por várias Regiões Administrativas. Além

disso, é considerado Patrimônio Cultural da Humanidade, de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - Unesco. De modo mais específico o DF

[...] é a menor unidade da Federação, criada para abrigar a capital do País, e a única que não possui municípios. É um ente da estrutura político-administrativa do Brasil, sendo caracterizado como um ente especial, que acumula competências legislativas reservadas aos estados e municípios. Sua localização, no centro da Nação, foi um importante fator de integração do território nacional. (CODEPLAN, 2020, p. 14).

Com o objetivo de levar a capital para o centro do Brasil, o DF surgiu como parte dessa transição do litoral para o centro do país. Os principais objetivos para essa transição estão relacionados à integração, desenvolvimento e ocupação do livre território na região central, além da proteção de ataques nos litorais. Em 1956, o presidente Juscelino Kubitschek promoveu um concurso para o projeto urbanístico da nova capital, no qual o ganhador foi o arquiteto e urbanista Lucio Costa.

A partir da construção de Brasília, que teve início em outubro de 1956 e foi inaugurada em 21 de abril de 1960, ocorreu na região do Distrito Federal “um intenso processo migratório, provocando o adensamento populacional. Com o aumento da população, novos núcleos urbanos foram criados e o número de Regiões Administrativas passou de 8, em 1964, para 33, atualmente.” CODEPLAN, 2020, p. 55). Assim, a população do DF foi formada por pessoas de diversas regiões do país, incluindo as pessoas que já residiam no estado de Goiás.

Hoje em dia, da população que compõe o DF, 55,3%¹⁴ nasceram na região, enquanto 44,7% nasceram em outros Estados. Desses 44,7%, 22,37% são da região nordeste do Brasil. Podemos perceber a influência de outras culturas para a criação da cultura do DF. No entanto, a presença da cultura nordestina é a mais evidente, na gastronomia, na arte, na música e até mesmo na dança. Exemplo disso é o forró, música e dança bastante disseminada no Nordeste e no DF também.

¹⁴ Dados retirados do Atlas do Distrito Federal 2020, realizado pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal – CODEPLAN.

Apesar da influência nordestina ser muito grande e o forró ser uma das maiores danças a dois praticadas no DF, o cenário do zouk tem crescido consideravelmente na região, beneficiando diversos atores direta ou indiretamente, como professores, DJ's, produtores de eventos, fotógrafos, fornecedores de artigos de dança (roupa, sapato etc.), pesquisadores, entre outros.

Em 2008, quando precisei fazer uma mudança do Rio de Janeiro, o Distrito Federal me acolheu e, a partir daquele encontro, me mostrou vários aspectos culturais diferentes dos que eu estava acostumada. A dança de salão e, mais especificamente, o zouk foram os grandes responsáveis pela motivação em fazer essa pesquisa, além da influência da minha área de atuação. Nesse sentido, busco aqui, como objetivo específico primeiro, identificar os arquivos fotográficos de dança de salão no Distrito Federal.

Ao incluir a dança no meio de documentos arquivísticos, há vários tipos documentais inseridos no cenário de produção de um evento de dança, pois nesse processo existem diversas pessoas físicas e jurídicas, como organizadores, DJ's, professores, dançarinos, fotógrafos, entre outros, que geram demandas para a criação de documentos. Nesse âmbito, pode-se pensar em documentos convencionais, como os ingressos vendidos e o contrato firmado com o DJ e o fotógrafo. Para além dos registros textuais, a dança se faz com imagens e registros audiovisuais, ou seja, para Rossi (2009, p. 12), “o objetivo da fotografia é registrar o gesto no seu momento de ápice, ou seja, naquele tempo de relativo repouso no qual o corpo começa a inverter o movimento”.

Ademais, de acordo com a mesma autora, “as coleções fotográficas revelam-se a mais abundante fonte documental acumulada pelas companhias de dança”. No caso deste estudo, pode-se relacionar a importância das fotografias ao contexto organizacional dos bailes de dança.

CAPÍTULO 2 – PERCURSOS METODOLÓGICOS

Para a construção da pesquisa, foi necessária a adoção de dois métodos de pesquisa: levantamento e estudo de caso. O estudo em questão pode ser caracterizado como uma pesquisa construtivista. Para Creswell (2010), o construtivismo é uma alegação do conhecimento, na qual o pesquisador pretende buscar a complexidade dos pontos de vista das experiências dos indivíduos. Assim, o pesquisador precisa ouvir, cuidadosamente, o que os participantes dizem e observar o que fazem nos ambientes em que vivem. Além disso, entender os contextos em que as pessoas vivem, estudam, trabalham e se relacionam pode contribuir para a compreensão da história do participante.

Levando em consideração o estágio de desenvolvimento do conhecimento a respeito do fenômeno investigado, o propósito de pesquisa adotado é o descritivo. De acordo com Triviños (2008), para descrever fatos e fenômenos de determinada realidade, a pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o objeto de pesquisa. Isto é, o estudo de caráter descritivo busca o entendimento do fenômeno com um todo, na sua complexidade.

Em paralelo ao construtivismo e à pesquisa descritiva, adota-se uma abordagem qualitativa, uma vez que atribuem significado a problemas sociais e humanos, procurando entender o mundo em que vivem. Segundo Flick (2009), a pesquisa qualitativa analisa experiências de indivíduos ou grupos; examina interações e comunicações que estejam se desenvolvendo; e investiga documentos ou traços semelhantes de experiências e interações.

Considerando essa caracterização da pesquisa, adotou-se o método de pesquisa levantamento. Esse método, de acordo com Fowler (2011), consiste no processo de perguntar a uma amostra de pessoas de uma população, a ser definida de acordo com o interesse da pesquisa, uma série de perguntas, coletar e analisar as respostas obtidas com o objetivo de descrever aquela população.

As técnicas mais frequentes de levantamento são questionários e entrevistas. A entrevista, conforme Poupart (2012), é um meio privilegiado de alcançar a realidade, sobretudo quando se busca conciliar e articular abordagens objetivas e subjetivas, trazendo à tona tanto a interpretação dos sujeitos, quanto o contexto e historicidade que o tangenciam. Portanto, utilizou-se a entrevista, por constituir em uma técnica apropriada para estudos construtivistas e de abordagem qualitativa.

Para Kvale (1994), o pesquisador que se propõe a realizar entrevistas necessita possuir materiais como gravador, canetas, câmera, bloco de anotações etc. Diversos autores, como Flick (2012), Kvale (2011) e Gaskell (2002) apontam a necessidade de elaboração de um roteiro prévio, um documento que norteie a entrevista, conhecido como tópico guia. O tópico guia serve para guiar o pesquisador em relação aos objetivos da pesquisa, funcionando como um lembrete. Para alcançar os objetivos deste estudo, os recursos mais adequados são roteiro de entrevista semiestruturada (tópico guia), bloco de anotações e gravador de áudio.

Conforme aborda Duarte (2004), ao longo de todo o processo de análise, o material empírico pode ser lido/visto/interpretado à luz da literatura científica de referência para o pesquisador, que então produzirá teoria articulada ao conjunto de produções científicas com o qual dialoga com a interpretação das entrevistas abertas ou semiestruturadas, pode-se adotar o recurso de análises temáticas. Isto é, toma-se um conjunto de informações recolhidas junto aos entrevistados e organiza-se em três ou quatro eixos temáticos, articulados aos objetivos da pesquisa. Considerando que esta investigação utiliza as percepções dos usuários de um evento de dança, adota-se a codificação temática para analisar e discutir os dados obtidos por meio de entrevista.

O estudo de caso, para Goode e Hatt (1979), é um meio de organizar os dados, preservando o caráter unitário do objeto estudado. Esse método considera a unidade como um todo, incluindo as influências ao seu redor, como pessoas, famílias, conjunto de relações ou processos etc. Já para Lüdke e André (1986), o estudo de caso deve ser o estudo de um caso, simples e

específico ou complexo e abstrato, sempre bem delimitado. Apesar de ter semelhança com outros métodos, o estudo de caso tem interesse próprio, único e particular.

A grande característica do estudo de caso, segundo Stake (2000), é o foco em casos individuais, não somente pelos métodos de investigação que pode abranger. Para o autor, nem tudo pode ser considerado um caso, já que um caso pode ser considerado como uma unidade específica, um sistema delimitado cujas partes são integradas. No entendimento de Yin (2001), “o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes”.

O estudo de caso é uma pesquisa empírica abrangente, com procedimentos preestabelecidos, que investiga um ou múltiplos fenômenos contemporâneos. Nesse caso, o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e coloca ênfase em compreender o que está acontecendo a partir da perspectiva do participante ou dos participantes do estudo. A utilização desse método deve priorizar questões de “como” ou “por que” e quando não se pode manipular comportamentos relevantes.

Além disso, pode-se utilizar diversas fontes de evidência na adoção desse método, como entrevistas, observações, documentos, entre outros. Yin (2001) apresenta três situações em que é apropriado utilizar o estudo de caso: (i) quando o caso é crítico para se testar uma hipótese ou teoria explicitada; (ii) quando o fato do caso é extremo ou único; (iii) quando o caso é revelador (evento ou fenômeno até então inacessível à pesquisa científica).

Esses estudos pretendem, então, demonstrar os contextos, fenômenos e relações estabelecidas por indivíduos e/ou populações. Assim, a presente pesquisa observa e descreve os diversos contextos documentais presentes nas fotografias de dança, dependendo de cada tipo de usuário da dança, como professor, aluno, dançarino, fotógrafo e organização do evento. Além do mais, ajuda a entender a necessidade do mapeamento dos contextos documentais

de uma fotografia na prática de arquivos fotográficos. Como pressuposto de pesquisa, entende-se que imagens iguais, inseridas em diferentes contextos, podem constituir documentos distintos, com diferentes objetivos e valores.

O Quadro 1 sintetiza os procedimentos metodológicos a serem utilizados nesta pesquisa.

Quadro 1: relação entre os objetivos específicos, o método, técnica para coleta de dados, fonte dos dados, universo da pesquisa e técnica para a análise de dados.

Objetivos específicos	Método	Técnica de coleta de dados	Fonte de dados	Universo e amostra	Técnica para análise de dados
Identificar os arquivos fotográficos de dança de salão no Distrito Federal	Levantamento	Pesquisa em base de dados Entrevista semiestruturada	Roteiro da entrevista, bloco de notas e gravador ¹⁵	Fotógrafos	Codificação e categorização temática
Mapear os contextos documentais em fotografias de dança de salão	Estudo de caso	Análise de documentos	Registros em arquivos	Arquivo fotográfico da Priscila Nayade	Montagem de quadro comparativo
Entender a necessidade dos contextos documentais de uma fotografia na prática de arquivos	Estudo de caso	Análise de documentos e pesquisas	Registros em arquivos e em pesquisas	Arquivos de modo geral	Redação de relatório comparativo

Fonte: elaboração própria.

¹⁵ Devido a Pandemia da COVID-19, a entrevista teve que ser realizada de forma on-line. A gravação ocorreu por meio da plataforma *Skype*.

2.1 IDENTIFICAÇÃO DE ARQUIVOS FOTOGRÁFICOS DE DANÇA DE SALÃO NO DF

O recorte da pesquisa está voltado para a dança de salão no Distrito Federal, porque em um levantamento bibliográfico prévio, realizado em cinco bases de dados¹⁶, percebemos que não há produções com os termos “dança”, “dança de salão”, “Distrito Federal”, e “fotografia”. Esses termos foram combinados¹⁷ de forma que pudéssemos encontrar referências sobre fotografia de dança de salão no Distrito Federal. O resultado das combinações pode ser visualizado na tabela 1.

As bases de dados escolhidas para esse breve levantamento foram: *Scientific Eletronic Library Online* – SciELO, Base de Dados Referencial de Artigos e Periódicos em Ciência da Informação – BRAPCI, Banco de Teses da Capes, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Ict – BDTD e Repositório Institucional da Universidade de Brasília – RI UnB. A escolha por essas bases se deu, por entendermos a relevância delas para o Brasil e para o mundo e, ainda, para a Ciência da Informação.

Ao realizar a análise do levantamento, percebemos que os trabalhos sobre dança mostram um resultado satisfatório. O recorte para fotografia de dança tem os resultados menores. Já dança no Distrito Federal, os resultados são insignificantes. Quando buscamos por dança de salão, os resultados se revelam mais tímidos. No entanto, não há produções relacionadas a dança de salão no Distrito Federal e até mesmo a fotografia de dança de salão.

Os números que apresentam um asterisco (*) na tabela se referem a resultados que não correspondiam com a busca realizada. A base de dados da UnB não retornou números fidedignos quando buscamos por “dança” AND “Distrito Federal”, “dança de salão” AND “Distrito Federal e “fotografia” AND “dança de salão”. Aparentemente, essa base não trabalha com operadores booleanos, mesmo quando fazemos a pesquisa no menu “busca avançada”. Os resultados foram conferidos por meio da leitura do título e resumo da obra.

¹⁶ Entendemos bases de dados como depósitos de documentos e/ou informação em meio digital. Não pretendemos aqui fazer qualquer distinção entre bases de dados, repositórios de informação e bibliotecas digitais e virtuais.

¹⁷ Utilizamos o operador booleano *AND*, para os cruzamentos dos termos.

A partir disso, vimos que não havia nenhuma correspondência para dança de salão no Distrito Federal e fotografia de dança de salão.

Tabela 1: tabela comparativa com a busca de palavras-chave em bases de dados.

LEVANTAMENTO DE TRABALHOS RELACIONADOS À DANÇA DE SALÃO NO DISTRITO FEDERAL						
Termos	Base de dados	Banco de				
		SciELO	BRAPCI	Teses da Capes	BDTD	RI UnB
Dança		385	17	3451	2458	229
Dança e Distrito Federal		1	0	12	10	58*
Dança de salão		13	0	65	38	4
Dança de salão e Distrito Federal		0	0	0	0	2*
Fotografia e dança		9	1	86	144	56
Fotografia e dança de salão		0	0	0	0	2*

Fonte: elaboração própria.

A partir dos resultados desse levantamento bibliográfico, resolvi fazer um paralelo com os termos. Dessa vez, incluí “acervo”, “acervo fotográfico”, “arquivo” e “arquivo fotográfico”. A escolha por esses novos termos é uma tentativa de afinar os resultados e alinhá-los com os objetivos dessa pesquisa. Nesse caso, “acervo” e “arquivo” foram tratados como sinônimos, apesar de já sabermos a diferença entre eles.

Para efeitos de comparação, as bases de dados continuaram as mesmas. Combinei os novos termos com a temática presente neste trabalho, já incluídos no primeiro levantamento: dança, dança de salão e Distrito Federal. O resultado desse levantamento pode ser observado na tabela 2.

Ao realizar a análise do levantamento, percebemos que os trabalhos relacionados com acervo e/ou arquivo no Distrito Federal apresenta grandes

resultados. No entanto, os trabalhos relacionados com acervo e/ou arquivo de dança e/ou dança de salão são bem menores. Além disso, quando restringimos a pesquisa para acervo fotográfico e arquivo fotográfico de dança ou de dança de salão, o resultado é bem escasso.

Os números que apresentam um asterisco (*) na tabela se referem a resultados que não correspondiam com a busca realizada. Aparentemente, os motivos para o ocorrido se devem ao fato de algumas bases não trabalharem com operadores booleanos. Isto é, quando colocamos dois termos “acervo” AND “dança”, por exemplo, as bases trazem resultados de pesquisas para os dois termos de forma separada. Assim, os resultados são maiores do que são de fato, já que os resultados deveriam ser dos termos em conjunto. A partir desses dados, decidi trabalhar com os documentos de dança de salão aqui do Distrito Federal.

Tabela 2: tabela comparativa com a busca de palavras-chave em bases de dados.

LEVANTAMENTO DE TRABALHOS RELACIONADOS À DANÇA DE SALÃO NO DISTRITO FEDERAL						
Termos	Base de dados	SciELO	BRAPCI	Banco de Teses da Capes	BDTD	RI UnB
Acervo fotográfico e dança		0	0	29	10	5
Acervo fotográfico e dança de salão		0	0	29*	0	2*
Acervo fotográfico e Distrito Federal		0	1	37	13	19
Arquivo fotográfico e dança		0	0	29*	24	10
Arquivo fotográfico e dança de salão		0	0	29*	0	4*
Arquivo fotográfico e Distrito Federal		0	1	37*	15	26
Arquivo e dança		0	0	24	382*	58
Arquivo e dança de		0	0	24*	4	10

salão					
Arquivo e Distrito Federal	0	7	61	371	2498*
Acervo e dança	0	1	32	40	38
Acervo e dança de salão	0	0	32*	0	4*
Acervo e Distrito Federal	0	7	68	102	1119*

Fonte: elaboração própria.

Em uma busca realizada no site da Secretaria da Cultura do Governo do Distrito Federal – GDF e, mais precisamente, no site do Centro de Dança do DF, não encontramos nenhum tipo de informação relacionada com os documentos fotográficos ou qualquer outro meio que poderia ser utilizado para resguardar a história e memória da dança. Assim, entramos em contato com o Centro de Dança do DF, mas a Instituição respondeu que não tem nenhuma listagem com os fotógrafos de dança. Com a pandemia do COVID-19, não foi possível ir até o local para realizar uma pesquisa no acervo arquivístico da Instituição.

Alguns fotógrafos, como a Mila Petrillo, possuem um trabalho com a dança mais difundido no Brasil. Mila nasceu no Rio de Janeiro, mas é na cena cultural da capital federal que ela se destacou. Na década de 80, Mila trabalhou como fotojornalista no caderno de cultura do Correio Braziliense¹⁸ e acompanhava o processo artístico de companhias de teatro e dança. Em 2019, o projeto “Por Outras Lentes”, de digitalização e recuperação de fotografias, da Fundo de Apoio a Cultura – FAC, em parceria com a Secretaria de Estado de Cultura do DF, digitalizou cerca de 10 mil imagens do acervo pessoal de Mila Petrillo. O projeto culminou em uma exposição “Ato – Teatro e Dança por Mila Petrillo”, no Museu Nacional, em Brasília, que traz parte da produção em teatro e dança no DF entre os anos 1985 e 2000. Apesar da Mila ter fotografado a dança, percebe-se que o foco dela era a arte cênica e a dança dentro do teatro.

¹⁸ Jornal de destaque em Brasília/DF.

Ao realizar uma busca por outros fotógrafos que trabalharam ou que ainda trabalham com a dança, percebemos que a maior parte dos resultados encontrados são para fotógrafos de teatro e dança, fotógrafos de espetáculos de dança e fotógrafos que trabalham com balé (normalmente, são os mesmos que trabalham com os espetáculos de dança). Desse modo, percebemos que não há fotógrafo de dança de salão evidenciados no território nacional e que há poucos fotógrafos de danças, em geral, que possuem uma carreira relevante.

Sabemos que grande parte dos fotógrafos ganham destaque dentro do próprio meio artístico. É o que acontece na dança de salão do DF e Priscila Nayade é um desses casos. As fotografias dela começaram a viralizar dentro do meio da dança de salão e, em especial, dentro do meio do zouk, uma vez que ela iniciou o seu trabalho nessa dança. As fotografias da Priscila ganharam evidência com as postagens realizadas na rede social Facebook. A fotógrafa publicava as fotos e, em seguida, essas começavam a ser curtidas, comentadas, compartilhadas e o perfil das pessoas que aparecem nas fotos poderia ser marcado. Diante desse cenário de aparente inexistência de outro arquivo fotográfico de dança de salão, adotamos o arquivo da Priscila Nayade como estudo de caso.

2.2 ARQUIVO FOTOGRÁFICO DE PRISCILA NAYADE

Como a divulgação das fotografias da Priscila Nayade era feita de modo mais informal e, como não existe nada escrito sobre ela, tivemos que recorrer a uma entrevista, para poder entender um pouco mais sobre a história da fotógrafa e do seu arquivo. A entrevista foi realizada de forma on-line, por conta da pandemia do COVID-19. Essa contou com um roteiro semiestruturado, bloco de notas e a gravação da própria plataforma utilizada que foi a *Skype*. Antes, realizamos uma entrevista teste com o fotógrafo Danilo Carvalho que, de vez em quando, fotografa a dança de salão. A realização do teste visou testar a plataforma e o roteiro. Após a entrevista teste, modificamos pequenos detalhes no roteiro, que pode ser visualizado no apêndice A, e marcamos a entrevista com a Priscila. A entrevista foi realizada no dia 15 de julho de 2019 e

teve duração de 54 minutos e 40 segundos. A gravação da entrevista pode ser lida no apêndice C. Além do roteiro e da gravação da entrevista, também podemos ver o modelo de Termo de Autorização de uso de entrevista em áudio e vídeo no apêndice B, que foi preenchido e assinado por Priscila Nayade¹⁹.

O roteiro e a análise foram divididos em tópicos para facilitar o entendimento. O primeiro tópico “conhecendo a fotógrafa” é composto por cinco perguntas principais que se referem a trajetória dela na fotografia e na dança. O segundo tópico “conhecendo o trabalho da fotógrafa” possui quatro perguntas fixas e consiste em saber como o trabalho dela é desenvolvido. Já o terceiro tópico “conhecendo o arquivo da fotógrafa” tem cinco perguntas que visam conhecer o acervo arquivístico da Priscila. O quarto tópico “conhecendo a divulgação da fotógrafa” tem 4 perguntas e se refere aos aspectos envolvidos à maneira que a fotógrafa encontrou para divulgar o próprio trabalho. Por fim, o último tópico “identificação das funções e dos usuários” tem quatro perguntas e aborda o entendimento da fotógrafa acerca dos usuários que acessam as fotos dela e as possíveis funções documentais para cada tipo de usuário.

2.2.1 CONHECENDO A FOTÓGRAFA

Priscila Nayade é formada em Letras e sempre teve a fotografia como um *hobby*. Desde pequena, ela tirava fotos dela mesma o tempo todo e era a pessoa responsável por tirar fotos da família. Com o intuito de interagir com outras pessoas após o término de um relacionamento, ela começou a fazer aulas de zouk em 2009. Segundo ela, na época, o zouk era muito recente em Brasília, diferentemente de outras danças latinas, como a salsa. Depois de ter conhecido o zouk, Priscila começou a fazer outros tipos de dança, como o balé e *jazz*. Sua relação com a dança, até então, sempre foi de consumidora, fazendo aulas e indo para diversos eventos, como bailes, *workshops* e congressos.

¹⁹ Colocamos apenas o modelo do Termo de Autorização de uso de entrevista em áudio e vídeo, para que as informações pessoais de Priscila Nayade fossem preservadas.

Para Priscila, tanto a dança individual, quanto a dança de salão, ou dança a dois, são fundamentais para socialização, conhecer pessoas novas, expressão corporal, mudança no jeito de lidar com o próprio corpo. Além disso, a dança abre caminhos para o autoconhecimento e para a experimentação de novas possibilidades dentro da dança. Sendo assim, ela resolveu experimentar o *hobby* que já tinha no mundo da dança no qual pertencia. Com uma câmera nas mãos, Priscila foi até um evento de dança e começou a fotografar as pessoas que ali estavam. “E foi aí que eu comecei a gostar dessa parte e a desenvolver uma linguagem artística nessa parte” conta.

Priscila revela que não possuía qualquer tipo de fundamento teórico ou técnica em relação a fotografia, carregava uma base puramente empírica. Depois de um tempo, seis/sete meses, largou o emprego como professora e resolveu tentar empreender na área da fotografia. Dessa forma, continuou nos eventos de dança e foi desenvolvendo uma percepção sobre fotojornalismo e fotografia contemporânea²⁰. Segundo Priscila, há a possibilidade de mesclar fotojornalismo e fotografia contemporânea para chegar na fotografia de dança de maneira mais artística do que simplesmente realizar o registro apenas pelo registro.

Quando a Priscila começou a realizar as fotografias de dança, não havia muitas informações sobre essa área. Voltando às tabelas 1 e 2 desta pesquisa, podemos verificar que os trabalhos referentes a fotografia e dança ainda são muito poucos se comparados aos trabalhos de dança no geral. Se levarmos em conta que as bases de dados pesquisadas, normalmente, repetem o mesmo resultado, temos uma média de 144 trabalhos sobre fotografia e dança apenas. De acordo com Priscila, “Não se tem muitas informações sobre, porque não é uma área que as pessoas, realmente, estudam, já que se mescla muito com fotojornalismo [...]”. Ainda, segundo ela, fotojornalismo nada mais é do que a representação da memória, o registro de um tempo real, a captação da

²⁰ Fotojornalismo é uma ramificação da fotografia que está voltada para, como bem o nome diz, o jornalismo. A fotografia jornalística é um veículo da imprensa para observação, informação, análise e opinião. Já a fotografia contemporânea é uma ramificação da fotografia mais voltada para a arte, isto é, a fotografia como contemporânea a arte. Não é intuito deste trabalho se aprofundar nessas temáticas. Para uma análise mais profunda sobre fotojornalismo e fotografia contemporânea, ver, respectivamente: Sousa, 2002 e Poivert, 2015.

essência do momento. No entanto, “a dança tem algumas particularidades em teor de arte, que é diferente de você fotografar, por exemplo, de uma maneira urbana” diz. Desse modo, quem estuda fotografia de dança, não possui muita referência teórica, precisa realizar experimentação. Priscila acredita que caminhar ao lado da área de fotojornalismo e mesclar com fotografia contemporânea é o caminho certo a trilhar.

Para Priscila, fotografar a dança de salão foi um processo que partiu de dentro para fora, sendo um espelhamento da vida dela. Registrar o processo da dança de salão nas outras pessoas se tornou muito prazeroso, pois ela já tinha vivido aquilo. Quando ela entendeu a própria dança, entendeu todas as possibilidades e caminhos que poderia surgir a partir dali. A fotografia de dança permitiu que ela olhasse para a dança, literalmente, de outro ângulo. Ou seja, ao olhar por outro ângulo, ela percebia a dança de uma maneira diferente e, assim, poderia fazer parte dos registros de eventos. Ela acha que, se não há registro de um evento, é como se ele não tivesse acontecido, uma vez que não tem como mostrá-lo para ninguém. Desse modo, o registro capta a existência do evento e a existência da dança em si. Priscila também considera que a fotografia, e arte em um todo, possuem papel fundamental no registro de momentos que não voltam mais. O registro da escrita, da cultura, da fotografia tem a capacidade de congelar o passado, segundo ela.

A fotógrafa considera que há duas grandes dificuldades quando se trata de fotografia de dança: desvalorização da produção e sensibilidade para captar momentos significativos de cada evento. A primeira dificuldade está interligada ao que já foi citado anteriormente, que é a desvalorização cultural no país, principalmente, no que tange a dança e a dança de salão especificamente. Para Priscila, por conta da questão cultural e artística do Brasil, os organizadores de eventos de dança de salão apresentam dificuldades para manter um evento com qualidade a um preço acessível e justo. Isso reverbera no suporte financeiro e de trabalho na equipe contratada para a produção do evento.

Já a segunda, está relacionado ao lado artístico desse tipo de fotografia. Priscila considera que “fotografar por fotografar, clicar, apertar um botão não

faz de você um fotógrafo.”. Isso é, é necessário ter muita sensibilidade no olhar fotográfico e na percepção de mundo. Aliado a isso, ela considera ter uma vantagem, uma vez que já fazia parte da dança de salão antes de começar a fotografar. Ou seja, diz que consegue prever algumas fotos mais facilmente, já que já tem noção de onde determinado movimento vai acabar. Ademais, outra vantagem de ser fotógrafa de dança, para ela, é o fato de poder fotografar e conhecer qualquer lugar do país e do mundo, pois existe eventos de dança por todas as partes.

Quando perguntamos se ela se sentia precursora da fotografia de dança em Brasília e no Brasil, Priscila nos respondeu que em Brasília sim, porque ela já estava há muitos anos na dança para saber que não havia registros de eventos de dança. Ela nos conta que até aquele momento, os fotógrafos que apareciam em alguns eventos de dança não eram conhecidos e, após o evento, ninguém tinha acesso as fotos. Não havia a terminação “de dança”, ou seja, os fotógrafos não possuíam qualquer tipo de especialização.

Priscila não esperava que suas fotografias pudessem ter a repercussão que deu e, também nos conta que, no Brasil, já existiam duas grandes empresas que cobriam eventos de dança antes dela começar a fotografar. No entanto, eram fotografias parecidas com as de festas comuns, em que se junta um grupo de pessoas e se tira a foto, como se fosse um retrato, diferente das fotografias das pessoas dançando que ela fazia. Ela confirmou que, nesse sentido, pode se considerar precursora da fotografia de dança no Distrito Federal, porém supõe que não se pode afirmar que foi ela quem inventou esse tipo de fotografia.

Figura 1: exemplo de fotografia realizada antes do trabalho de Priscila Nayade.



Fonte: fotografia retirada da página do Facebook "Forró Ispilicute".

Perguntamos para Priscila se ela trabalhou apenas com eventos de zouk ou se fotografou outros tipos de dança. Ela nos respondeu que no começo ficou só com o zouk e, depois, foi abrangendo outros estilos de dança de salão. Ela trabalhou em eventos de forró, samba, *west coast swing* e apresentações de danças individuais. No entanto, a maioria dos eventos que cobriu foi de zouk, porque possui maior quantidade de eventos, segundo ela.

Hoje em dia, Priscila trabalha com ensaios individuais e fotografia feminina. “Apesar da dança ter me dado muita coisa, o feminino me despertou um lado que eu não tinha antes, quando estava só com a dança.”, conta. Ela também já trabalhou com casamentos, mas achou muito tradicionalista, já com a fotografia feminina, tem a liberdade de criação maior. Disse que, em 2019, diminuiu, consideravelmente, os trabalhos com a dança, por conta da desvalorização cultural dessa arte no país. De 2016 a 2018, Priscila só fez evento de dança, praticamente. Sempre emendava uma viagem na outra e

fazia muitos eventos no Distrito Federal também. A agenda dela sempre foi muito cheia, porque não existia outra pessoa que fizesse um trabalho igual ao dela e porque ela não conseguia delegar essa tarefa para ninguém.

2.2.2 CONHECENDO O TRABALHO DA FOTÓGRAFA²¹

A partir do contato de um organizador de evento com ela, via Instagram ou Facebook, o trabalho de Priscila era acordado. Nesse contato, Priscila perguntava a quantidade de dias de evento, quantas horas de trabalho, qual tipo de evento (baile, congresso, *workshop*), quantidade de bailes, temas dos bailes etc. Após isso, Priscila passa um orçamento com todas as possibilidades. Se ela tiver que viajar, passagem, hospedagem e alimentação devem estar contabilizadas a parte do cachê que ela recebe.

Durante o evento, Priscila leva o seu computador e já passa as fotos para ele. Após isso, seleciona e edita as fotos, de acordo com o estilo de cores e temas do evento, para que as fotografias estejam em harmonia com a decoração do evento. A entrega das fotografias é feita de forma digital, por meio de um HD, Pen Drive ou Nuvem. Mas, o principal, é que essas fotos sejam postadas em um álbum no Facebook. Nessas postagens, as fotografias levam marca d'água, do evento e a da Priscila. A fotógrafa nos conta que não há um documento contratual, isto é, o trabalho é realizado de modo informal. Ela presume que deveria ter contrato, mas que isso sempre fica em segundo lugar, por conta da burocracia. O pagamento é feito depois do evento ou da forma como foi acordado.

Depois de ter fotografado em um evento internacional, realizado em Brasília/DF, com quatro meses na área da fotografia de dança, a visibilidade do trabalho dela começou a aumentar, porque muitos alunos, professores e dançarinos de outros lugares do país e do mundo estiverem presentes nesse evento. A partir disso, a demanda pelo trabalho dela cresceu

²¹ Em uma conversa pessoal, Priscila contou que a câmera que ela usava na época dos eventos de dança era a Canon 6D Mark I, com a lente 24-70mm 2.8 e flash dedicado em modo manual entre 1/32 e 1/64.

consideravelmente, porque outros eventos queriam ter a qualidade de fotos que ela proporcionava. As cidades com a maior quantidade de trabalho que ela fez fora do Distrito Federal foram Rio de Janeiro e São Paulo. Então, o fato de ela ter trabalhado em outros lugares foi por demanda, consequência do trabalho dela.

A maior parte dos eventos que Priscila trabalhou no Distrito Federal, foram na Região Administrativa do Plano Piloto. Ela já fotografou nas Regiões de Taguatinga e Águas Claras, mas foram trabalhos que não se desenvolveram, porque os eventos de zouk costumam ser no Plano Piloto. Segundo ela, esses eventos necessitam estar preparados para suportar a quantidade de pessoas, o som, a entrada, a segurança etc. Desse modo, acaba faltando opções de ambientes que comportem tais requisitos. Então, os eventos ficam sempre no mesmo espaço.

Em relação aos tipos de evento que a Priscila trabalha, ela nos conta que fotografou bailes avulsos, semanais ou que possuem certa sazonalidade (podem acontecer 1 vez no ano, todo ano) e congressos²², principalmente. A rede de produção de eventos de dança em Brasília é muito grande, de acordo com ela. Sobre outros tipos de trabalhos de dança, Priscila já fotografou dançarinas que queriam ter um ensaio sensual voltado para a dança e já fotografou casais de dança que precisavam de fotografias para divulgação. No entanto, esse tipo de fotografia não foi feito em grande quantidade e um dos motivos, segundo Priscila, é por questões financeiras. Os profissionais de dança não possuem uma situação financeira muito boa para fechar trabalho com ela.

2.2.3 CONHECENDO O ARQUIVO DA FOTÓGRAFA

Priscila Nayade considera que o seu arquivo fotográfico é composto por fotografias de dança (de eventos ou ensaios relacionados à dança) e

²² Os congressos são eventos que possuem aulas durante o dia e bailes a noite e possuem duração de mais de dois dias.

fotografias femininas. Para ela, a quantidade e relevância de fotografias de casamento não é suficiente para constituir o seu acervo.

Em seu arquivo, Priscila só tem fotografias digitais, apesar de possuir câmera analógica. Ela nos conta que faz experimentações com a câmera analógica, mas essas ficam apenas em seu acervo pessoal. A impressão de fotos de dança é realizada apenas se alguém pede, mas ela diz que é muito raro isso acontecer. Já a impressão de fotografias femininas é mais comum, porque faz parte de alguns pacotes que ela oferece e devido a importância que as clientes dela dão para esses ensaios.

As fotografias impressas não ficam com ela, uma vez que essas vão para suas clientes, de acordo com o pacote adquirido. As fotografias analógicas e impressas que ela possui fazem parte de seu acervo pessoal. No entanto, Priscila se mostra a favor da impressão de fotografias e acredita que ela deveria ter mais fotos assim. Segundo ela, “Acho importante o registro impresso, porque... o papel ainda é uma das coisas mais duráveis que se tem, quando a gente fala de memória [...]. O computador é ótimo? É ótimo..., mas é diferente de você ter um álbum de família, é diferente você ter um álbum de casamento, um álbum de um ensaio [...]. Quando você guarda, você mostra, você pega, é uma coisa que não... não é digital, não é uma coisa que tá numa nuvem, um dado, uma codificação de dados, é uma coisa que está ali, na sua mão.”

O arquivo fotográfico de Priscila tem um quantitativo de 100 a 105 mil fotos. Ela teve dificuldade em quantificar o seu arquivo, mas considerou a quantidade de eventos e ensaios que já fez, tempo de trabalho e quantidade de gigas que guarda. Ademais, disse que já excluiu muita foto, tornando o processo de contabilização mais difícil ainda. De qualquer modo, desse total, 60-65% são fotografias de dança, porque o volume de momentos que se pode obter dentro de um evento de dança é muito maior que os momentos de um ensaio, de acordo com ela.

Para Priscila, as fotografias de dança permitem que as pessoas percebam quais foram as características mais fortes de um evento em relação

a outro. Para um produtor de eventos, isso é de extremo valor, porque ele pode mostrar para outros como determinado evento aconteceu e pode mostrar que aquela experiência pode ocorrer novamente. Isto é, a partir da fotografia, pode-se provar que o evento foi legal e que as pessoas se divertiram. Além disso, Priscila acredita que as fotografias têm um efeito emocional, de memória e saudosismo, para quem participa desses eventos. Às vezes, uma pessoa está tão envolvida com o evento que o único registro que ela tem foi a Priscila que tirou e isso é uma forma de memória, diz. Desse modo, o arquivo da fotógrafa se torna relevante para o registro da dança.

A organização do arquivo de Priscila Nayade é realizada de modo temporal: primeiro ela classifica por ano, depois por mês e, por fim, por evento. Ela também separa as fotografias de dança das fotografias femininas. As fotografias de eventos mais antigos, principalmente as do ano de 2016, já foram excluídas, porque são do início da carreira dela e já não a representa mais. Quanto ao armazenamento dessas fotografias, Priscila coloca em HD externo e faz um espelhamento em uma nuvem.

Ela guarda apenas as fotos editadas, que passaram por uma seleção previamente e tiveram os devidos ajustes realizados, porque as fotografias originais não possuem relevância para o seu trabalho. Fotos repetidas, desfocadas, com algum momento ruim ou que o flash estourou não faz sentido guardar, de acordo com Priscila. No entanto, ela diz ter de 60 a 70% de aproveitamento em fotografias de qualidade.

Em relação ao tratamento da informação, Priscila não acrescenta nenhum tipo de metadado em suas fotografias. Os únicos metadados que possuem são os de *copyright*²³ e *Exif*²⁴. Ela diz que esses metadados são suficientes para o trabalho que realiza. Quanto à edição das fotografias, ela utiliza o programa *Lightroom* e nos conta que, por meio desse programa, não há como saber muitas informações sobre a edição realizada na fotografia.

Priscila realizava descrição de suas fotografias, mas disse que esse trabalho ficou muito insustentável de ser realizado, por conta do número de

²³ Informações de direitos autorais.

²⁴ Metadados da própria câmera.

eventos que cobria. Então, a descrição de suas fotografias fica apenas em sua memória, ou seja, só ela sabe o que é e o que contém cada pasta de fotografias que está em seu HD e em sua nuvem.

2.2.4 CONHECENDO A DIVULGAÇÃO DA FOTÓGRAFA

A divulgação do trabalho de Priscila Nayade se deu a partir das redes sociais. Ela criou uma página comercial no Facebook e postava suas fotografias em álbuns. Também investia em gerenciador de anúncios da mesma plataforma. No entanto, percebeu que a maior divulgação que acontecia era por meio das pessoas que apareciam em suas fotos: a partir das marcações e compartilhamentos das fotografias de dança na própria rede social Facebook.

Um tempo depois, ela migrou para o Instagram, rede social conhecida por ser específica para imagens. Apesar de utilizar o Instagram, ela afirma que não fazia muito esforço para realizar a divulgação das suas fotos. Como ela foi a primeira a realizar as fotografias de dança, no meio da dança de salão, rapidamente aquelas fotografias viraram referência, ou seja, ela recebia muita indicação e muitos contatos de pessoas que gostaram do seu trabalho.

Em 2018, Priscila criou um site, mas utilizava-o mais para as fotos de casamento. Ela acredita que é importante para um fotógrafo ter um site para divulgar o seu trabalho, mas aponta que é necessário saber mostrar e distribuir a informação. Hoje em dia, com o trabalho voltado para as fotografias femininas, ela investe em tráfego pago e em produção de conteúdo.

Segundo a fotógrafa, não é tão difícil diferenciar quem é professor e quem é aluno nas fotografias dela, porque há uma identificação prévia do próprio evento, por meio de uma diferenciação na vestimenta (às vezes a camiseta do professor e de uma cor diferente da camiseta do aluno e/ou há a descrição na parte de trás da mesma). Quando não existe essa diferenciação, dá para perceber observando a composição das fotos: normalmente, há um círculo grande de pessoas e um casal no meio. Nessa composição, dá para

perceber que se trata de uma aula e pode-se visualizar quem está ensinando e quem está recebendo a informação.

Figura 2: exemplo de círculo formado em evento de dança com casal de professores no meio. Também há vestimenta diferenciando aluno e professor.



Fonte: fotografia retirada da página do Facebook "Pri Nayade Fotografia".

No entanto, quando se trata de um evento de dança, no sentido de festa – ou baile, Priscila comenta que fica difícil reconhecer um professor ou um aluno ao olhar para a foto, porque todos dançam entre si e não há nada que os diferencie, nem o movimento e nem a vestimenta. A não ser que a pessoa em questão já seja conhecida ou se as fotos das aulas foram visualizadas previamente, então, nesse caso, é possível diferenciar os usuários.

Figura 3: exemplo de fotografia de um baile de dança, em que não se pode diferenciar quem é aluno e quem é professor.



Fonte: fotografia retirada da página do Facebook "Pri Nayade Fotografia".

Em relação aos usuários que compartilham e curtem as fotografias criadas nos álbuns da página do Facebook, Priscila nos conta que é possível identificá-los pela própria ferramenta. Como administradora da página, ela sempre é notificada quando ocorre algum compartilhamento de foto, curtida ou comentário. Ela também consegue medir a quantidade de compartilhamentos, por meio da plataforma. Na maioria dos casos, ela conhece as pessoas que interagem com a sua página. Mas, tem vezes, que mesmo a pessoa tendo participado do evento, ela não consegue reconhecê-la.

Perguntamos à Priscila como ela lida com o direito de imagem das pessoas que aparecem nas fotografias de dança que são postadas no Facebook. Ela acredita que essa questão de direito de imagem é um processo complexo, mas que é responsabilidade do organizador do evento, uma vez que ela foi contratada para realizar as fotografias e publicá-las. Isto é, ao contratar o

trabalho dela, o contratante também está pagando pelo direito de uso daquelas imagens. Por mais que as pessoas estejam em um evento, na maioria dos casos não há um termo de consentimento para a utilização das imagens.

Após alguns problemas relacionados a isso, eventos maiores passaram a adotar o termo de consentimento de uso da imagem no ato da inscrição. Mas, quando se trata de eventos menores, só bailes mesmo, realizar um termo de consentimento é uma tarefa mais difícil. Priscila diz que entende as pessoas que se sentem lesadas ao terem a sua imagem divulgada, mas diz que não é responsabilidade dela, nesse caso.

Apesar do direito de uso da imagem ser cedido ao contratante, Priscila posta a maior parte das fotos na sua própria página do Facebook. Segundo ela, a postagem das fotografias fica a critério do contratante, se for o caso, ela pode postar diretamente na página dele também, mediante permissão de acesso. Ela diz que nunca teve problema nenhum em relação a postagem das fotografias.

Na teoria, se alguém não gostar de uma determinada foto, deve pedir para o contratante retirar aquela fotografia. Porém, como Priscila faz postagens em sua página, algumas pessoas já pediram diretamente a ela que fotografias fossem retiradas. Segundo ela, as justificativas para o pedido são: a pessoa disse que ia para um lugar, mas foi parar em um evento de dança; a pessoa não gostou da foto; a pessoa ficou desconfortável vendo como apareceu na foto; ou a pessoa não gostou do rosto. A fotógrafa nos conta que já aconteceu também de uma pessoa falar diretamente com ela para não ser fotografada. De todo modo, Priscila diz que essas situações aconteceram de forma muito tranquila e educada, sem ter qualquer tipo de desentendimento para deletar as fotografias.

2.2.5 IDENTIFICAÇÃO DAS FUNÇÕES E DOS USUÁRIOS

O documento fotográfico de dança representa para Priscila uma prova do seu trabalho. Ela enxerga como prova do que ela sabe fazer e que ela faria

em qualquer momento de sua vida, mesmo que esteja trabalhando em outra área atualmente. A fotografia de dança faz parte de seu arquivo e de seu conhecimento. Além disso, o documento fotográfico comprova que ela foi precursora desse tipo de fotografia, que ela desenvolveu um lado artístico para as fotografias realizadas em eventos de dança, que ela estabeleceu parâmetros para essas fotografias e que ela foi inspiração para outras pessoas iniciarem trabalhos nessa área.

Priscila Nayade acredita que os documentos resultantes de seu trabalho, além de serem prova, também são um legado que ela deixou para o ambiente da dança de salão. Ela não gosta de utilizar o termo recordação, porque entende esse termo como algo que ficou no passado e não acontece mais. Já o legado seria algo que persiste, que ainda leva o nome dela para o público da dança. Ademais, os documentos fotográficos de dança já não servem mais como forma de divulgação do seu trabalho, uma vez que atualmente ela trabalha em outra área da fotografia. Apesar disso, diz que ainda é reconhecida como a fotógrafa da dança, como a pessoa que registra determinados eventos.

A fotógrafa entende que a fotografia de dança, como documento fotográfico, pode servir como prova, recordação ou divulgação para as pessoas que são fotografadas. Ela diz que a fotografia pode existir por vários motivos e enfatizou a função de recordação para os usuários. O próprio Facebook é um aliado nessa questão da recordação, porque a rede social permite que o usuário veja o que aconteceu em uma determinada data nos anos anteriores. As fotografias de dança que Priscila fez em 2017, por exemplo, aparecem para ela e para os usuários que estão marcados ou que as compartilharam, como lembrança do Facebook. Então, essas fotografias sempre voltam como memória e como um momento para relembrar.

Figura 4: exemplo da função "recordação" que o Facebook proporciona.



Fonte: captura de tela da minha página pessoal no Facebook.

As pessoas colocam as fotografias de dança como tela de bloqueio de um celular ou computador, em um porta-retratos ou compartilham no Instagram e Facebook, comenta. Ela sempre teve a preocupação em realizar fotos únicas e essas são registros muito importantes, já que os usuários envolvidos sempre querem voltar para aquele momento em que a fotografia foi realizada, quantas vezes forem necessárias. As fotografias de dança seriam, então, um suporte de memória.

Quando perguntamos para Priscila qual função que as fotografias exercem sobre cada tipo de usuário, ela nos respondeu que as percepções variam muito entre um aluno e um professor, por exemplo. De acordo com ela, a fotografia de dança para um aluno significa algo muito mais sentimental e envolve o poder de transformação que viveu naquele momento.

Enquanto, para o professor, é um modo de divulgação, já que ele precisa de uma fotografia em ação para demonstrar o seu trabalho. Talvez, o professor perceba a fotografia de um jeito diferente, não a levando tanto para o lado emocional. Para o professor, também acontece essa questão de validação

do trabalho, por meio da divulgação e reconhecimento das pessoas que comentam ou que contratam o trabalho dele.

Já para a organização do evento, a fotografia significa algo mais como dever cumprido, materialização de um trabalho e esforço, segundo o entendimento de Priscila. Além disso, também afirma que pode ser uma prova da realização do evento, uma prova de que o evento aconteceu da forma como foi planejado, isto é, a prova da concretização de uma ideia. Isso é muito importante para que o organizador possa promover outros eventos e possa reconhecer a validade daquilo que fez.

Diferente do professor e da organização do evento, o aluno não vai utilizar as fotografias para divulgar algo ou tentar se promover de alguma maneira. A utilização da fotografia pelo aluno é mais para poder explicar como foi o evento e poder compartilhar com outras pessoas como ele se sentiu naquele momento. Segundo Priscila, o aluno está envolvido em mostrar para as outras pessoas que ele passou por um processo de transformação, por meio da dança.

Por fim, Priscila acrescentou que, mesmo que a fotografia de dança não possua um fundamento teórico, por se tratar de uma parte muito nova da fotografia, não impede que ela aconteça e que seja validada como algo real, dentro de uma área muito específica de fotojornalismo. O lado empírico da fotografia de dança também legitima o lado teórico, a ponto de começar a ser estudo e desenvolvido. Ademais, ela pensa que a fotografia de dança vai além do conteúdo proposto pela área de fotojornalismo, já que mistura várias tendências e perspectivas. Afinal, esse tipo de fotografia é uma metalinguagem, é a arte falando da arte e é um segmento da arte tão importante quanto qualquer outro.

CAPÍTULO 3 – REDES SOCIAIS E ARQUIVO

A rede social está sendo cada vez mais usada na sociedade para diversas funcionalidades. Algumas pessoas utilizam como forma de passar tempo, como forma de se relacionar com outras pessoas e até mesmo como instrumento de trabalho. Para Lopez (2016, p. 240),

O acesso à Internet e às redes de informação (tanto em termos técnicos, como sociais e intelectuais) é a peça-chave que viabiliza a transformação na construção do saber, pois, além de multiplicar o credenciamento de protagonistas, cumpre importante papel democratizador ao permitir a efetivação de novos processos de produção, difusão e legitimação de conhecimento. (tradução livre).

A democratização do acesso à Internet impulsionou mudanças significativas na ordem social, além de impactar a elaboração de conhecimento científico, no entendimento de Lopez (2016, p. 240). Exemplo disso é essa dissertação que utiliza elementos das redes sociais para a construção de conhecimento científico. O estabelecimento de conexões diretas entre os diversos participantes, não importando a existência de uma estrutura hierárquica é a grande vantagem da comunicação em rede.

Silva e Ferreira (2007) consideram que “rede social é um conjunto de pessoas (ou empresas ou qualquer outra entidade socialmente criada) interligadas por um conjunto de relações sociais tais como amizade, relações de trabalho, trocas comerciais ou de informações”. Nas redes sociais, como Facebook, os próprios usuários passam a ter autonomia para inserir conteúdo e desenvolver questões que vão além daquelas inicialmente propostas pelos criadores. Ferreira (2011, p. 2013) afirma que:

Rede social é uma estrutura social composta por indivíduos, organizações, associações, empresas ou outras entidades sociais, designadas por atores, que estão conectadas por um ou vários tipos de relações que podem ser de amizade, familiares, comerciais, sexuais etc. Nessas relações, os atores sociais desencadeiam os movimentos e fluxos sociais, através dos quais partilham crenças, informação, poder, conhecimento, prestígio etc.

A equipe de Marketing da Resultados Digitais apontou, em 2016, alguns aspectos positivos das redes sociais, dentre eles está a possibilidade de divulgação com baixo orçamento. No caso da fotógrafa Priscila Nayade, a rede social Facebook é o meio em que ela utiliza para divulgação. Porém, esse fator

gera a replicação da informação divulgada, já que tal rede permite “marcar” as pessoas que aparecem na foto. Essa foto aparecerá no perfil de outra pessoa. Além disso, qualquer pessoa pode baixar a fotografia e colocar em seu perfil. Assim, tal foto terá a mesma informação, com metadados²⁵ e intenções diferentes.

Após a entrevista com Priscila Nayade, fomos realizar um levantamento de dados em sua página “Pri Nayade Fotografia” no Facebook. Percebemos que cada evento que Priscila fotografou está em um álbum específico. Cada álbum possui o nome do evento, a data e a quantidade de fotografias. Podemos perceber que alguns eventos não foram realizados em Brasília, visto que Priscila colocou o nome de outra cidade no título do álbum. No entanto, não podemos afirmar que todo evento fora de Brasília possui identificação da cidade.

Figura 5: página do Facebook de Priscila Nayade.

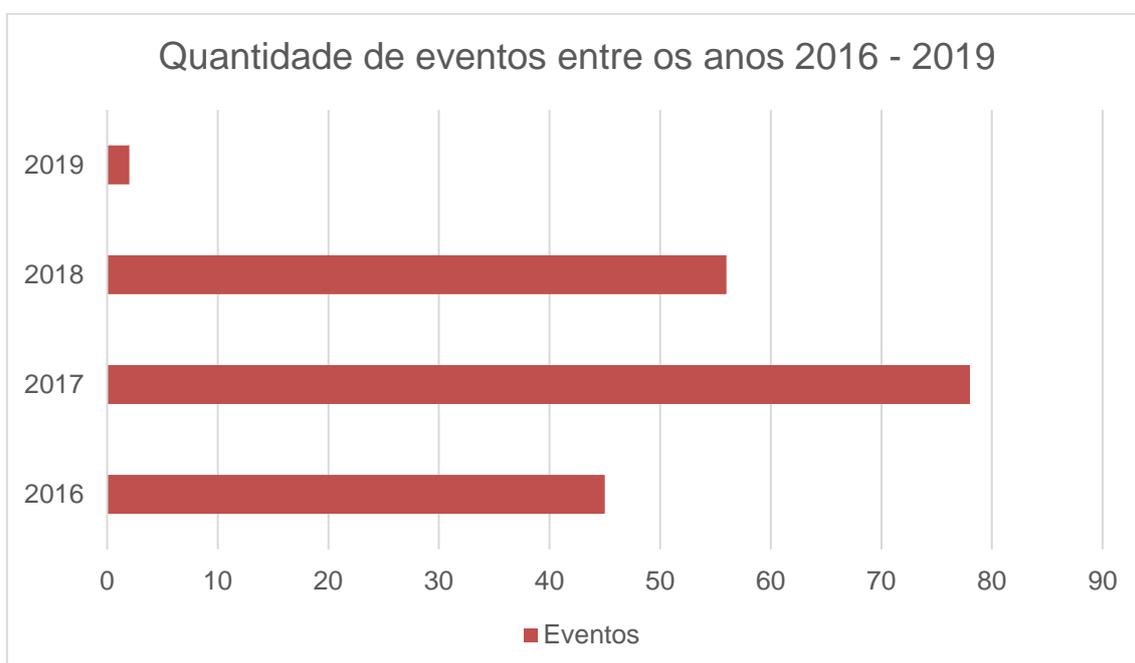


Fonte: captura de tela da página "Pri Nayade Fotografia" no Facebook.

²⁵ Nesse caso, os metadados precisam estar devidamente preenchidos de forma manual ou automática.

Contabilizamos todos os eventos presentes na página dela, sendo o total de 181, no período de 2016 a 2019. Lembrando que muitos eventos podem não constar no Facebook da fotógrafa, pois foi publicado diretamente na própria página da organização do evento. Em 2016, tem-se o total de 45 eventos; em 2017, 78 eventos; em 2018, 56 eventos; e em 2019, apenas 2, conforme pode ser visualizado no gráfico 1.

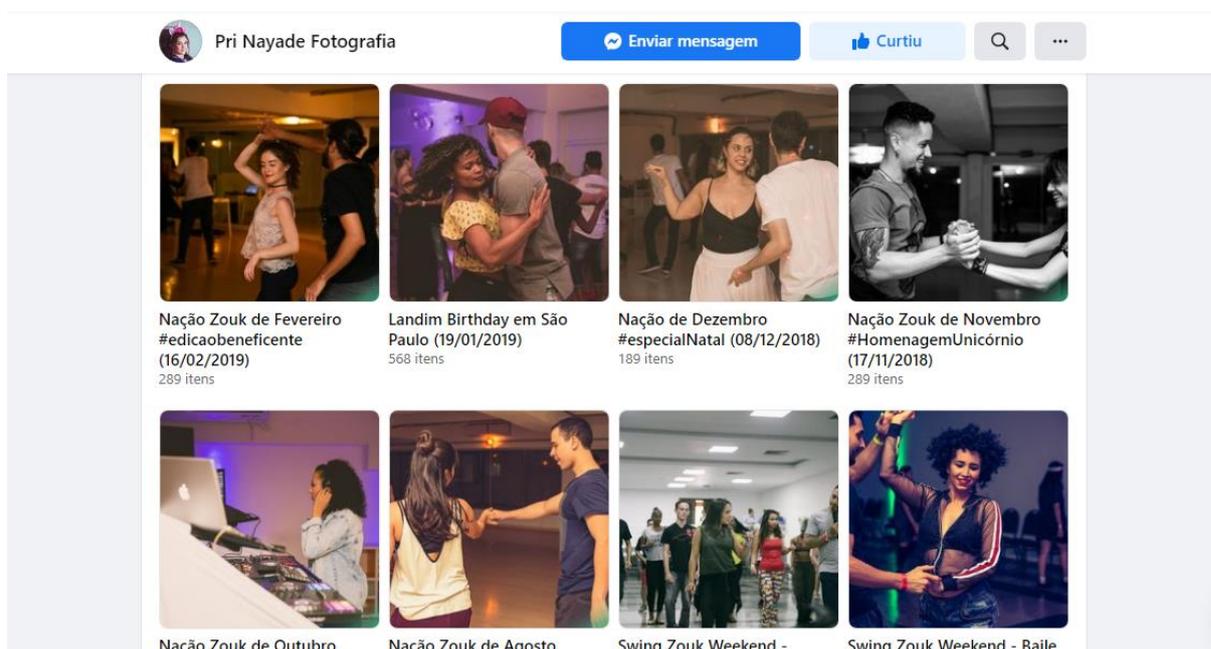
Gráfico 1: quantidade de eventos que a fotógrafa Priscila Nayade divulgou na sua página do Facebook, entre os anos 2016 e 2019.



Fonte: elaboração própria a partir da análise da página do Facebook “Pri Nayade Fotografia”.

Constatamos, então, que o ano de 2017 é o que possui mais álbuns e mais eventos consequentemente. Desse total de álbuns, 9 não possuem qualquer tipo de identificação ou são álbuns que o próprio Facebook cria, como “Fotos do perfil”, “Fotos da capa”, “Arquivos de dispositivos móveis”, “Fotos da linha do tempo”, e/ou “Fotos em destaque”.

Figura 6: esquema de álbuns da página do Facebook de Priscila Nayade.



Fonte: captura de tela da página "Pri Nayade Fotografia" no Facebook.

Ao realizar a lista²⁶ com todos os álbuns, vimos que a maior parte dos eventos possuía o termo “zouk” em seu título. Esse termo aparece pelo menos 100 vezes na lista, ou seja, os eventos de zouk representam 55,24% do total de eventos, conforme gráfico 2. Percebemos, também, que alguns eventos se repetiam frequentemente, como Priscila mencionou, na entrevista, sobre os eventos que possuem certa sazonalidade. Então, fizemos um levantamento dos eventos que mais se repetiam. Os três eventos que mais se repetem, de acordo com o gráfico 3, são: “Nação Zouk” aparecendo 27 vezes nos álbuns de Priscila, seguido do “Caribeño” que aparece 26 vezes e do “Ispilicute” que aparece 22 vezes. Sabe-se que o evento “Ispilicute” tem tradição com o forró e, uma vez por mês, aproximadamente, promove bailes de zouk.

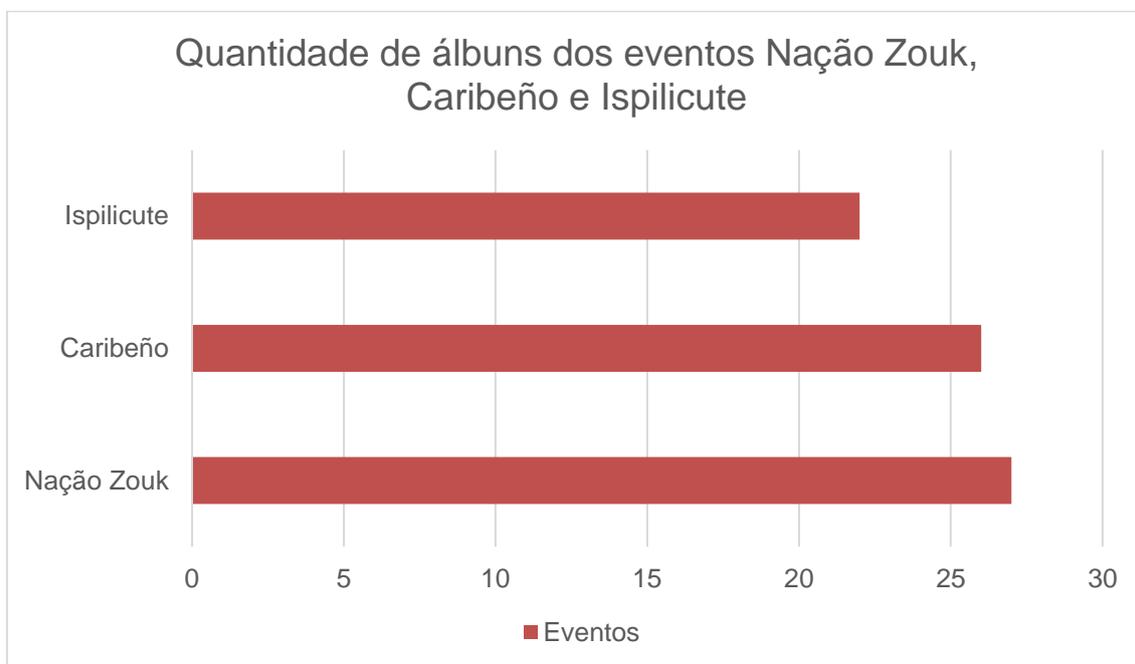
²⁶ A lista completa pode ser conferida no Apêndice D.

Gráfico 2: quantidade de álbuns de eventos na página do Facebook da fotógrafa Priscila Nayade.



Fonte: elaboração própria a partir da análise da página do Facebook “Pri Nayade Fotografia”.

Gráfico 3: quantidade de álbuns dos eventos "Nação Zouk", "Caribeño" e "Ispilicute" na página do Facebook da fotógrafa Priscila Nayade.



Fonte: elaboração própria a partir da análise da página do Facebook “Pri Nayade Fotografia”.

O total de fotos de todos os álbuns da página “Pri Nayade Fotografia” é de 29.888 fotografias. Se desconsiderarmos a quantidade de fotos dos álbuns não identificados, temos um total de 29.542 fotografias. Tendo em vista que, o arquivo de Priscila possui entre 100 e 105 mil fotografias e, desse total, 60-65% são fotografias de dança, o total de fotografias de dança que ela possui é de 60 a 68.250 fotografias. Considerando esse cenário, a quantidade de fotos que está na página do Facebook, representa 43 a 49,81%, isto é, quase metade de seu arquivo está em sua página.

Por meio da entrevista, vimos que Priscila Nayade trabalhou mais em eventos de zouk, no período de 2016 a 2018, e no Distrito Federal. A lista de álbuns da página “Pri Nayade Fotografia” confirmou que a maior quantidade de eventos é de zouk e nos mostrou que a maioria foi realizada em 2017. Dentre esses eventos de zouk, do ano de 2017, o que mais se repetiu foi o evento “Nação Zouk”. Assim, entendemos a importância desse evento para Brasília e para o Distrito Federal.

Por conta disso, o recorte da pesquisa será, mais especificamente, os eventos de zouk do evento “Nação Zouk”, de 2017. Esse evento tem um total de 9 álbuns e 1.397 fotos. Pretendemos analisar as primeiras fotografias desses álbuns. A intenção aqui não é fazer um mapeamento exaustivo e sim compreender que sem um contexto documental, o tratamento arquivístico da fotografia é prejudicado. Então, por meio do estudo de caso do arquivo fotográfico da Priscila Nayade que se encontra na rede social Facebook, tentaremos traçar os contextos documentais (intenções) que uma mesma fotografia pode apresentar a depender do tipo de usuário detentor do documento fotográfico.

3.1 MAPEAMENTO DOS CONTEXTOS DOCUMENTAIS

Como primeira tentativa de estabelecer uma metodologia que pudesse abranger o objetivo específico 2, comecei aplicando o quadro que aparece no texto de Lopez (2021), figura 7 deste trabalho, em uma fotografia da Priscila

Nayade que faz parte do meu arquivo pessoal. A metodologia adotada por Lopez (2021) consiste na compreensão da fotografia por meio de quatro categorias básicas que têm como objetivo mostrar que o assunto de contexto documental é complexo e que impacta no documento fotográfico em arquivos.

Figura 7: modificações de contexto.

Momento	Acción	Fecha	Documentos	Formas	Medio	Función	Imagen	Memoria
1	Familiar del titular toma la foto	c. 1970	negativo positivo ampliado	originales	físico	recuerdo familiar	figura 1	personal, por el momento
2	Familiar hace copias para distribuir entre madre y a sus hermanos (padres de las criaturas fotografiadas)	c. 1970	positivo ampliado	copia	físico	divulgación	figura 1	ninguna
3	Abuela y hermanos reciben las copias	c. 1970	positivo ampliado	copias del original, pero originales en el nuevo contexto	físico	recuerdo familiar	figura 1	personal de los nietos (para la abuela) y personal de los hijos (para los hermanos)
4	Digitalización para el DVD	2004	positivo digital	copia	digital	preparación del DVD	figura 1	familiar
5	Edición del DVD	2004	El DVD entero	original como nuevo documento	digital	regalo familiar	figura 1 junto con todo el contenido del DVD	familiar
6	Recepción del DVD por el titular	2004	El DVD entero	copia del DVD, pero original en el nuevo contexto	digital	recuerdo familiar	figura 1 junto con todo el contenido del DVD	personal
7	Recorte del fotograma por el titular	2020	positivo digital	copia del fotograma del DVD, pero original como un nuevo documento personal	digital	recuerdo familiar	figura 1	personal
8	confección del video para la prima	2020	el video como un todo	copia del positivo, pero original como un nuevo documento	digital	regalo familiar	figura 1 junto con todo el contenido del video	familiar
9	Recorte del fotograma para este texto	2020	El artículo como un todo	original como nuevo documento	digital	divulgación científica	figura 1, junto con todo el texto del artículo	profesional

Fonte: quadro retirado do texto “La necesidad del contexto en la gestión documental de acervos personales de imágenes para la memoria”, de André Lopez (2021).

A figura 8 se trata de uma foto incorporada no meu arquivo pessoal em 2016. Originalmente, era do arquivo da fotógrafa Priscila Nayade no desenvolver de sua profissão, também em 2016. Nessa mesma época,

segundo entrevista com a fotógrafa, Priscila enviou as fotografias para a organização do evento e publicou na sua página do Facebook. Após a publicação, eu fui marcada em uma das fotografias e, em seguida, guardei essa fotografia no meu arquivo pessoal. Em 2018, publiquei essa fotografia na rede social Instagram, como uma lembrança de tempos bons. Já em 2021, utilizo a fotografia como parte da minha dissertação. De um arquivo institucional, tanto da fotógrafa quanto da organização do evento, essa fotografia passou a constar em um arquivo pessoal, por meio de uma cópia digital da imagem digital.

Nessa perspectiva, uma fotografia pode se estabelecer em um novo contexto e até mesmo em um novo documento com a mesma imagem, quando é atribuído um novo significado. No exemplo prático, uma fotografia institucional se converteu em uma fotografia de um acervo pessoal, como forma de recordação. Esse trajeto que a fotografia percorreu tem a capacidade de modificar os contextos do documento fotográfico, algo que o profissional da informação precisa ter em conta no tratamento técnico do documento.

Analisando as fotografias do arquivo da Priscila Nayade, figuras 9 - 17, não podemos traçar os contextos documentais que envolvem as pessoas das fotos, por falta de informações. Conseguimos, apenas, delimitar os contextos para a fotógrafa e para a organização do evento, por meio da entrevista realizada com Priscila Nayade. No entanto, a partir do exemplo dado do meu arquivo pessoal, podemos imaginar que essas fotografias foram incorporadas ao arquivo pessoal dessas pessoas como forma de recordação. No meio da dança, é comum que as pessoas se marquem nas fotografias publicadas e, até mesmo, salvem essas fotografias para publicar em outro momento ou para utilizar como uma forma de recordação mesmo.

Além do mais, profissionais que aparecem nas fotos podem utilizar as fotografias da Priscila como forma de divulgação do seu trabalho. Fotografias da Priscila já foram vistas em *flyers*²⁷ de divulgação de aula e de evento de

²⁷ De acordo com o Blog da Print (2014), "*Flyers* são excelentes ferramentas de marketing e ótimas maneiras de caracterizar seu evento, produto ou serviço, principalmente em áreas de alto tráfego. Do inglês, significa 'algo que voa'. Em marketing, *flyer* é um impresso promocional, geralmente pequeno, desenvolvido para distribuição em massa, sob o conceito de

dança. Também já integraram vídeos de apresentação e publicações diversas de redes sociais de escola ou evento de dança. A forma de utilizar essas fotografias talvez seja maior do que podemos imaginar. De qualquer modo, a cada troca de titularidade, a mesma imagem ganha uma nova função e se converte em um novo documento. Principalmente, quando se trata de um arquivo pessoal, o curso das modificações de contexto nunca se acaba.

Figura 8: fotografia utilizada para realizar mapeamento de contexto.



Fonte: fotografia retirada do arquivo pessoal da pesquisadora.

Figura 9: fotografia utilizada para realizar mapeamento de contexto.



Fonte: fotografia retirada da página do Facebook "Pri Nayade Fotografia".

Figura 10: fotografia utilizada para realizar mapeamento de contexto.



Fonte: fotografia retirada da página do Facebook "Pri Nayade Fotografia".

Figura 11: fotografia utilizada para realizar mapeamento de contexto.



Fonte: fotografia retirada da página do Facebook "Pri Nayade Fotografia".

'voar' de mão em mão. Possuem imagens impactantes e mensagens de rápida leitura." Por se tratar de um trabalho voltado para a análise de fotografias inseridas nas redes sociais, estamos utilizando o Blog como ponto de apoio para a definição de flyer.

Figura 12: fotografia utilizada para realizar mapeamento de contexto.



Fonte: fotografia retirada da página do Facebook "Pri Nayade Fotografia".

Figura 13: fotografia utilizada para realizar mapeamento de contexto.



Fonte: fotografia retirada da página do Facebook "Pri Nayade Fotografia".

Figura 14: fotografia utilizada para realizar mapeamento de contexto.



Fonte: fotografia retirada da página do Facebook "Pri Nayade Fotografia".

Figura 15: fotografia utilizada para realizar mapeamento de contexto.



Fonte: fotografia retirada da página do Facebook "Pri Nayade Fotografia".

Figura 16: fotografia utilizada para realizar mapeamento de contexto.



Fonte: fotografia retirada da página do Facebook "Pri Nayade Fotografia".

Figura 17: fotografia utilizada para realizar mapeamento de contexto.



Fonte: fotografia retirada da página do Facebook "Pri Nayade Fotografia".

Do ponto de vista documental, tem-se que discutir a criação de um novo documento, por meio da cópia da cópia, devido a troca de titular que acarreta a criação de outras funções (prova, recordação e divulgação) para a mesma

imagem. Isso é um desafio enorme para o profissional da informação, porque, em geral, ele não tem acesso as informações como as da figura 8, por exemplo.

No caso das fotografias do arquivo da Priscila, temos as informações do autor e do contexto primitivo (local, data, técnica etc.). No entanto, quando essas passam a integrar outros arquivos, não sabemos mais qual é o novo contexto adquirido, já que não se trata mais de uma única fotografia original e nem somente de uma cópia; são alguns documentos novos produzidos ao longo de um processo e que vão tendo funções distintas, transitando entre a memória profissional, institucional e pessoal. No quadro 2 podemos observar as variações pela qual a fotografia 8 passou. Já no quadro 3, podemos observar as variações que conseguimos estabelecer para as fotografias de 9 – 17.

Quadro 2: mapeamento dos contextos documentais relacionados com a figura 8.

MAPEAMENTO DE CONTEXTO DE DOCUMENTOS FOTOGRÁFICOS									
Momento	Usuário	Ação	Data	Documentos	Formas	Meio	Função	Imagem	Memória
1	Fotógrafa	Tira foto de um baile de zouk	2016	Digital	Original	Digital	Prova e divulgação	Figura 8	Profissional
2	Organização do evento	Recebe foto da fotógrafa	2016	Digital	Original	Digital	Prova	Figura 8	Institucional
3	Fotógrafa	Publica na página do Facebook	2016	Digital	Cópia do original	Digital	Divulgação	Figura 8	Profissional/ Institucional
4	Aluno	Baixa a foto no Facebook da organização do evento	2016	Digital	Cópia, mas que se torna original no novo contexto	Digital	Recordação	Figura 8	Pessoal
5	Aluno	Publica em outra rede social	2018	Digital	Cópia, mas que se torna original no novo contexto	Digital	Recordação	Figura 8	Pessoal
6	Pesquisadora	Utiliza a fotografia para essa dissertação	2021	A dissertação como um todo	Original, como um todo	Digital	Divulgação científica	Figura 8, junto com toda a dissertação	Profissional

Fonte: elaboração própria.

Quadro 3: mapeamento dos contextos documentais relacionados com as figuras 9 a 17.

MAPEAMENTO DE CONTEXTO DE DOCUMENTOS FOTOGRÁFICOS									
Momento	Usuário	Ação	Data	Documentos	Formas	Meio	Função	Imagem	Memória
1	Fotógrafa	Tira foto do evento Nação Zouk	2017	Digital	Original	Digital	Prova	Figura 9 - 17	Profissional
2	Organização do evento	Recebe foto da fotógrafa	2017	Digital	Original	Digital	Prova	Figura 9 - 17	Institucional
3	Fotógrafa	Publica na página do Facebook	2017	Digital	Cópia do original	Digital	Divulgação	Figura 9 - 17	Profissional e Institucional
4	Pesquisadora	Utiliza a fotografia para essa dissertação	2021	A dissertação como um todo	Original, como um todo	Digital	Divulgação científica	Figura 9 - 17, junto com toda a dissertação	Profissional

Fonte: elaboração própria.

3.2 CONTEXTOS DOCUMENTAIS NA PRÁTICA DE ARQUIVOS

Para que uma organização possa prevenir o acúmulo indevido de documentos, deve ter controle das informações produzidas no decorrer de suas ações, considerando os requisitos para otimização, racionalização e eficiência na recuperação das informações. Esse controle possibilita a preservação e acesso aos documentos, proporcionando a construção da memória e da história de uma instituição, uma vez que esses são provas da existência e atuação organizacional. O conjunto de procedimentos utilizados para obter tal controle, desde a produção até a destinação final de documentos, é conhecido como gestão documental²⁸.

A disciplina que estuda as funções do arquivo e os princípios e técnicas a serem observados na produção, organização, preservação, utilização e guarda dos arquivos é a Arquivologia, segundo o Arquivo Nacional (2005). O objeto de estudo dessa área é o documento de arquivo que, segundo a Resolução nº 20/2004 do CONARQ, é a informação registrada, independente da forma ou do suporte, produzida e recebida no decorrer das atividades de um órgão, entidade ou pessoa, dotada de organicidade e que possui elementos constitutivos suficientes para servir de prova dessas atividades.

Esses documentos arquivísticos servem como prova de atividades e são essenciais para a tomada de decisão, para a recuperação de informação e preservação da memória. Além do valor administrativo, alguns arquivos são de cunho histórico e/ou probatório e contêm informações científicas e culturais, o que torna necessária a guarda permanente. Esses documentos têm esse valor atrelado desde o momento de sua produção, isto é, o valor permanente é resultado de natural acumulação.

No que diz respeito à organização dos documentos e da informação, colocando as atividades de arquivo em prática, uma análise documental fornecida pela Diplomática²⁹ deve ser realizada. Essa disciplina possui um ponto em comum com a Arquivologia: ambas possuem o documento como objeto de estudo. O

²⁸ Gestão documental é o “conjunto de procedimentos e operações técnicas referentes à produção, tramitação, uso, avaliação e arquivamento de documentos em fase corrente e intermediária, visando a sua eliminação ou recolhimento” (ARQUIVO NACIONAL, 2005).

²⁹ Diplomática, para o Arquivo Nacional (2005), é a “disciplina que tem como objeto o estudo da estrutura formal e da autenticidade dos documentos”.

profissional da informação que utiliza a Diplomática possui base para estudar a Tipologia documental³⁰, com o intuito de compreender o processo de criação dos documentos contemporâneos que contêm características variadas.

A Diplomática permite que o profissional da informação analise as características extrínsecas do documento, visando atestar sua autenticidade e validar seus aspectos jurídicos e permite compreender o processo de criação dos documentos contemporâneos. Esse processo está vinculado às funções que as instituições (ou pessoas físicas) apresentam no desenvolvimento de suas atividades.

As funções que as instituições exercem no uso de suas atribuições refletem nas funções dos documentos, conhecidas como funções arquivísticas e administrativas. A função arquivística, nada mais é do que as atividades exercidas no âmbito do produtor arquivístico, por exemplo: divulgação e comprovação da produção artística, pesquisa de criação e execução de movimentos, prestação de contas, entre outras. Já a função administrativa se refere à finalidade administrativa do documento, no caso das fotografias da Priscila Nayade seria a reprodução de um evento de dança com o intuito de captar a essência daquele evento.

A análise diplomática, de forma geral, é composta pelos seguintes elementos: espécie, formato, gênero, forma, denominação, definição, suporte, dimensão e sinais de validação. No quadro 4, apresentamos as definições de cada elemento citado anteriormente.

Quadro 4: elementos da Diplomática.

ELEMENTOS DA DIPLOMÁTICA		
Elemento	Definição	Exemplo
Espécie	"Configuração que assume um documento de acordo com a disposição e a natureza das informações nele contidas" (AAB/SP, 1996, p. 34)	Folder, memorando, resolução etc.
Formato	"Configuração física de um suporte, de acordo com a sua natureza e o modo como	Banner, cartaz, livro, folha avulsa etc.

³⁰ Segundo o e-ARQ Brasil (2011) tipologia documental é a "divisão de espécie documental que reúne documentos por suas características comuns no que diz respeito à fórmula diplomática, natureza de conteúdo ou técnica de registro".

	foi confeccionado" (AAB/SP, 1996, p. 39)	
Gênero	"Configuração que assume um documento de acordo com o sistema de signos utilizado na comunicação de seu conteúdo" (AAB/SP, 1996, p. 41)	Textual, sonoro, imagético etc.
Forma	Completo de um documento	Cópia, original, rascunho etc.
Denominação	Descrição do que é o documento	Fotografia de dança de salão.
Definição	Definição do documento, destacando sua finalidade	Fotografia de dança de salão de um evento de zouk, com o intuito de capturar a essência do evento e promover a divulgação do evento de dança.
Suporte	"Material sobre o qual as informações são registradas" (AAB/SP, 1996, p. 72)	HD externo no caso da fotógrafa Priscila Nayade.
Dimensão	Porção de espaço ocupado por um documento	Tamanho da fotografia digital (300 KB, por exemplo).
Sinais de validação	"Marcam a autenticidade de atos e documentos" (LOPEZ, 2012, p.23)	Logomarcas, assinaturas, carimbos, marcas d'água, metadados (sinais ocultos de documentos digitais).

Fonte: elaboração própria.

A tipologia documental é o conjunto de elementos formais que caracterizam um documento de acordo com as funções a que se destina (funções arquivísticas e administrativas), ou seja, é a análise intrínseca de um documento em relação à sua gênese documental (atribuições, competências, funções e atividades da entidade acumuladora de documentos).

A análise tipológica, de forma geral, é composta pelos seguintes elementos: função arquivística, produtor/fundo, atividade, contexto, tipo documental, emissor, destinatário, data tópica e data de produção. No quadro 5, apresentamos as definições de cada elemento citado anteriormente.

Quadro 5: elementos da Tipologia Documental.

ELEMENTOS DA TIPOLOGIA DOCUMENTAL		
Elemento	Definição	Exemplo
Função arquivística	Atividades exercidas no âmbito do Produtor Arquivístico	Divulgação e comprovação da produção artística, recordação de alguma atividade, prestação de contas etc.
Produtor/fundo arquivístico	Entidade produtora de documentos	A fotógrafa Priscila Nayade.
Atividade	Finalidade do documento	Reprodução do evento de dança com o intuito de capturar o desenvolvimento do evento.
Contexto	Informa o motivo pelo qual o documento foi gerado	Fotógrafa contratada para a realização de um evento.
Tipo documental	Configuração que uma espécie documental assume, de acordo com a atividade que a gerou	Fotografia de dança de salão para reprodução de evento de dança.
Emissor	Quem gera demanda para a produção de documento	Organização do evento.
Destinatário	A quem se destina o documento	Todo público interessado em ver com foi o evento e pessoas que foram ao evento.
Data tópica	Local em que o documento foi produzido	Brasília.
Data de produção	Data em que o documento foi produzido	Data do evento (15 de outubro de 2016, por exemplo).

Fonte: elaboração própria.

Com a utilização das análises diplomática e tipológica, podemos perceber a importância do processo de criação dos documentos e, dessa forma, entender melhor o ciclo de vida dos documentos. A partir desse conhecimento, um plano de classificação que tem em conta as séries documentais – sequências ordenadas de um mesmo tipo documental, poderá ser elaborado. A classificação e avaliação de documentos estão relacionadas com a organização de documentos arquivísticos, evidenciando a ligação entre os documentos e com a instituição a qual pertencem.

Pode-se observar que os procedimentos de classificação e avaliação são fundamentais para a operacionalização de sistemas de arquivo e de gestão documental, pois viabilizam a organização de acervos arquivísticos. Ao evidenciar o vínculo arquivístico entre os documentos e definir prazos de guarda e a destinação final, permitem o gerenciamento da informação com eficiência administrativa e agilidade na sua recuperação (LEON et al. 2014, p.181).

No âmbito das informações internas de um documento, um conceito importante é o contexto. “A elaboração de planos de classificação e tabelas de temporalidade constitui-se em um trabalho de análise e pesquisa acerca do contexto de produção documental” (LEON et al. 2014, p. 182). Quando analisamos o documento inserido em certo contexto, estamos entendendo sua origem, o motivo de sua criação, a pessoa que gerou a demanda da produção do documento. Assim, não estamos analisando um documento isolado. Quando fazemos referência a um documento dentro de um contexto, estamos estendendo nossos estudos à Instituição que o produziu.

O estudo da produção documental de determinada instituição deve reunir as variáveis que interferem na ação da entidade produtora, proporcionando o conhecimento das relações da gênese documental, seus usos e valores. Para que isso possa ser colocado em prática, é necessário o estudo do contexto que pode ser definido como “o ambiente em que ocorre a ação registrada no documento. Na análise do contexto de um documento arquivístico, o foco deixa de ser o documento em si e passa a abranger toda a estrutura que o envolve” (e-ARQ Brasil, 2011).

O estudo de produção documental, de acordo com o quadro 6, é dividido em 5 pontos de análise: contexto jurídico-administrativo; contexto de proveniência; contexto de procedimentos; contexto tecnológico; e contexto documental.

Inicialmente, o contexto jurídico-administrativo refere-se às variáveis externas, relacionadas aos instrumentos legais que interferem na produção dos documentos; o contexto de proveniência refere-se aos instrumentos internos que definem as ações da entidade produtora (o que a instituição faz); o contexto de procedimentos está relacionado às normativas internas que explicam como a instituição desempenha suas ações (como a instituição faz); o contexto tecnológico está relacionado ao ambiente de hardware e software dos documentos, e; o contexto documental está relacionado aos instrumentos arquivísticos utilizados para o tratamento do acervo. (Leon et al., 2014, p. 182).

Quadro 6: contexto, suas subdivisões e respectivas definições.

TIPOS DE CONTEXTOS	
Tipo de Contexto	Definição
Contexto Jurídico-administrativo	Leis e normas externas à instituição produtora de documentos que controlam a condução das atividades desta mesma instituição.
Contexto de Proveniência	Organogramas, regimentos e regulamentos internos que identificam a instituição produtora de documentos.
Contexto de Procedimentos	Normas internas que regulam a produção, tramitação, uso e arquivamento dos documentos da instituição.
Contexto Tecnológico	Ambiente tecnológico (hardware, software e padrões) que envolve o documento.
Contexto Documental	Código de classificação, guias, índices e outros instrumentos que situam o documento dentro do conjunto a que pertence, ou seja, no fundo de arquivo.

Fonte: e-ARQ Brasil, 2011.

O estudo do contexto jurídico-administrativo, de proveniência e de procedimentos fornece o vínculo arquivístico dos documentos, favorecendo a normalização dos instrumentos de gestão documental, uma vez que favorece a aplicação padronizada dos instrumentos nos conjuntos documentais produzidos por diferentes unidades organizacionais.

De modo frequente, a maior ocorrência de documentos imagéticos nos arquivos, segundo Lopez (2008), é a de materiais fotográficos — sejam eles em formas e suportes típicos, como negativos flexíveis e positivos em papel emulsionado, ou em reproduções impressas em livros, jornais etc. Em face das especificidades dos documentos imagéticos, os modelos de classificação³¹ e descrição³² arquivística são realizados sem qualquer tentativa de contextualização documental, em termos arquivísticos, o que coloca em risco a própria finalidade do arquivo.

³¹ “Classificação: sequência de operações que, de acordo com as diferentes estruturas, funções e atividades da entidade produtora, visam a distribuir os documentos de um arquivo” (AAB/SP, 1996, p.16).

³² “Descrição: fase do tratamento arquivístico destinada à elaboração de instrumentos de pesquisa para facilitar o conhecimento e a consulta dos fundos documentais e das coleções dos arquivos” (AAB/SP, 1996, p.32).

Essa conduta é justificada pela dificuldade de recompor os motivos da produção dos documentos, uma vez que a imagem fotográfica necessita se articular com a tradicional linguagem escrita para que a interpretação do seu significado seja possível. Isto é, a imagem fotográfica dentro de um arquivo deve perder o seu estatuto de objeto único, imagem absoluta ou, como o ditado popular, “uma imagem vale mais que mil palavras”. Então, não disponibilizar o documento imagético com a devida contextualização, dentro de um arquivo, provoca uma perda irreparável das informações arquivísticas.

Antes da invenção das fotografias, os documentos imagéticos estavam presentes nos arquivos de forma bem restrita. Havia, geralmente, mapas, croquis e esboços eventuais. Após a invenção da fotografia, ainda demorou um tempo até esta ser encarada como documento administrativo, já que foi incorporada por diversos setores da sociedade. Esse descompasso entre a difusão da fotografia na sociedade e a sua incorporação nas práticas administrativas, provocou a valorização do registro fotográfico em detrimento de sua função como documento.

A cena retratada e a técnica de execução passaram a ter mais importância do que a contextualização arquivística do documento, no âmbito das atividades do seu produtor. Isto é, a organização de tais registros era direcionada para a identificação do fotógrafo, da técnica de obtenção da imagem e para a descrição da imagem, deixando de lado a análise diplomática e tipológica do documento fotográfico, incluindo os diversos contextos que a mesma imagem pode estar inserida. Fazendo um paralelo com o tratamento arquivístico de documentos textuais, a identificação da finalidade e do organismo produtor é o que define o documento e não a sua técnica de produção, ou seja, não importa como aquele documento foi produzido, seja por auxílio de um computador, máquina de escrever etc. o que importa é o motivo pelo qual aquele documento foi produzido.

Do ponto de vista da arquivística, a fotografia deve ser tratada de acordo com a sua função geradora como documento. Assim, a informação da imagem do referente deve ser usada apenas como mais uma característica. Deve-se, então, distinguir documento de informação imagética. Embora uma mesma imagem possa ser utilizada em diversos contextos, assumindo funções diferentes enquanto documento de arquivo, o profissional da informação deve ter em conta qual é o

contexto e função arquivística do documento a ser tratado. “A reprodução da mesma imagem para finalidades distintas cria, em realidade, novos documentos, com proveniências e funções arquivísticas diversas, embora idênticos do ponto de vista informativo.” (LOPEZ, 2008, p. 5). Segundo o autor, não se trata de múltiplas proveniências e sim de reproduções de informações similares em documentos distintos.

Conforme os exemplos do arquivo fotográfico da Priscila Nayade, os conteúdos informativos de documentos arquivísticos, quando retirados do contexto de produção, podem permitir diversas interpretações. Como vimos, a partir do momento em que a fotógrafa publica as fotografias na rede social Facebook, outros usuários entram em contato com as imagens e a utilizam para diversas particularidades. Entretanto, conforme Lopez (2008, p. 6), “o sentido original para o titular do acervo apenas será perceptível se a teoria e os princípios arquivísticos se mantiverem intactos, recompondo a ordem original ³³ da produção arquivística”.

Se mais uma vez compararmos os documentos fotográficos aos documentos textuais, podemos perceber uma autonomia em relação a ausência dos dados contextuais, uma vez que a fotografia não traz consigo elementos como espécie documental, cabeçalho de identificação, data, autoria e direcionamento específico para a finalidade. A espécie documental, de certo modo, traduz a função do documento e o cabeçalho de identificação é um indicativo do organismo produtor do documento. O documento textual institucional, ainda que dissociado do seu contexto de produção, traz consigo elementos que possibilitam uma reconstituição de sua origem (Lopez, 2008, p. 8).

A autonomia do documento fotográfico potencializa outras características não administrativas, como a influência do fotógrafo, do equipamento, da questão estética etc. e reduz as evidências do contexto de produção. Essas individualidades não são exclusivas da produção fotográfica, porém estão mais presentes do que nos demais documentos. A presença ou ausência de certos elementos não justifica um tratamento arquivístico diferenciado para os documentos fotográficos em relação aos textuais ou, ainda, em relação aos demais documentos imagéticos.

³³ “Princípio do respeito à ordem original: princípio que, levando em conta as relações estruturais e funcionais que presidem a gênese dos arquivos, garante sua organicidade” (AAB/SP, 1996, p.61-62).

Nos documentos imagéticos e, principalmente, nos documentos fotográficos, a organicidade³⁴ só é evidenciada quando são mantidas a ligação com o organismo produtor e com as atividades produtoras. Isto é, fora do contexto de produção, os registros imagéticos tornam-se vazios do ponto de vista arquivístico. Em relação a organicidade dos documentos,

Se, por um lado, tais características restringem a compreensão do registro fotográfico enquanto documento administrativo, por outro confere-lhe uma autonomia mais ampla, justamente pelo fato de não guardar qualquer marca impressa da atividade que o gerou. Essa autonomia da informação veiculada torna, provavelmente, a imagem fotográfica mais sensível às influências pessoais do fotógrafo do que no caso dos documentos textuais. (LOPEZ, 2008, p. 8)

O documento de arquivo faz parte de uma série, ou seja, é produzido de modo correlacionado a outros documentos da mesma espécie que foram criados no exercício das mesmas funções. Para Lopez (2008, p. 9), a contextualização do documento imagético deve ser realizada para entender o documento dentro da sua produção institucional. Essa contextualização deve ser realizada vinculando o documento imagético à sua série documental e, também aos outros documentos, de qualquer natureza, gerados pela mesma atividade.

Muitas vezes, o contexto de produção do documento fotográfico é distante da informação visual contida nele. No entanto, somente a recomposição desse contexto é capaz de resgatar a organicidade inicial dos documentos, atribuindo significado arquivístico aos acervos. De modo geral, os arquivos tendem a priorizar os elementos visuais da imagem ou a técnica de produção dos documentos como critério de classificação e organização, independente da origem que os documentos apresentam. Isso é justificado por conta da fragilidade do suporte fotográfico. Desse modo, a possibilidade do estabelecimento de uma relação orgânica entre os documentos do fundo de arquivo produzido pelo mesmo titular é prejudicada.

Para que o arquivo consiga priorizar a organicidade do documento dentro de um conjunto documental gerado pelo mesmo produtor, deve-se proceder com a descrição de documentos. A descrição permite o efetivo acesso às informações e ao documento contextualizado. Ademais, tem como objetivo principal disponibilizar a maior quantidade de informações sobre todo o acervo de maneira rápida e eficiente.

³⁴ “Organicidade: qualidade segundo a qual os arquivos refletem a estrutura, funções e atividades da entidade acumuladora em suas relações internas e externas” (AAB/SP, 1996, p.57).

A descrição se utiliza da análise diplomática e tipológica para seguir com a contextualização do produtor do documento e da sua finalidade institucional.

O estudo de caso realizado com o arquivo da fotógrafa foi essencial para entender que os documentos fotográficos devem ser contextualizados dentro de um arquivo. Somente com a descrição dos materiais que promove a ampla difusão dos documentos devidamente contextualizados é que as fotografias do arquivo da Priscila Nayade poderiam construir a memória e um novo olhar sobre a história da dança de salão no Distrito Federal.

Como proposta para a construção da memória da dança de salão do DF, por meio do tratamento arquivístico das fotografias de dança de salão da fotógrafa Priscila Nayade, indicamos a adoção da metodologia estabelecida pelo projeto³⁵ *Atlas visual de la memoria: las formas del recuerdo y la necesidad de conservarlo*, iniciativa da linha de pesquisa Arquivo, Memória e Sociedade do Grupo de Pesquisa em Informação, Conhecimento e Sociedade da Universidade de Antioquia na Colômbia.

Os autores do artigo *Papel de los archivos fotográficos de Derechos Humanos en la memoria colectiva* adotaram uma revisão documental para estabelecer uma metodologia que permita organizar as fotografias recebidas no Museu Casa da Memória de Medellín. Por meio da verificação dos dados coletados, elaboraram um formato para a descrição de fotografias, considerando a falta de informações que se pode ter nas que chegam ao museu, como temática, produtores da imagem e contexto de produção na qual foram criadas. Esse formato teve como base modelos de descrição arquivística, mas também em enfoques como Ciência da Informação, Filosofia, Arte, Linguística, História Cultural etc., pois as fotografias de Direitos Humanos devem ser valoradas enquanto ferramenta primordial para os estudos sociais, já que são suporte documental de pesquisa e de valor histórico.

³⁵ Como produto desse projeto, foi realizado os seguintes artigos: COGOLLO-OSPINA, S. N.; TORO-TAMAYO, L. C. Papel de los archivos fotográficos de Derechos Humanos en la memoria colectiva. *Revista Interamericana de Bibliotecología*, Medellín, v. 39, n. 1, p. 71-83, 2016; TORO-TAMAYO, L. C.; VALLEJO ECHAVARRÍA, J. C. Atlas visual de la memoria. Una forma de visualizar y representar el conflicto en Colombia. *Revista Interamericana de Bibliotecología*, Medellín, v. 41, n. 1, p. 83-87, 2018.

O artigo traz à tona perguntas interessantes, como qual deve ser a função de um arquivo que pretende propiciar a memória coletiva? Que critérios de seleção tem outros arquivos para dar conta da quantidade de imagens digitais repetidas?; Que métodos são usados para registrar, conservar e classificar as imagens? Essas perguntas demonstram a preocupação com as fotografias enquanto documento de arquivo e com as questões arquivísticas que envolvem a gestão documental.

A proposta de uma metodologia capaz de construir categorias de análise das fotografias e que pretende dar conta da enorme quantidade de fotografias, principalmente com a facilidade de replicação das fotografias possibilitada pelo avanço das tecnologias, é de extrema importância como parâmetro e inspiração para outras instituições que se encontram em uma realidade parecida.

O modo pelo qual é dado o tratamento de arquivos das organizações defensoras dos Direitos Humanos desperta preocupação para a memória coletiva nos processos de justiça, reparação e verdade. Segundo Toro-Tamayo e Vallejo Echavarría (2018, p. 85), o projeto tem o propósito de “facilitar el procesamiento de la información y de los contenidos, a partir del establecimiento de relaciones lógicas situadas en conceptos, palabras clave o cualquier otro tipo de categoría de análisis que podamos extraer de las imágenes.”.

Com base nisso, o texto *Atlas visual de la memoria. Una forma de visualizar y representar el conflicto en Colombia* pretende desenvolver um Repositório Digital de Memórias para a salvaguarda das fotografias de Direitos Humanos. Com o objetivo de construir um Repositório Digital de Memória para a conservação e difusão da informação fotográfica de Direitos Humanos, os autores defendem que o software deve ter código aberto, linguagem simples e deve permitir que qualquer pessoa, até sem formação técnica, insira informações nele, ou seja, deve ser mais interativo e colaborativo.

A metodologia para a criação do repositório consistiu, primeiramente, na busca de outros repositórios com a mesma temática e que tivessem o mesmo sistema de acesso: por meio de características técnicas das imagens ou do conteúdo documental. Foram selecionados os repositórios do Arquivo Geral da Nação (Colômbia), da Biblioteca Pública Piloto (Colômbia), do Museu da Memória e dos Direitos Humanos (Chile), do Museu de Pontevedra (Espanha) e da Biblioteca

Nacional da Espanha. Na análise desses repositórios, os autores perceberam que os campos de tratamento e organização da informação não se ajustavam às necessidades do projeto, pois possuíam linguagem especializada e estavam em sistemas não gratuitos.

Em um segundo momento, pensaram em utilizar o *Dspace*, *Eprints* e *Alfresco*, pois são repositórios de código aberto, porém também não possuíam as estruturas estabelecidas. Portanto, decidiram criar um software que cumprisse com as características esperadas, sendo de código aberto, e com a possibilidade de inserção de módulos para a gestão das fotografias e gestão das temáticas e dos usuários. Para tal fim, desenharam uma base de dados no sistema de gestão MYSQL com uma interface gráfica com formulários em linguagem PHP.

Percebe-se que há grande preocupação em recuperar, guardar e construir formas alternativas de conservar a informação fotográfica dos arquivos das instituições de Direitos Humanos, como pode ser observado:

Para quienes analizamos los archivos fotográficos, la correcta gestión documental, junto con la parametrización de cada documento según las normas y de acuerdo a los protocolos establecidos, constituye un reto y una responsabilidad con la historia, y más aún con la preservación de una memoria que merece ser salvaguardada. (TORO-TAMAYO; VALLEJO ECHAVARRÍA, 2018, p.86).

Por meio da metodologia adotada por esse projeto, que realizou a descrição das fotografias e elaborou um repositório digital para salvaguardar as fotografias de Direitos Humanos, podemos nos inspirar para a construção da memória da dança de salão do Distrito Federal, por meio do tratamento arquivístico dos documentos fotográficos do arquivo da Priscila Nayade e de outros fotógrafos que passaram a se comprometer com o ambiente da dança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral dessa pesquisa era o de entender a necessidade do mapeamento dos contextos documentais de uma fotografia para arquivos fotográficos de dança. Para alcançar o objetivo geral, traçamos três objetivos específicos: o primeiro era o de identificar os arquivos fotográficos de dança de salão no Distrito Federal. O segundo era o de mapear os contextos documentais em fotografias de dança de salão. E o último era o de entender a necessidade do estudo dos contextos documentais na prática de arquivos.

Ao realizar o levantamento de referências sobre fotografia de dança de salão no Distrito Federal percebemos que não há resultados relevantes. A fotografia de dança de salão está inserida apenas no âmbito cultural do DF, porém ainda não alcançou o âmbito acadêmico. Pretende-se aqui ser a primeira iniciativa para um trabalho acadêmico de dança de salão no DF e mais uma contribuição para a cultura e arte brasileiras.

Como bem vimos, a fotografia de dança e, principalmente, a de dança de salão é pouco explorada no ambiente acadêmico. Não é muito diferente na prática de arquivo, uma vez que a dança é uma arte efêmera e apenas o seu conteúdo visual não é suficiente para ser a base de uma organização e identificação. Dessa forma, esse trabalho como estudo de caso é importante para discutir a multiplicidade de significados que a imagem tem por conta dos diferentes contextos.

A maior parte das fotografias realizadas estão publicizadas, porém não possuem uma política pública de incorporação para resguardá-las. Podemos encontrá-las em redes sociais, em sites e blogs, mas elas continuam sendo de âmbito privado e/ou pessoal, apesar de estarem com o acesso voltado ao público. Isso é consequência da falta de políticas públicas voltadas para salvaguardar esse tipo de registro, com a devida caracterização do contexto.

Ao realizar uma busca por fotógrafos que trabalharam ou que ainda trabalham com a dança, percebemos que a maior parte dos resultados encontrados são para fotógrafos de teatro e dança, fotógrafos de espetáculos de dança e fotógrafos que trabalham com balé. Desse modo, percebemos que não há fotógrafos de dança de

salão evidenciados no território nacional e que há poucos fotógrafos de danças, em geral, que possuem uma carreira relevante. Diante desse cenário, sabemos que grande parte dos fotógrafos ganham destaque dentro do próprio meio artístico. É o que acontece na dança de salão do DF e a Priscila Nayade é um desses casos.

Ao entrevistar Priscila Nayade, podemos conhecer mais sobre ela e o trabalho realizado com a dança de salão no DF. As experimentações feitas por Priscila, fizeram com que ela inovasse no estilo de fotografia de dança, tornando-se, então, pioneira do que podemos chamar de fotografia de dança de salão, mais especificamente. Antes dela, as fotografias realizadas com a dança eram fotografias de espetáculos de dança ou fotografias parecidas mais com retratos, não havia fotografia “em movimento”, isto é, fotografia de pessoas realizando a ação de dançar propriamente.

Percebemos que o arquivo fotográfico dela é bem extenso em relação ao tempo de produção fotográfica. E, a partir da lista de álbuns dos eventos do Facebook, confirmamos que a maior parte dos eventos é de zouk, principalmente no âmbito do Distrito Federal. Além disso, o evento que mais aparece é o “Nação Zouk” que ocorre frequentemente em Brasília.

A divulgação do trabalho de Priscila sempre ocorreu por meio da página “Pri Nayade Fotografia” na rede social Facebook. Ela inseria as fotografias que realizava em álbuns disponíveis pela própria rede. Cada álbum representa um evento no qual trabalhou. As informações presentes nesses álbuns são: o nome do evento, a data, às vezes o lugar onde foi realizado e a quantidade de fotografias. Foi por meio das interações que ocorrem nas fotos (curtidas, comentários, marcações e compartilhamentos) que o trabalho de Priscila ganhou visibilidade. Ela não precisou investir em qualquer outro tipo de divulgação, pois a própria publicação de suas fotos já alcançava muita gente no ambiente da dança de salão.

Para Priscila Nayade, a fotografia de dança representa uma prova de seu trabalho, prova de que ela sabe fazer e prova de que ela é precursora desse estilo de fotografia de dança. Mais que uma recordação, representa também um legado deixado para a dança de salão e uma inspiração para novos fotógrafos. A fotografia de dança não representa mais uma forma de divulgação, por ter mudado sua área de atuação.

Ela acredita que essa fotografia, para a organização do evento, pode ser considerada como prova de dever cumprido, prova de que o evento idealizado aconteceu e materialização de seu trabalho. Já para os professores, é mais utilizada para a divulgação e validação de seus respectivos trabalhos e, para os alunos, é mais uma forma de recordação, um suporte para a memória e pode ser utilizada para mostrar o processo de transformação que a dança de salão promoveu na vida dele.

Apesar de todas essas alegações, podemos encaixar cada representação indicada por Priscila Nayade nas três funções dos documentos abordadas nessa pesquisa. Como documento fotográfico, a fotografia de dança possui as funções de prova, divulgação e recordação para pessoas diferentes. Consideramos, então, que uma mesma imagem possui diversos contextos documentais, a depender de cada tipo de usuário.

As possibilidades de uso das fotografias de dança são inúmeras, podem ser utilizadas para recordação de um momento especial; divulgação de alguma aula ou evento; comprovação de algo; podem ser publicadas em outras redes sociais; podem ser utilizadas como plano de fundo da tela de um celular; e até mesmo pode ser utilizada como objeto decorativo, além de outras possibilidades. Por meio de exemplos das fotografias de dança do arquivo da Priscila Nayade, podemos notar que uma mesma imagem pode passar a constar em um arquivo profissional, institucional e pessoal. E, em cada um desses arquivos, a mesma imagem corresponde a um documento fotográfico diferente que possui significados diferentes. Ou seja, o contexto da fotografia muda a partir do momento em que a sua proveniência muda.

Do ponto de vista documental, tem-se que discutir a criação de um novo documento, por meio da cópia da cópia, devido a troca de titular que acarreta a criação de outras funções (prova, recordação e divulgação) para a mesma imagem. Isso é um desafio enorme para o profissional da informação, porque, em geral, ele não tem acesso as informações como as do arquivo da Priscila Nayade, por exemplo.

A fotografia deve ser tratada de acordo com a sua função geradora como documento. Assim, a informação da imagem do referente deve ser usada apenas

como mais uma característica. Deve-se, então, distinguir documento de informação imagética. Embora uma mesma imagem possa ser utilizada em diversos contextos, assumindo funções diferentes enquanto documento de arquivo, o profissional da informação deve ter em conta qual é o contexto e função arquivística do documento a ser tratado.

O tratamento arquivístico dos documentos imagéticos costuma ser realizado sem qualquer tentativa de contextualização documental, o que coloca em risco a própria finalidade do arquivo. Muitas vezes, o contexto de produção do documento fotográfico é distante da informação visual contida nele. Somente a recomposição desse contexto é capaz de resgatar a organicidade inicial dos documentos, atribuindo significado arquivístico aos acervos.

Ao realizar o mapeamento dos contextos documentais do arquivo fotográfico da Priscila Nayade, percebemos que só podemos delinear o contexto documental do arquivo da fotógrafa, uma vez que foi realizada entrevista com ela. A partir do momento que tentamos fazer um mapeamento do contexto de uma mesma imagem que pertence a outros arquivos, não podemos alcançar resultados fidedignos. Somente podemos imaginar possibilidades, fazendo comparação com o arquivo pessoal da pesquisadora.

O estudo da produção documental de determinada instituição deve reunir as variáveis que interferem na ação da entidade produtora, proporcionando o conhecimento das relações da gênese documental, seus usos e valores. Isto é, o mapeamento do contexto para a prática de arquivos é necessário, uma vez que precisamos entender a origem, o motivo da criação e a pessoa (física ou jurídica) que gerou a demanda da produção dos documentos.

Deve-se ter em conta que as políticas de preservação, resguardo e custódia do mapeamento das fotografias tenham em vista o contexto documental, uma vez que sem ele os arquivos perdem a sua finalidade. O estudo de caso realizado como metodologia dessa pesquisa estabeleceu o contexto das fotografias de dança do arquivo da Priscila Nayade, por ter contato direto com a fonte produtora dos documentos fotográficos.

No entanto, isso nem sempre vai ocorrer em outros arquivos fotográficos de fotógrafos, que não necessariamente fotografam a dança ou a dança de salão, ou arquivos distintos que contenham fotografias como parte de seu conjunto documental. Isto é, o mapeamento do contexto documental pode e deve ser aplicado a outros arquivos que estão recebendo tratamento técnico. Caso o profissional não tenha como saber o contexto do documento fotográfico, seja por meio de entrevistas com as pessoas envolvidas, seja por meio de outros documentos, a organicidade inicial dos documentos não será resgatada, o que coloca em risco a finalidade do arquivo em integrar uma série documental, comprometendo o uso dos documentos como prova.

Como sugestão de novas pesquisas, a partir da temática de fotografias de dança, temos as seguintes opções: (i) aprofundar o estudo das fotografias digitais, entendendo o paradigma físico da fotografia digital e traçando um perfil de usuários por meio das redes sociais, além de entender a criação de álbuns nessas redes, a partir dos estudos de álbuns familiares; (ii) descobrir o limite entre um arquivo pessoal e profissional de um fotógrafo, visto que muitos fotógrafos não trabalham com contratos, o que deixa a natureza de seus arquivos ser de cunho pessoal; e (iii) realização de estudos voltados para a organização arquivística de documentos fotográficos de dança, a fim de construir um patrimônio fotográfico de dança e, em especial, o patrimônio fotográfico de dança de salão do Distrito Federal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVO NACIONAL. *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS. *Dicionário de terminologia arquivística*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1996.

BARBANTI, V. J. *Dicionário de educação física e do esporte*. [S.l.: s.n.], 1994.

BARTHES, R. A mensagem fotográfica. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da Cultura de Massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 325-341.

BLAYA PEREZ, C. Difusão dos arquivos fotográficos. In: *Caderno de arquivologia, Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Documentação, Curso de Arquivologia*. n. 2. Santa Maria: UFSM, 2005. p. 07-22.

BORKO, H. Information science: what is it? *American Documentation*, v. 19, n. 1, 1968.

BROOK, G.; MENAJOVSKY, J. Fotoperiodismo y mercado en la era digital: cuando los aficionados vienen marchando. *Revista Ojos crueles: temas de fotografía y Sociedad*, Buenos Aires n. 1, p. 83-93, 2004.

BUC CERONI, C. *Flutuações conceituais, percepções visuais e suas repercussões na representação informacional e documental da fotografia para formulação do conceito de Informação fotográfica digital*. 206 p. 2013. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BUC CERONI, C.; PINHEIRO, L. V. R. A imagem fotográfica como documento: desideratos de Otlet. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: UFPB, 2009.

BUCKLAND, M. Information as thing. *Journal of the American Society of Information Science*, v. 42, n. 5, p. 351-360, 1991.

CAPURRO, R.; HJÖRLAND, B. O conceito de informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 12, n. 1, p. 148-207, 2007.

COGOLLO-OSPINA, S. N.; TORO-TAMAYO, L. C. Papel de los archivos fotográficos de Derechos Humanos en la memoria colectiva. *Revista Interamericana de Bibliotecología*, Medellín, v. 39, n. 1, p. 71-83, 2016.

COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL. *Atlas do Distrito Federal*. Brasília: Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão do Governo do Distrito Federal, 2020.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS. *e-ARQ Brasil: modelo de requisitos para sistemas informatizados de gestão arquivística de documentos*. Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos (CTDE). Rio de Janeiro, 2011.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS. Resolução n.º 20, de 16 de julho de 2004. Dispõe sobre a inserção dos documentos digitais em programas de gestão arquivística de documentos dos órgãos e entidades integrantes do Sistema Nacional de Arquivos. Relator: Jaime Antunes da Silva. In: *Diário Oficial da União*, Brasília, 19 jul. 2004, seção 1, n. 137, p. 5.

CORREIA, P. M. A. R.; MOREIRA, M. F. R. Novas formas de comunicação: história do Facebook - Uma história necessariamente breve. *ALCEU*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 28, p. 168-187, jan./jun. 2014.

CORTES ALONSO, V. *Manual de archivos municipales*. Madrid: Anabad, 1989. 159 p.

COSTA, T. A. da; RODRIGUES, M. de M. Coleções fotográficas: discussões em torno do processo de intervenção arquivística. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 25, n. 4, oct./dez. 2020.

CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DONATO, J. O paradigma físico da fotografia digital. *Revista Photo & Documento*, Brasília, n. 7, dez. 2019.

DUARTE, R. Interviews in qualitative research. *Educar em Revista*, n. 24, p. 213-225, 2004.

FERREIRA, G. C. F. Redes Sociais de Informação: uma história e um estudo de caso. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 16, n. 3, p. 208-231, jul./set. 2011.

FLICK, U. *Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes*. Penso Editora, 2012.

FLICK, U. *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2009. 196 p.

FOWLER JR, F. J. *Pesquisa de levantamento*. Porto Alegre: Penso, 2011.

FUSCO, E. *Aplicação dos FRBR na modelagem de catálogos bibliográficos digitais*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

GARIBA, C. M. S. *Personal Dance: uma proposta empreendedora*. 2002. 133f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Editora Vozes Limitada, 2002.

GOODE, W. J.; HATT, P. K. *Métodos em pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

HEREDIA HERRERA, A. *Archivística General: Teoría y Práctica*. Sevilla. Diputación Provincial de Sevilla, 1991.

KOSSOY, B. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001a.

- KOSSOY, B. *História*. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2001b.
- KOSSOY, B. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2016.
- KVALE, S. *Interviews: An introduction to qualitative research interviewing*. Sage Publications, Inc, 1994.
- KVALE, S. *Las entrevistas en investigación cualitativa*. Ediciones Morata, 2011.
- LE COADIC, Y-F. *A Ciência da Informação*. 2. ed. Brasília: Brinquet de Lemos, 2004.
- LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LEITE, F. C. L. *Como gerenciar e ampliar a visibilidade da informação científica brasileira: repositórios institucionais de acesso aberto*. Brasília: IBICT, 2009. 120 p.
- LEON et al. Contexto e gestão documental: reflexões a partir do estudo dos contratos de estágio da UFRGS. *Biblos: revista do Departamento de Biblioteconomia e História*. Rio Grande, v. 28, n. 3, p. 179-193, 2014.
- LITTLE, M. E. Dance under Louis XIV and XV: some implications for the musician. *Early Music*, EUA: Oxford University Press, v. 3, n. 4, p. 331-340, 1975.
- LOPEZ, A. P. A. Contextualización archivística de documentos fotográficos. *Alexandria: revista de Ciencias de la Información*, n. 8, p. 03-16, jan./dez. 2011.
- LOPEZ, A. P. A. El contexto archivístico como directriz para la gestión documental de materiales fotográficos de archivo. *Universum*, Talca, v. 23, n. 2, p. 12-37, 2008.
- LOPEZ, A. P. A. Identificação de tipologias documentais em acervos de trabalhadores. In: Antonio José Marques; Inez Tereznha Stampa. (Org.). *Arquivos do mundo dos trabalhadores: coletânea do 2º Seminário Internacional*. São Paulo; Rio de Janeiro: CUT; Arquivo Nacional, 2012, p. 15-31.
- LOPEZ, A. P. A. La necesidad del contexto en la gestión documental de acervos personales de imágenes para la memoria. *Documentación de las Ciencias de la Información*, v. 44, n. 1, p. 53-60, 22 feb. 2021.
- LOPEZ, A. P. A. Réseaux sociaux et accès à l'information. Nouveaux modes de production, de circulation et de légitimation de la connaissance. In: Laurence Dahan-Gaida. (Org.). *Circulation des savoirs et reconfiguration des idées: perspectives croisées France-Brésil*. 1ed. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2016, p. 239-253.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MANINI, M. P. et al. A fotografia como registro e como documento de arquivo. In: BARTALO, L.; MORENO, N. (orgs.). *Gestão em Arquivologia: abordagens múltiplas*. Londrina: Eduel, 2008, p. 102-161.
- MANINI, M. P.; PAIVA, L. F. A fotografia como documento em arquivos brasileiros: os casos do arquivo nacional e do arquivo público do distrito federal. *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, v. 11, 2010.

- MONTOYA-MOGOLLÓN, J. B.; MADIO, T. C. de C. Gestão do documento arquivístico digital no contexto organizacional: uma necessária contribuição. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 19, 2018, Londrina. XIX ENANCIB... Londrina, 2018.
- NIEDERMAIER, A. Cuando me asalta el miedo, creo una imagen. *Cuadernos del Centro de Estudios de Diseño y Comunicación*, Buenos Aires, n. 56, p. 177-198, mar. 2016.
- NUNES, P.M. O que as imagens fazem. In: MANINI, M. P.; MARQUES, O. G.; MUNIZ, N. C. (org.) *Imagem, memória e informação*. Brasília: Ícone Editora e Gráfica, 2010.
- O QUE SÃO FLYERS?. *Blog da Printi*, 2014. Disponível em: <<https://www.printi.com.br/blog/o-que-sao-flyers>>. Acesso em: 22 out. 2021.
- PAULA, D. A. M. de. *Dança de salão: história e evolução*. 2008. 23 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação física) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- PERNA, M. A. *Samba de Gafieira: a história da dança de salão brasileira*. Rio de Janeiro: O Autor, 2001.
- POIVERT, M. A fotografia contemporânea tem uma história? Tradução de Andrea Eichenberger. *Palíndromo*, n. 13, p. 134-142, jan./jun. 2015.
- POUPART, J. L'entretien de type qualitatif. Réflexions de Jean Poupart sur cette méthode. *Sur le journalisme*, v. 1, n. 1, 2012.
- RESULTADOS DIGITAIS. *Redes Sociais*. Disponível em: <<https://resultadosdigitais.com.br/redes-sociais/>>. Acesso em: 25 set. 2021.
- ROSSI, P. D. de. *Espectáculos de Balé na cidade de São Paulo (1968-2007): mapeando 40 anos de arquivo*. 397 p. 2009. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- ROUILLÉ, A. *La photographie*. Paris: Gallimard. 2005.
- RUTHES, S. *Música para Dança de Salão*. Curitiba: Editora Protexito, 2007.
- SACHS, C. *The History of Musical Instruments*. New York: Norton & Company, 1943.
- SANTAELLA, L. *O que é semiótica*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- SANTOS, A. C. D. A.; RIBEIRO, E. S. Imagens fotográficas: olhares sobre a história da UFPE. *História Unicap*, Pernambuco, v. 1, n. 2, p. 143-152, jul./dez. 2014.
- SANTOS, J. M. P. dos. *Metadados: a recuperação de imagens digitais baseada em conteúdo*. 138 p. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo.
- SHELLENBERG, T. R. *Arquivos modernos: princípios e técnicas*. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. 386 p.

SCHELLENBERG, T. R. *Arquivos Modernos: princípios e técnicas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974. 335p.

SIMIONATO, A. C. Metadados para a representação das imagens digitais. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 12, 2011, Brasília. *XII ENANCIB...* Brasília, 2011.

SILVA, A.; FERREIRA, M. Gestão do conhecimento e capital social: as redes e sua importância para as empresas. *Informação & Informação*, Londrina, v. 12, n. esp., 2007.

SILVA, M. C. S. de M. e. Arquivos históricos de museus: o arquivo de história da ciência do MAST. In: MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. Documentação em museus. Rio de Janeiro: MAST, 2008.

SILVA, S. M. F. da. *Arquivo e memória fotográfica: manifestações populares da Bahia no olhar de Sílvio Robatto*. 109 p. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SILVA, T. E. da; TOMAÉL, M. I. A gestão da informação nas organizações. *Informação & Informação*, Londrina, v. 12, n.12. 2007.

SOUSA, J. P. *Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa*. Porto, 2002.

STAKE, R. E. Case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S (orgs.). *Handbook of qualitative research*. London: Sage, 2000.

TONELLO, I. M. S.; MADIO, T. C. de C. A fotografia como documento: com a palavra Otlet e Briet. *Informação & Informação*, v. 23, n. 1, 2018.

TORO-TAMAYO, L. C.; VALLEJO ECHAVARRÍA, J. C. Atlas visual de la memoria. Una forma de visualizar y representar el conflicto en Colombia. *Revista Interamericana de Bibliotecología*, Medellín, v. 41, n. 1, p. 83-87, 2018.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo*. São Paulo, SP: Atlas, 2008. 175 p.

VOLP, C. M. *Vivenciando a dança de salão na escola*. 1994. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

WILLADINO, I. C. *Dança Zouk: trajetórias do aprendiz*. 170 p. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

YIN, R. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICES

A - Roteiro de entrevista

B - Termo de Autorização de uso de entrevista em áudio e vídeo

C - Degração de entrevista

D - Lista de álbuns na página do Facebook de Priscila Nayade

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Entrevistado (a): _____

Pesquisador (a): _____

Local: _____ Data: _____ Hora Inicial: _____ Hora Final: _____

CONHECENDO A FOTÓGRAFA

1. Você pode me contar um pouco sobre a sua história com a fotografia? Por que você começou a fotografar?
2. Qual a sua relação com a dança? Qual é o significado dela na sua vida?
3. Por que fotografar a dança e, mais especificamente, dança de salão? Você teve alguma influência para começar a realizar esse tipo de trabalho?
4. Qual é a sua maior dificuldade em fotografar a dança? E facilidade, tem alguma?
5. Além da dança, você realiza trabalho com a fotografia?

CONHECENDO O TRABALHO DA FOTÓGRAFA

6. Você poderia explicar como funciona o seu trabalho com a dança, desde o primeiro contato com quem te contrata até a entrega do produto final?
7. Você trabalha com fotografia de dança apenas em Brasília? Ou abrange o Distrito Federal e outras regiões do Brasil? Por que trabalhar nesses lugares?
8. Com quais tipos de eventos você trabalha? E você realiza algum outro trabalho que envolva a dança?
9. Quando você costuma fotografar a dança? Existe alguma época específica?

CONHECENDO O ARQUIVO DA FOTÓGRAFA

10. Do que é constituído o seu arquivo fotográfico? Você possui fotografias analógicas e digitais?
11. Quantas fotografias o seu arquivo possui? E quantas dessas fotografias são de dança?
12. Você considera o seu arquivo relevante para o registro da dança? Por quê?

13. Como é feita a organização do seu arquivo? Há algum tipo de classificação? E como você armazena essas fotografias? E você guarda as editadas e não editadas?
14. Como é feito o tratamento da informação dessas fotografias? Existe alguma descrição? Você consegue identificar as pessoas que aparecem nessas fotografias?

CONHECENDO A DIVULGAÇÃO DA FOTÓGRAFA

15. Como você divulga o seu trabalho? Pelas redes sociais, sites, exposição etc.?
16. Você poderia explicar como funcionam essas divulgações?
17. Você consegue identificar quem são os usuários que acessam as suas fotografias? E na rede social Facebook, você consegue identificar também?
18. Como você lida com o direito de imagem das pessoas que aparecem nessas fotografias? Alguém já pediu para você não divulgar certa fotografia? Alguém já pediu a fotografia original (com alta resolução) para você?

IDENTIFICAÇÃO DAS FUNÇÕES E DOS USUÁRIOS

19. Qual função que o documento fotográfico tem para você: prova, divulgação e/ou recordação seu trabalho?
20. Você acredita que a fotografia, como documento, possui funções para cada pessoa?
21. Você pode imaginar qual é função que as fotografias têm para cada tipo de usuário (Fotógrafo, organização do evento, dançarino, professor e aluno)?
22. Você quer deixar algum comentário adicional?

APÊNDICE B

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA EM ÁUDIO E VÍDEO

Eu, _____, portador(a) da Cédula de identidade RG nº. _____, inscrito(a) no CPF sob nº _____, **AUTORIZO** a pesquisadora Julia Araujo Donato do projeto de pesquisa intitulado “Olhares sobre a dança: os diferentes contextos documentais sobre a mesma imagem”, orientado pelo Prof. Dr. André Porto Ancona Lopez, por meio do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Universidade de Brasília, a colher meu depoimento que será gravado e transcrito.

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, a cessão de direitos da veiculação da imagem e som não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Não obstante, libero a utilização, divulgação e publicação, para fins científicos, acadêmicos e culturais, em favor da pesquisadora, acima especificada, do depoimento e todo material relacionado (imagens de vídeo, fotos e documentos), no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de preservar a integridade e a indicação da fonte e do autor(a).

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

_____, dia _____ de _____ de _____.

(assinatura do(a) entrevistado(a))

(assinatura da pesquisadora)

Dados do(a) entrevistado(a)

Nome:

Profissão:

Telefone:

E-mail:

Dados da pesquisadora

Nome:

Profissão:

Curso/área/instituição:

Orientador/a:

Telefone:

E-mail:

Dados da entrevista

Duração:

Data:

Local:

APÊNDICE C

DEGRAVAÇÃO DE ENTREVISTA

00:00:05 **PESQUISADORA**

Eu queria que você começasse me contando um pouquinho mais sobre a sua história com a fotografia. Por que você começou a fotografar e por que fotografar?

00:00:25 **ENTREVISTADO(A)**

Então, na verdade eu sou formada em letras, eu caminhei pela área das letras durante muitos anos, dei aulas de português, muitos anos, e a fotografia sempre esteve na minha vida como uma forma de hobby e de autorretrato. Então, eu era a pessoa que tirava fotos de mim o tempo todo e, também, era a Fotógrafa da família. Então, é muito comum sempre que tem uma pessoa (?) na família que tira fotos de todo mundo, que é que faz parte dos registros, é muito comum em vários núcleos familiares, que você tem uma pessoa com esse tipo de seguimento de vida, que gosta desse tipo de coisa, é impressionante. E só que aí, assim, quando resolveu virar uma profissão, foi mais um teste, foi uma coisa meio aleatória. Não foi uma coisa pensada, porque já era da dança e fazia parte da comunidade, como consumidora da dança. E acabei que eu tinha uma câmera, porque eu comprei, porque na época me veio a ideia e surgiu uma oportunidade de comprar e eu falava "vou ali experimentar". Assim como a minha vida inteira, foi a partir de experimentações. Vou ali experimentar, fazer umas fotos do pessoal dançando numa festa comum, que se tem em Brasília, de evento de dança de salão. E foi aí que eu comecei a gostar dessa parte e a desenvolver uma linguagem artística nessa parte. Então, antes, eu não tinha muito fundamento. Nunca fiz curso de fotografia, não foi uma coisa que veio da parte tecnicista, foi uma coisa que foi por puro, puro empírico. Foi por experimentação mesmo e, quando isso aconteceu, também não se fala muito sobre fotografia de dança. Não se tem muitas informações sobre, porque

não é uma área que as pessoas realmente estudam sobre, porque ela se mescla muito com fotojornalismo. Então, fotojornalismo nada mais é do que a representação da memória. Um tempo real. Então, você está lá, uma coisa aconteceu e você registrou aquilo ali. E você, meio que capta o arbitrário, você capta a essência do momento, então, é mais... eles se mesclam muito. Só que a dança tem algumas particularidades em teor de arte, que é diferente de você fotografar, por exemplo, de uma maneira urbana. Então, acaba que a gente mesmo, que vai estudar fotografia de dança, não tem muita referência teórica sobre. A gente vai ter que ir pela experimentação mesmo e, em pessoas que estão aí, caminhando por aí. Mas eu acho que caminhar no lado do Fotojornalismo e mesclar isso com a parte de fotografia contemporânea, você meio que acha... acha algumas coisinhas, que você consegue trilhar caminho sobre. Então, foi pensando nisso, foi... Eu sempre tive acesso à parte artística, porque das letras meio que a gente caminha dentro das artes, mas foi uma coisa de experimentação. Então, acho que uns seis meses, sete meses depois, larguei meu emprego da sala de aula e resolvi tentar a vida como empreendedora na área da fotografia e continuei caminhando nos eventos de dança, mas ainda sem fundamento teórico nenhum. Então, o que foi desenvolver depois, foi uma percepção minha sobre coisas que eu conheço sobre fotojornalismo e a fotografia contemporânea, fotografia até, não vou chamar de pós-moderna não, a fotografia contemporânea, já é suficiente. Então, acho que dá para mesclar os dois e a gente chegar numa fotografia de dança, de maneira mais artística do que puramente o registro pelo registro.

00:03:41 PESQUISADORA

E assim, qual é sua relação com a dança? Por que dança de salão, por que fotografar dança de salão? O que a dança de salão significa para você?

00:03:53 ENTREVISTADO(A)

A dança de salão surgiu, assim como todas as coisas da minha vida, surgiu de maneira arbitrária, e a dança de salão, na verdade, foi uma forma de eu interagir

com outras pessoas depois de terminar um relacionamento. Então, surgiu nesse mundo, em 2009 e em 2009 eu conheci o Zouk, porque na época, era bastante recente em Brasília, de uma dança latina a dois, porque falava-se muito de uma dança latina separada, falava-se muito da salsa. Mas o Zouk, por ter uma proximidade um pouco maior e o ritmo um pouco diferente, falava-se pouco. Mas, era uma coisa que estava se desenvolvendo muito em Brasília; então, a minha relação com ela sempre foi de consumidora. Então, desde 2009, eu consumo todos os eventos possíveis, já fiz muitas aulas, já fui em muitos bailes, só que não parei no Zouk, porque a dança de salão foi só o pontapé, por uma questão de expressão corporal. Ela é, normalmente, um pontapé para muita gente. Galera entra para socializar e acaba conhecendo o ambiente, que é super favorável você se expressar, você conhecer pessoas novas, você descobrir coisas do seu corpo, que você não sabia antes. Então, você acaba se abrindo para novas possibilidades dentro da dança. Então, foi a dança de salão inicial que me abriu, por exemplo, para um Balé, para um Jazz, mesmo sendo adulta já, serviu muito bem. Então, eu gostei muito, acho que o Zouk foi essencial para descobrir esta parte, que eu ainda não tinha, porque eu sempre gostei de esporte, mas de dança nunca fui muito fã. Então, foi uma coisa que abriu caminhos e representa para mim, isso representa um momento, uma mudança de chave, da forma como eu entendia o meu corpo antes, para o momento que eu entendo meu corpo agora, até hoje, mesmo não dançando mais tanto Zouk quanto eu dançava na época. Então, acho que é muito importante... Assim, é uma forma muito diferente de você lidar com seu corpo, porque você tem uma outra pessoa te conduzindo e tudo mais. Então, é uma forma diferente de uma dança individual, mas ela abre tantos caminhos, quanto a dança individual abriria.

00:05:50 **PESQUISADORA**

E assim, qual é a maior dificuldade para você, fotografar a dança de salão?

00:05:59 ENTREVISTADO(A)

Então, você também tinha perguntado, porque fotografar a dança de salão, acho que eu meio que espelhei o processo. Então, era um processo que eu vi muito em mim e registrar esse processo em outras pessoas se tornou prazeroso, por conta, por eu ter vivido isso. Acho que, basicamente, quando eu entendi a minha dança, eu entendi todas essas possibilidades. Viver a fotografia de dança se tornou uma coisa muito prazerosa, porque, literalmente, é você olhar de outro ângulo, é você perceber isso de outro ângulo, registrar de outro ângulo e fazer parte dos registros de eventos. Porque... É aquela coisa, se você não registra, é como se não tivesse acontecido, não tem como mostrar para ninguém. Então, o registro capta muito a existência do evento, a existência da dança em si, daqueles momentos que não voltam mais. Então, a fotografia tem muito papel nisso, assim como a arte no todo, a arte que registra escrita, que registra a cultura, que registra foto. Ela tem muito disso, de congelar o passado. E eu acho que a maior dificuldade, assim, colocaria duas dificuldades, que é a questão da desvalorização da produção, mesmo porque... E não é uma culpa dos organizadores e dos financiadores de eventos de dança. Eu acho que é uma questão mesmo problemática do Brasil, no geral, e apreciação da arte etc. Então, você vê uma dificuldade real de organizadores de eventos de dança de salão, para poder tocar um evento com uma boa qualidade, com um preço acessível, mas, ao mesmo tempo justo, isso acaba reverberando na equipe. Então, você não tem muito suporte financeiro, suporte de trabalho saudável dentro de um ambiente como esse. Então, essa, para mim, é a maior dificuldade. Tanto é que, quando eu saí da dança de salão, depois de um tempo, da fotografia de dança de salão, fui explorar outros ambientes, porque acaba se tornando muito tóxico. E a outra segunda grande dificuldade, eu acredito que seja a sensibilidade de captar momentos que realmente foram significativos para aquele evento. Porque fotografar por fotografar, você clicar, apertar um botão não faz de você um Fotógrafo. Então, existe uma dificuldade, assim, bastante considerável, na minha opinião, você ter a sensibilidade de pegar momentos muito específicos, que eles não aconteceriam de novo. Só que essa sensibilidade tá no olhar, ela tá na percepção de mundo, ela tá numa coisa muito mais ampla, do que só estudar os aspectos técnicos da fotografia e botar em prática.

00:08:23 PESQUISADORA

E tem alguma facilidade encontrada nesse tipo de trabalho? Você falou nas dificuldades...

00:08:32 ENTREVISTADO(A)

Dificuldade é mais fácil de falar, né? Eu acho que assim, acho que quando você já é da dança, é um pouco mais fácil, você entender como as coisas funcionam. Porque, assim, já vi muitos Fotógrafos que foram para eventos de dança, que foram contratados, enfim, qualquer que seja o motivo ou até mesmo, não só nos eventos de dança, mas na parte, sei lá, de uma fotografia de uma pista de dança de casamento, por exemplo, onde envolve dança, onde envolve gente dançando e a maior dificuldade são pessoas que não são desse meio, que não vivem essa experiência antes. Então, quando você vive isso, você já tem a dança dentro de si, quando o comportamento já está meio tendenciado para isso, é um pouco mais fácil de você prever algumas fotos. Você tem uma noção mais ou menos de onde vai estar determinado movimento, obviamente por experiência de click, mas é mais fácil desenvolver isso, do que uma pessoa do que nunca viveu isso antes, por exemplo. Então, é uma facilidade por conta disso. Existe uma outra facilidade, muito boa que evento de dança existe no Brasil inteiro. Então, você pode... Você não precisa se prender a sua cidade, então, você pode viajar o Brasil inteiro para fotografar qualquer evento, desde que seja acordado. Então, não é uma coisa que é um mercado escasso. Pelo contrário, é um mercado muito cheio de oportunidades. E eu acho que também é uma das facilidades, a facilidade de viajar também, de você conhecer novos públicos e novas cidades, por ser muito expansivo, você consegue exatamente abrir o seu leque de possibilidades. Não só para o Brasil, quanto para fora também. Então, assim, obviamente que o financeiro entra na capital de dificuldade. Mas existe essa facilidade. Por exemplo, a foto de casamento já bloqueia um pouco, a fotografia feminina já bloqueia outro pouco, a de dança eu sinto essa facilidade maior.

00:10:14 PESQUISADORA

Você se considera precursora da dança, da fotografia de dança de salão aqui em Brasília, no Brasil?

00:10:25 ENTREVISTADO(A)

Em Brasília, acredito que sim, porque realmente antes de mim não tinha ninguém. Isso eu sei, porque, eu já... Tinha... Já estava há muitos anos na dança para saber que não tinha registro de eventos de dança. Quando tinha, era porque era um evento muito grande, chamavam um Fotógrafo aleatório, que ninguém nunca via as fotos. Então, assim, era uma coisa ainda não estabilizada, como existe o Fotógrafo de dança. Não existia essa terminação. Então, assim, quando comecei, eu não esperei que daria essa repercussão. Como falei no início, estava sendo uma coisa bem experimentação mesmo e tudo. Só que aquela coisa, quando a gente não tem parâmetro de referência, tudo meio que fica bom. Então, assim, não é que as minhas fotos eram as melhores possíveis, mas dentro do lugar, onde não se tinha nada, se torna uma coisa positiva, porque é o que tem. Então, depois disso, eu meio que cultivei num campo que não tinha muita coisa semeada. Mas, no Brasil, já se existia duas grandes empresas de fotografia de dança, só que ainda não no mesmo nível dessas que eu trabalhava. Eram fotografias um pouco mais parecidas com fotografia de festa, em que junta uma galera e se tira foto. Era uma coisa mais de retrato, meio pra postar no Facebook, Instagram. Então, não era uma coisa, realmente, a galera dançando em si. Então, eu acho que dançando em si, em evento, eu posso me considerar precursora, porque realmente antes eu não tinha visto uma pessoa que trabalhasse com isso. Mas só nessas considerações. Assim, dizer que eu inventei isso... Aí eu estaria mentindo, porque não foi não.

00:11:49 PESQUISADORA

E você falou muito sobre o Zouk. Você fotografou só o Zouk ou você fotografou outros tipos de dança?

00:11:58 ENTREVISTADO(A)

Do começo, em 2016, quando eu comecei a fotografar, era só Zouk mesmo, porque os eventos de Zouk existem em maior quantidade do que os outros eventos de dança de salão. Então, os eventos, por exemplo, de samba que existem são em menor quantidade, mas eles são em grandiosidade... são maiores, então se tem grandes eventos de samba, mas em menor quantidade. Zouk tem um baile por semana, então é muito mais fácil você desenvolver alguma coisa dentro do Zouk do que dentro, sei lá, de um evento de samba, que são em menor quantidade. Então, o Zouk e o Forró, eles batem muito um com o outro, porque os dois tem em quantidades absurdas em Brasília. Eu comecei com o Zouk, fiquei muito tempo no Zouk, até que, depois de um tempo, comecei ir para outras danças. Mas, eu confesso que eu não expandi muito, porque não é muito comum você ver um congresso só de Salsa, um congresso só de Tango, é muito mais difícil, o Zouk é um pouco mais popular. Então, passei pelo Zouk, mas eu já andei pelo Forró, pelo samba, pelo West Coast Swing e pelas apresentações de escola de dança, de danças individuais. Mas ainda, mesmo com os outros estilos de danças, Zouk ainda é a maior quantidade de que eu já fiz de evento, sem sombra de dúvida.

00:13:13 PESQUISADORA

Assim, além da dança, quais são os outros tipos de trabalho que você faz com fotografia?

00:13:19 ENTREVISTADO(A)

Hoje? Eu trabalho só com fotografia feminina, com ensaios individuais mesmo. E eu trabalho com a perspectiva de empoderamento de decisões, de autoestima e tudo mais, através do ensaio feminino, desse poder feminino e tudo mais. É um trabalho eu que me identifiquei muito, que eu me encontrei mesmo, que ali que era meu lugar... sempre foi, apesar da dança ter me dado muita coisa, o feminino me despertou um lado que eu não tinha antes, quando estava só com a dança. Mas, na época que eu fotografava a dança, acho que nem dois anos atrás,

eu fazia casamento também. Casamento é um ambiente bem legal de fotografar, porque tá muito próximo da perspectiva da fotografia de dança, por ser Fotojornalismo, mas hoje já não faço mais casamento, porque meio que perdi o gosto mesmo. Eu achei um pouco burocrático demais. Todo mundo casa do mesmo jeito, mesmo que... casamento não muda muita coisa. Tipo, às vezes você fala assim: "vai ser muito diferente o meu casamento", é uma coisa ou outra. A diferença, às vezes, é na decoração, é no discurso, mas não é uma coisa que realmente mude a estrutura inteira. Então, eu achei muito tradicionalista. Ele me deu um pouco de ranço, aí eu acabei ficando só na fotografia feminina mesmo... que acho que a liberdade para criar é maior, então eu gostei mais.

00:14:39 **PESQUISADORA**

Quando você parou de fotografar a dança?

00:14:42 **ENTREVISTADO(A)**

Parei assim, totalmente mesmo. Nem foi totalmente, porque ano passado ainda fiz dois, três eventos de dança... é que eu não consigo parar totalmente, mas eu diminuí consideravelmente. Assim, de fazer um por mês, fazendo dois, três por mês, de fazer três no ano, já a quantidade é bem menor. Mas, ano passado mesmo, eu fiz os eventos de dança que estava prevista a fazer, fiz em Manaus, fiz em Juiz de Fora, fiz em Fortaleza, Fiz em BH, aqui em Brasília. Só que hoje eu tenho mais dedicação a fotografia do West Coast Swing, do que propriamente do Zouk, por ser uma comunidade menor, e eu apoio mais os eventos de lá. Realmente, a gente vê que a comunidade, ela vai crescendo de pouquinho em pouquinho, então me sinto na responsabilidade de registrar esse crescimento no Brasil, de tornar a comunidade uma coisa válida, porque é uma dança que eu gosto muito, me importo muito com ela, mas de Zouk mesmo, acho que eu só fiz dois ano passado, que foi um em Juiz de Fora e um em Manaus mesmo.

00:15:40 PESQUISADORA

Mas, em 2018, você estava fazendo completamente? Você parou mais ano passado, né?

00:15:47 ENTREVISTADO(A)

Isso, 2018... de 2016, 17 e 18 foram assim pancadão, praticamente só fiz evento de dança, porque tinha... emendava viagem, ou, às vezes, tipo assim, fazia um em Brasília, dava dois dias, viajava para um lugar, fazia lá, voltava... tinha outros aqui em Brasília. Então, essa minha agenda sempre foi muito cheia com dança, por questão de referência... Como não tinha outra pessoa que fizesse tão bem quanto eu, acaba que só eu fico como... eu não consigo delegar isso, não consigo mandar alguém com uma equipe, nunca gostei disso. Eu acho que não, não funciona desse jeito, então, por eu não conseguir delegar, aí dá merda, porque, né... então, acaba lotando a agenda de um jeito, de uma forma, que não funciona, não fica sustentável a longo prazo.

00:16:33 PESQUISADORA

E como que funciona ou funcionava, no caso, esse seu trabalho com a dança, desde o primeiro contato de quem te contrata até a entrega do final?

00:16:45 ENTREVISTADO(A)

Ela, na verdade, é até um pouco mais simples do que a fotografia que eu trabalho hoje, porque basicamente a pessoa entra em contato comigo pelo Instagram ou Facebook. Então, normalmente, ela me dá os dados do evento, você pergunta quantos dias são, porque, diferentemente de um casamento ou de uma fotografia feminina, os eventos de dança sempre tem mais de um dia. Eles nunca são um dia só. Pelo menos são dois dias, normalmente, são três, então aí tem essa questão da gente ver quantos dias, quantas horas de trabalho serão, se vai ter

Workshop, se vai ter... ou se não vai ser Workshop, vai ser aula mesmo corrida de vários professores, se é Congresso, se é Workshop, tem diferença também. Quando bailes são, se tem tema para os bailes e assim por diante. Então, essa é a primeira sondagem sobre o (?) primeiro, ele é feito para poder, justamente, passar um orçamento adequado, porque normalmente eu não consigo trabalhar com alguém em evento de dança, porque normalmente o evento não tem condição de pagar ou duas passagens ou duas hospedagens, duas alimentações, por conta só da fotografia, então eles preferem investir em um professor, por exemplo, que vai dar muito mais alunos do que né... investir no pessoal, não só da fotografia, mas do audiovisual, do vídeo também. Então, depois que é feito isso, que coloca as minhas possibilidades, a gente fecha esse orçamento, se for para viajar aí tem toda a passagem, alimentação, hospedagem já contabilizadas, fora do cachê em si, do dinheiro em si, que se recebe no final e vai fazer, faz esse evento. E assim, uma coisa que me preocupa muito é sempre estar atendida ao estilo de cores do evento. Então, o evento tem uma cor de chamariz, assim, que é a cor que está em um banner, a cor que está na decoração. Então, essas cores, eu tento trazer depois para a edição dessas fotos, para ficar uma coisa um pouco mais harmônica na hora que for postar no Facebook. Mas essa entrega é uma entrega digital. Então, eu faço essas fotos inteiras, sou eu mesma que seleciono, normalmente, eu levo o meu computador para o evento, já passo as fotos, já seleciono, já edito ali, porque elas são fáceis de editar e depois eu junto tudo isso em um arquivo. Se o organizador tiver um HD ou um Pen Drive, eu já passo, no final do evento mesmo. Mas se ele não tiver, eu passo em nuvem depois, mas o que ele quer mesmo é que seja postado em um álbum do Facebook. Normalmente, esse é o pedido. Aí vai com as marcas d'água, marca do evento e a minha marca. E é isso, e aí... Quando começou se ter essa preocupação de audiovisual para evento, foi quando começaram a dar nomes às pessoas que trabalhavam no audiovisual, que no caso tem o Indyo aqui de Brasília, que ele é o videomaker da dança, enquanto eu sou Fotógrafa da dança. Então, a gente começou a ter um reconhecimento como profissionais dessa área, porque só tinha a gente fazendo isso dentro dos eventos. Aí, depois é que há um reconhecimento de nome, que você começa a ser conhecido e tal. Mas, no sentido de logística de orçamento, entrega, é basicamente isso. É bem simples. Tem umas outras pessoas que fazem o contrato, normalmente o pagamento você recebe depois do evento mesmo ou da forma como ficar acordado entre você e o

contratante. E é isso... É muito importante você deixar as coisas claras, para que elas não sejam ultrapassadas em nenhum momento. Mas eu confesso que uma coisa que deveria ter e não tem, é contrato. Não é todo mundo que trabalha com contrato. Deveria ter, mas é sempre uma enrolação e acaba ficando em segundo lugar mesmo.

00:20:03 PESQUISADORA

E assim, por que você começou a trabalhar em outros lugares do Brasil? Você começou em Brasília... por que você começou a trabalhar em outros lugares?

00:20:15 ENTREVISTADO(A)

Por demanda. Eu não tinha imaginado que eu ia expandir, não foi por um interesse meu, assim de eu falar, "nossa quero hoje fotografar em Fortaleza"... foi por uma demanda de evento. Então, assim acabou que quando eu acho... tinha uns quatro meses de dança mais ou menos que eu fiz o meu primeiro evento internacional, foi aqui em Brasília que foi o FIEL na época. Logo depois disso, como a parte sobre... sobre isso aumentou muito, porque muita gente veio, muitos professores, de muitas cidades, de muitos países... Também a visibilidade aumentou muito e acaba que muita gente quer ter essa mesma qualidade das fotos, nos seus devidos eventos. E aí, começam a cotar e orçar... e, realmente, mesmo me levando de Brasília, ainda valia mais a pena do que contratar, às vezes um Fotógrafo, que não é da dança, que é um Fotógrafo de casamento, que é um Fotógrafo de outros eventos, para dentro do evento dele. Então ainda é melhor trazer uma pessoa de outra cidade, que conhece melhor o ambiente, do que confiar no Fotógrafo regional. Então, foi mais por isso que eu comecei a sair. Então, eu fotografei muito em São Paulo e Rio de Janeiro, essas foram as minhas cidades com maior quantidade de trabalho, de eu ficar um mês em São Paulo, porque era um emendado no outro, não conseguia voltar para Brasília. Então... mas assim não é uma coisa... é uma coisa que você pode querer e ambicionar, se você falar, "nossa, quero super fotografar em todos os eventos de São Paulo", e você se organiza e vai falar com os

organizadores, mas assim, se você fizer um bom trabalho na tua região, também já é uma coisa que você pode expandir isso para outras cidades, sem muito problema em relação a isso, sem ter que correr muito atrás, em relação a isso. Não foi um desejo assim. Não vou achar ruim, porque eu viajei muito, mas é uma coisa que foi meio que consequência do trabalho, não foi uma coisa que eu fiz por onde, assim não.

00:21:59 **PESQUISADORA**

E aqui em Brasília, você acaba abrangendo outras regiões administrativas ou fica só, assim, no Plano Piloto, nos eventos do Plano Piloto?

00:22:09 **ENTREVISTADO(A)**

É mais Plano Piloto. Eu acho assim minha percepção. Eu acho que eu fotografei bem mais no Plano Piloto do que qualquer outra região administrativa de Brasília. Pra dizer que não, alguns lugares eu fotografei, chegando em Taguatinga, Águas Claras. Mas assim, não foi muito expansivo não, porque, principalmente, o Zouk tem ambientes meio que padronizados, eu acho... e para ter evento... então, para suportar a quantidade de pessoas, para suportar o som e a entrada e ser seguro. Então, é uma série de coisas, eu acho que acaba faltando opção. Então, quando a gente tem poucas opções, a gente meio que fica no mesmo lugar sempre. Então, acho que... se eu fotografei cinco vezes aqui em Águas Claras foi muito, em dois, três anos. Então, a maioria dos eventos foi realmente no Plano Piloto, porque eu acho que falta opção mesmo de espaço para eventos desse tipo.

00:23:05 **PESQUISADORA**

E quais tipos de evento você trabalha? Você falou de Congresso...

00:23:10 ENTREVISTADO(A)

Então, já fiz... hoje eu realmente... hoje, como falei, não faço mais tanto, mas eu acho que se resume bastante a Congresso e a bailes isolados. Então, bailes... Na verdade, é engraçado, porque só a dança de salão que chama de baile, né, em teoria é uma festa. Agora, baile é um termo da dança de salão, que é muito, quem não é dança de salão, não entende que é uma festa. É impressionante...

00:23:36 PESQUISADORA

Acham que é uma coisa de velho, né, na verdade...

00:23:39 ENTREVISTADO(A)

É, exatamente, ou acha que é um baile funk ou acha que é velho, é um dos dois. E eu, gente, não... mas realmente parece muito essa questão idosa mesmo. Só que então, é uma festa, nada mais é que uma festa (risos). Foram festas avulsas, já trabalhei tanto com festas semanais, com festas que tem uma sazonalidade, quanto essas festas que acontece uma vez por ano, que também são sazonais, mas não são semanais. Só que eu tinha uma quantidade bem grande de Congressos, porque Congresso, depois que estourou o Zouk no Brasil, acho, que todo mundo resolveu fazer um evento de Zouk diferente. Então, meio que você tem eventos durante todo ano de Zouk. Se tem algum lugar do Brasil, se tem um evento grande de Zouk para ir. E, se não, não só no Brasil, em Brasília também é uma rede de eventos, de produtores de eventos de dança muito grande, inclusive há toda uma reunião com essa galera, para ninguém atravessar a data de ninguém. Então, assim... Mas, resumindo, eu acho que fica concentrado entre os eventos de baile, que são, vamos chamar de eventos avulsos e os congressos que duram de dois dias para frente. Acho que resume assim.

00:24:51 **PESQUISADORA**

Você já realizou algum outro tipo de trabalho com a dança, por exemplo, algum ensaio fotográfico mais voltado para dança? Alguma coisa assim?

00:25:01 **ENTREVISTADO(A)**

Já aconteceu de meninas serem dançarinas e pedirem um ensaio... isso já aconteceu, mais de uma vez, principalmente, meninas do Pole Dance aparecem muito. Ainda mais que a sensualidade tem muito a ver com o Pole Dance, tá muito próximo. Mas, assim, às vezes casais de evento de dança, porque precisava ter... casais de dança de salão, precisava ter foto para folder, para banner, para flyer, então, acabava a gente fazendo uma foto ou outra. Essa não foi uma coisa que eu fiz em demasia, assim, absurdamente, quantidade, uma quantidade bem menor, porque muita gente não... Assim, como o Brasil não apoia tanto assim a arte, isso reverbera também nos professores de dança, que não ganham tão bem assim e não sabem ganhar dinheiro com a dança, especificamente, porque não aprendem isso em lugar nenhum. Então, por conta da questão financeira, eu acho, que por isso fotografei poucos, porque muitos deles não tinham condições, realmente, de fazer o orçamento e conseguir pagar por esse book completo. Então fiz... Fiz alguns dessa pegada de dança, assim para poder mostrar um trabalho e fiz também num ambiente mais artístico, mais abstrato, para trabalhar conceitos também e já trabalhei com dois lados.

00:26:12 **PESQUISADORA**

E agora, um pouquinho sobre o seu acervo, do que ele é constituído? Seu acervo fotográfico...

00:26:18 ENTREVISTADO(A)

Hoje, não, Hoje não, desde sempre na verdade... ele hoje, assim, se eu puder resumir tudo o que eu já fiz, eu conseguiria segmentar ele em eventos, em fotos de dança, não em eventos somente, mas foto de dança, foto de movimento e mulheres. Os casamentos que eu fiz foram muito poucos para eu considerar um acervo e assim não foi tão, porque o acervo, eu imagino que não seja só uma quantidade arbitrária de coisas. Se for por isso, a gente tem inúmeras coisas, mas o acervo eu considero uma seleção assim, do que eu já fiz de melhor, e o que eu já fiz em maior quantidade e que eu possa considerar meu trabalho alocado ali. Então, acredito que foto de movimento, eu já fiz bastante, e eu tenho isso no meu acervo muito forte, mesmo que hoje eu não trabalhe mais tanto assim com isso, e fotografia de mulheres, independente se seja mais para o sensual ou não, eu tenho uma quantidade absurda também, porque tem muito tempo que eu trabalho com elas e eu trabalhei com muita intensidade. Então, eu tenho um acervo muito grande desses dois lados, então acho que é composto pelos dois.

00:27:22 PESQUISADORA

E você já disse que os eventos de dança, você entrega o produto de forma digital. Mas no seu acervo, você tem fotografia analógica?

00:27:33 ENTREVISTADO(A)

Não tem, apesar de ter a câmara em casa e tudo, e eu ter a experimentação disso em outros momentos, mas assim é uma coisa muito para mim. Então, não chega a ser a ponto de desenvolver, como marca de trabalho, mas a gente aqui tem as máquinas analógicas aqui, que funcionam perfeitamente, que a gente experimenta uma coisinha ou outra, mas não, não a ponto de se tornar uma parte do meu acervo, é mais pessoal mesmo. A gente chama de um arquivo pessoal. Mas... aí existe a impressão de fotos. Então, por mais que não sejam analógicas, as fotos, elas são impressas, só que é mais comum nos ensaios. Em eventos, é muito raro. No máximo, alguém, às vezes, vê uma foto que gostou muito, me pede em alta

qualidade para imprimir, mas é muito assim... Posso contar nos dedos as vezes que isso aconteceu. Agora, nos ensaios, normalmente tem... se dá uma importância muito grande ao guardar as fotos impressas, de ter um arquivo, o arquivo em papel daquilo ali, que é como parece que vai durar mais que o arquivo digital, eu tenho essa impressão. Então, eu tenho, mas é mais para os ensaios mesmo. Mas a parte analógica é só para arquivo pessoal.

00:28:42 PESQUISADORA

Mas essas fotos impressas, você as tem com você? Ou você só dá para as suas clientes?

00:28:50 ENTREVISTADO(A)

As impressas, algumas impressas, eu tenho, assim, minhas de registros aqui, às vezes, diários mesmo... Até mesmo de celular, nem mesmo de câmera profissional, porque acho importante o registro impresso, porque, cara... o papel ainda é uma das coisas mais duráveis que se tem, quando a gente fala de memória, não tem como. O computador é ótimo? É ótimo... mas é diferente de você ter um álbum de família, é diferente você ter um álbum de casamento, um álbum de um ensaio, é diferente... Quando você guarda, você mostra, você pega, é uma coisa que não tá... não é digital, não é uma coisa que tá numa nuvem, um dado, uma codificação de dados, é uma coisa que está ali, na sua mão. Então, eu acho muito importante imprimir fotos. Eu gostaria de ter mais fotos impressas, amostra do que eu tenho. Eu tenho, mas elas estão guardadas. E eu confesso que eu deveria expor mais, mas eu não exponho, é uma deficiência minha. Mas eu tenho bastante foto guardada, mas, assim, momentos diários mesmo, momento de família, momento com o Rafa, momento as gatas. Aí, a gente guarda tudo numa caixinha e deixa isso como qualquer outra pessoa, que tem a caixinha das fotos em casa. Normal.

00:29:56 **PESQUISADORA**

Você sabe me dizer a média, mais ou menos, de quantas fotografias o seu acervo possui?

00:30:03 **ENTREVISTADO(A)**

Cara, você está falando do acervo impresso ou do acervo digital?

00:30:06 **PESQUISADORA**

Tudo... O que você considerar. É mais ou menos, uma média...

00:30:15 **ENTREVISTADO(A)**

Uma média, meu Jesus... É porque eu vejo assim, tem eventos, por exemplo, que eu já fotografei, que só em um evento foram seis mil fotos. Então, considerando isso, considerando a quantidade de eventos que eu já fiz, a quantidade de gigas que eu tenho guardado, eu acho que eu não tenho menos que cem mil fotos, eu acho... Considerando todos os anos que já fotografei e a quantidade de fotos que eu já tirei. Então, eu acredito que, assim, pelo menos, eu acho que, talvez, esteja entre cem e cento e cinco mil fotos pelo... mas é um cálculo bem por alto, porque, realmente, não tem como contabilizar, ainda mais que tem muita foto que eu já apaguei, então, não tenho nem como mais contabilizar hoje, realmente, o número real. Mas, em quatro anos de trabalhar com evento e ensaio, dá mais ou menos por aí mesmo, considerando as fotos que eu fotografei mesmo, que eu tirei.

00:31:10 **PESQUISADORA**

Você sabe me dizer a porcentagem desse total para a fotografia de dança? Quantos por cento representa as fotografias de dança?

00:31:18 ENTREVISTADO(A)

Nossa, acho que é a maioria, é maioria, porque a fotografia de dança tem uma quantidade absurda de momentos, né? Então, eu consideraria, provavelmente, entre sessenta e sessenta e cinco por cento disso aí. Só que eu já fotografei muitas mulheres. Então, não acredito que seja tão abaixo disso, mas ele é a maioria do meu acervo, pelo volume de momentos que se tem dentro de um evento de dança, que é diferente dos momentos que se tem em um ensaio.

00:31:49 PESQUISADORA

E você considera o seu acervo, específico de dança, relevante para o registro da dança?

00:31:57 ENTREVISTADO(A)

Cara, eu acho muito importante, muito importante, porque é aquela coisa, quem não é visto, não é lembrado (?). E, assim, o evento de dança tem uma... uma, vou chamar de aura. Ele tem uma atmosfera e cada evento de dança tem uma atmosfera diferente da outra. Então, a fotografia de dança, acho que ela te permite perceber essas atmosferas diferentes e perceber quais foram as características mais fortes de certos eventos em relação a outros. Então, isso, para um produtor de eventos, que só vai trabalhar bem com isso, trabalhar bem a nível de experiência, é extremamente de valor, porque você tem como mostrar para o outro como aquilo ali aconteceu e pode acontecer novamente. Tem como provar, em imagem, que o negócio foi legal mesmo, que as pessoas se divertiram mesmo... e você tem registros para isso. Quando a gente confia só no que o outro diz, não passa tanta credibilidade assim. Então, acho que tem esse nível de importância para quem produz o evento, para quem faz esse evento acontecer e tem um efeito emocional de registro, de memória, de saudosismo para quem participa desses eventos. Então, é aquela coisa do tipo, às vezes, a pessoa estava tão envolvida com as atividades

do evento, ela estava tão... naquela correria de participar de tudo, que ela não teve tempo de registrar nada daquele evento. Então, o único registro que sobra para ela, que tem ela em uma foto, que para ela é sempre importante, porque é uma forma de memória. Às vezes, a única foto que ela tem do evento foi eu que tirei. Então, isso é muito importante dentro de um evento de dança. Então, eu não acredito, em um evento de dança, que tenha valor e não tenha foto ou um vídeo... que tenha registro, porque eu acho que perde muito desse lado emocional, que a dança leva a gente todos os dias, mas que pode ser mostrado para outras pessoas, acho que perde um pouco, se você abdica da fotografia.

00:33:56 **PESQUISADORA**

Pri, você tá me vendo? Porque você congelou para mim.

00:34:01 **ENTREVISTADO(A)**

Eu tô te vendo normal.

00:34:02 **PESQUISADORA**

Eu estou te escutando normalmente também, só que a sua imagem está congelada.

00:34:09 **ENTREVISTADO(A)**

Eu hein, porque para mim, a sua está mostrando normal e, também, te ouço perfeitamente, mas vai descongelar em breve...

00:34:19 **PESQUISADORA**

Mas vamos continuar... E, assim, como é feito a organização, como é feita a organização do seu acervo? Você tem algum tipo de classificação... Como que é feita?

00:34:30 **ENTREVISTADO(A)**

Eu classifico por data, por ano, aí dentro dos anos, eu tenho os meses, e dentro dos meses eu tenho o nome dos eventos. Eu guardo isso em um HD separado, para não misturar com os meus eventos, com os meus ensaios, porque pesam muito os dois, então prefiro dar uma separada. E, eu confesso, que alguns eventos mais antigos, por exemplo, de 2016, eu já não tenho mais... Se eu tiver, está perdido em algum HD aleatório, mas assim, no HD em que eu sei onde estão as minhas coisas, tem eventos que não existem mais, por questão de relevância dentro do meu trabalho, que foram eventos ou muito pequenos ou que fazem parte de um início, muito início, do meu trabalho e não me representa mais. Então, eu vou meio que excluindo... Mas grandes eventos e coisas que foram muito relevantes, ou que as fotos ficaram muito boas, eu faço questão de guardar. Então, eles são guardados nessa organização temporal.

00:35:25 **PESQUISADORA**

Entendi. E como você armazena? Você falou sobre HD, mas tem algum outro modo de você armazenar?

00:35:35 **ENTREVISTADO(A)**

Eu faço pelo HD mesmo, o HD físico, HD externo e eu coloco também numa nuvem específica, numa pasta imensa, que tem todos os eventos de dança. Então, do mesmo jeito que tem no HD, tem em um armazenamento em nuvem também, só para caso, eu um dia perca esse HD físico, eu ainda tenho como recuperar isso

dentro da nuvem. Normalmente, esse é um tipo de armazenagem escolhida para Fotógrafo, por questão do backup. Então, é uma forma que a gente encontrou, assim. Só que eu só... acho que são os dois mais... mais fáceis de ter, acho que a nuvem, ainda, é mais fácil ainda, porque você trabalha só com digital e o HD pode estragar a qualquer momento. Então, assim, a ideia é que você sempre guarde em uma nuvem, por isso, eu guardei ele numa nuvem também.

00:36:16 **PESQUISADORA**

Então é espelhado? As mesmas coisas que você tem no HD, você tem na nuvem?

00:36:21 **ENTREVISTADO(A)**

Isso.

00:36:22 **PESQUISADORA**

E você guarda todas as fotos, tanto as editadas quanto as não editadas? Ou você edita tudo? Como que é feito?

00:36:31 **ENTREVISTADO(A)**

Não. Eu tiro boa parte... não boa parte, melhor. Eu acho que dá... eu tenho normalmente uns sessenta, setenta por cento de aproveitamento das fotos. As fotos originais, mesmo que aconteceram, eu não guardo todas, porque muitas são repetidas ou então desfocadas, ou então, peguei algum momento ruim, ou o flash estourou, ou então, essas fotos que não têm qualidade, mesmo em imagem, eu não vejo sentido em guardar. Eu prefiro guardar as origi... as editadas, porque passou por um processo de qualificação, de seleção mesmo, foram editadas, tiveram os ajustes feitos, para depois serem salvas. Então, elas, para mim, têm mais relevância

do que uma foto original, por exemplo, que está desfocada. Eu prefiro guardar só as editadas mesmo.

00:37:14 PESQUISADORA

E como é feito o tratamento da informação dessas fotografias? Você as descreve, insere algum metadado que não seja já o da câmera?

00:37:25 ENTREVISTADO(A)

Os metadados que eu tenho, eles são só de copyright mesmo. Eles não têm um metadado... o Exif, que é esse metadado que sai da câmera, ele é bastante suficiente para muitas informações que a gente tem dentro da foto. Então, a nível de saber como ela foi feita e tudo mais. A nível de edição, não tem como a gente saber em que nível ela foi editada, porque quando o Lightroom exporta, não tem como colocar esse metadado. Então, ele tem só... você tem um parâmetro de cor e dentro da imagem você tem os seus direitos autorais e você tem o Exif da câmera, é só isso que tem como saber. Então, assim, às vezes, você coloca uma cor diferente, o nível de saturação diferente, essa edição, assim como na época do filme, também não tem como a gente medir por um metadado. Então, o metadado fica realmente resumido a câmera e aos direitos autorais.

00:38:17 PESQUISADORA

Mas, você faz algum tipo de descrição, por exemplo, do evento, da fotografia específica que aconteceu, você coloca o contexto ou não?

00:38:26 ENTREVISTADO(A)

Eu fazia bem no início, mas se tornou muito trabalhoso pelo volume, porque a quantidade de eventos, ficou muito insustentável de fazer isso todas as vezes.

Então, por isso que, para mim, na hora da organização, quando eu coloco lá nas pastas, eu já meio que sei o que eu vou esperar, porque, realmente, eu trato... Do mesmo jeito que eu tiro as fotos, eu trato as fotos também. Então, para mim, fica um pouco mais claro, na minha cabeça, saber o que que foi o que. Então, assim, eu tenho, normalmente, uma percepção de eu saber, mais ou menos, onde estão as coisas. Não é a melhor forma de armazenar, mas a descrição, realmente, ela fica um pouco capenga a nível do volume na época que ficou impossível de fazer isso, para todos os arquivos e para todas as pastas. Então, por isso que eu deixo, realmente, só a nível de cabeça mesmo, não é uma coisa registrada.

00:39:14 PESQUISADORA

E como é feita a divulgação do seu trabalho? Pelas redes sociais, site, exposição?

00:39:22 ENTREVISTADO(A)

Site, eu tive recente, eu comecei a ter ele só em dois 2018. Eu não... Não foi uma coisa que eu sempre tive, mas é sempre importante para o Fotógrafo ter, se quiser divulgar o trabalho, porém, mesmo site, redes sociais, a gente tem que saber como mostrar e como distribuir essa informação. Então, eu comecei pelo Facebook mesmo, por página no Facebook, por anúncio em rede social mesmo, pelo gerenciador de anúncios, do próprio Facebook e depois que eu fiz o site, meu site era voltado mais para casamento e tinha alguns eventos de dança que eu postava, mas assim, eu percebi sempre que a minha divulgação acontecia de boca a boca... não era uma coisa que eu fazia muito esforço em fazer uma divulgação real, daquilo ali, que eu fazia aquilo ali, porque como eu fui uma das primeiras a fazer, então a minha referência, se tornou referência muito rápido, então não senti necessidade, por exemplo, igual hoje eu já faço, hoje eu invisto em tráfego pago, tenho minha produção de conteúdo, tenho uma coisa muito mais específica, do que eu tinha na época do evento de dança, porque o evento de dança, realmente, influenciou muito mais rápido. Mas, assim, normalmente, na época, quando eu fazia evento de dança, eu

divulgava muito pelo Facebook, por conta dos álbuns, então os álbuns sempre tinham minha marcação, tinha como compartilhar. Então, essa ferramenta é muito válida e depois eu migrei para o Instagram. O Instagram me ajudou muito também, porque o Instagram é uma rede social de imagens, então dava para postar bastante coisa, dá para marcar a galera, então, isso também me ajudou muito a divulgar, mas ainda não barrou o boca a boca, as indicações ou alguém que viu minha foto em algum lugar, gostou e me contata. Então, não foi uma coisa que eu fiz... Aconteceu, meio que aconteceu por demanda também.

00:41:01 **PESQUISADORA**

E, assim, você consegue identificar as pessoas que aparecem na fotografia? Nestas fotografias de dança?

00:41:11 **ENTREVISTADO(A)**

Identificar ou reconhecer? Fiquei na dúvida agora...

00:41:17 **PESQUISADORA**

Assim, identificar, saber quem é a pessoa, saber o que ela representa, se é um professor, se é um aluno...

00:41:25 **ENTREVISTADO(A)**

Sim... não, tá tranquilo. Para reconhecer esses elementos dentro da foto de dança não é tão difícil assim, porque, normalmente, há uma identificação prévia no evento mesmo, através das camisetas, através de cores de camiseta. Então, já não é muito complicado saber assim, quem se demanda como professor, quem se demanda como aluno, porque tem uma diferenciação na vestimenta. Mas, quando não tem, mesmo assim, se você for olhar a composição das fotos, você sempre tem

um círculo muito grande de pessoas e duas pessoas no meio. Então, você, meio que consegue prever quem está ensinando e quem está recebendo essa informação. Já, em um baile é mais difícil, porque, no evento, em sentido festa, onde pessoas vão dançar com todas as pessoas do evento, é muito difícil você reconhecer, quem é professor e quem não é, pela foto. Então, dá para saber, se você já conhecer a pessoa, se você já viu ela em algum lugar, ou se você viu as fotos anteriores... Então, por percepção prévia dá, agora, se você não viu as fotos, por exemplo, de aulas e vai direto para um álbum da parte do baile, você não consegue identificar, eu não consigo... Mentira, eu consigo, porque eu já conheço, mas assim, se eu não conhecesse, se eu não tivesse visto isso, só vendo as fotos, eu não consigo identificar, porque, realmente, não há diferença em sentido, na... porque o movimento, ele não pega quem é profissional e quem é aprendiz. Mas é só mais na composição, quando existem várias pessoas e que monta uma formação, que dá a entender que aquilo ali é uma aula, que tem alguém ali, que tá mais ou menos ali e que tá ensinando. Não sei se eu respondi certo.

00:42:54 **PESQUISADORA**

E, assim, você consegue identificar os usuários que compartilham, curtem as fotografias, nesses álbuns que você cria no Facebook?

00:43:07 **ENTREVISTADO(A)**

Eu consigo, pela própria ferramenta, porque aparece sempre lá. Como eu administro a página, sempre aparece lá o compartilhamento e, assim, noventa por cento dos casos eu conheço quem está compartilhando, quem está comentando, é muito raro eu não... ou, às vezes, a pessoa foi falar comigo no evento, então eu reconheço ela de lá. Ou, às vezes, ela já me seguia há bastante tempo, comenta, então sei quem é. Mas existem também pessoas que vão lá, que estavam no evento e que eu não me lembro de ter visto, mas elas estavam lá e assim... aí fica difícil eu reconhecer, mas eu consigo medir, por exemplo, a quantidade de

compartilhamentos. Mas tem vezes, que eu reconhecer todas as pessoas é um pouco mais complicado.

00:43:46 PESQUISADORA

E, como você lida com o direito da imagem das pessoas que aparecem nessa fotografia... nessas fotografias?

00:43:55 ENTREVISTADO(A)

Isso aí é um processo complexo, que é uma coisa que se tem muita dificuldade, até na fotografia de fotojornalismo comum, de você fotografar pessoas, em situação de miséria, em situação de rua... Então, assim, não pode fotografar criança, tem uma série de bloqueios, de proibições, estão corretos em relação a isso. E, assim, eu confesso que eu sou contratada e a pessoa me fala exatamente o que eu tenho que registrar. A minha responsabilidade, ela está nas mãos do contratante. Então, assim, se a pessoa chega, por exemplo, no contratante e de alguma forma, não gosta daquela foto e pede para ser retirada, ele tem que retirar, porque, por mais que a pessoa concorde que ela estava num evento público e aquele evento teve fotografia, aquilo ali vai ser exposto e tudo mais, não foi assinado um termo de consentimento. Aí, alguns eventos de dança passaram a ter termo de consentimento, assim que a inscrição era feita, para que você concordasse que a sua imagem poderia aparecer nas redes sociais do evento. Então, a pessoa já entrava no evento sabendo disso. Mas, eu já tive vários problemas por fotos postadas e que depois a pessoa achou ruim, porque não sabia quem tinha autorizado esse tipo de publicação e tudo mais. Só que, eu não... não fui eu que fiz, porque eu quis só, mas é porque eu fui contratada para fazer, então fica um pouco complicado esse lado... Eu entendo as pessoas que se sentem lesadas por isso, mas, ao mesmo tempo, não é responsabilidade do Fotógrafo essa parte do direito autoral, nesse sentido. Então, eu acho que essa parte, esse lado, de você ter um termo de compromisso, eu acho importante quando você lida com a imagem dos outros dentro de um evento assim.

00:45:36 **PESQUISADORA**

E, no caso, você posta as fotos dos eventos na sua página ou fica a critério da pessoa que te contratou?

00:45:45 **ENTREVISTADO(A)**

Fica a critério. Eu posso postar na minha página, que eu sempre postei, mas se ela quiser também, ela me dá o acesso da página dela e eu posto direto na página dela. Isso nunca foi um problema para mim, porque eu fui contratada para fazer um serviço. Então, não é como se eu fosse... não é como se o meu direito autoral estivesse sendo rasgado ali no meio, é uma questão de que, quando a pessoa paga pelo nosso trabalho, ela também paga por esse direito de uso de imagem. Então, você meio que cede esse direito, então não tive problema nenhum... Assim, postava na minha página ou na do outro, sempre foi uma coisa muito harmoniosa e bem conversada.

00:46:20 **PESQUISADORA**

Mas já pediram, especificamente, para você retirar alguma fotografia?

00:46:26 **ENTREVISTADO(A)**

Quando postada na minha página, sim. Já aconteceu, mas, justamente por isso, às vezes acontece situações bem específicas, do tipo ah, eu me... sei lá... a pessoa deu um perdido, por exemplo, numa mulher, num homem. Então, falou que ia para um lugar e acabou caindo em um evento de dança, fotografei a pessoa, então dá esse desconforto. Então, já aconteceu isso, ou às vezes, acontece da pessoa, até mesmo no evento mesmo, chega para mim, às vezes o evento é pequeno e fala: "ô, eu não estou nesse evento", aí, eu já entendi e eu nem chego

perto, faço um esforço para nem fotografar essa pessoa. Mas já pediram, algumas vezes, ou às vezes é porque a foto... a pessoa não acho que saiu tão boa, com o rosto tão bom ou porque não se sente confortável, mas sempre foi uma maneira muito educada. Eu nunca tive um problema... um desentendimento tão absurdo, a ponto de eu me sentir ofendida, da pessoa que pediu para apagar a foto. Então, sempre apaguei numa boa, porque sempre foram educados comigo em relação a isso.

00:47:25 PESQUISADORA

Entendi. E qual é a função que o documento fotográfico de dança representa para você? Ele é uma prova do seu trabalho, é divulgação do seu trabalho ou agora né... é simplesmente uma recordação do seu trabalho?

00:47:41 ENTREVISTADO(A)

Hoje, eu acho que é uma questão, como você falou, uma questão de acervo. Eu acho que dentro do que eu sei fazer, eu ainda sei fazer isso, então é uma prova de que eu sei fazer e eu faria em qualquer momento da minha vida. O fato de eu ter escolhido trabalhar com uma área diferente, não me faz menos capaz de fotografar aquilo da melhor qualidade possível. Então, hoje ele faz parte, a fotografia de dança, faz parte do meu acervo e do meu conhecimento, e eu ainda não tiro de mim o fato de eu ter sido a precursora desse tipo de fotografia, de eu ter desenvolvido um lado mais artístico, de eu ter colocado parâmetros muito específicos para essas fotografias e até mesmo tem pessoas que têm se inspirado no meu trabalho para começar o próprio trabalho delas. Então, acho que isso ficou hoje como um legado, deixa mais como um legado do que como uma recordação, porque a recordação, eu tenho a impressão, que ela não volta mais para a gente né... ela fica uma coisa no passado, você lembra dela por saudade, mas o legado é uma coisa que, meio que, ainda leva o seu nome de alguma forma. Então, eu sinto que, de alguma forma, eu ainda deixei um legado para a dança, nesse sentido, de um parâmetro de referência

que eu não tive na época que eu comecei a fotografar. É para isso que ela serve para mim hoje.

00:48:48 **PESQUISADORA**

Mas, ela não serve mais, então, como uma forma de divulgação, né?

00:48:53 **ENTREVISTADO(A)**

Não, divulgação do meu trabalho, ele já ultrapassou, já transcendeu essa parte, ele entra, hoje, muito mais em outras questões mais abstratas, mais expansivas do que uma fotografia somente. Então, assim, no sentido de capacidade de registro né. Mas eu ainda, em alguns momentos, eu ainda sou reconhecida como a fotografia de dança, como a pessoa que registra tal evento... Então, em vários lugares até, mas não é uma coisa que eu uso para divulgar o meu trabalho, não mais.

00:49:22 **PESQUISADORA**

Entendi. E você acredita que a fotografia, como um documento fotográfico, possui essas funções, que eu citei, para as pessoas?

00:49:33 **ENTREVISTADO(A)**

Cara, sim... sim, porque, assim, é, sei lá... A fotografia tem tantas possibilidades, né, de existir, e ela existe por tantos motivos... Então, assim, por mais é... Por exemplo, mesmo que eu não tenho fotografado mais dança, sei lá... tem um evento que tem dois anos que eu não fotografo ele mais, mesmo assim ele aparece com recordações do meu Facebook e de uma outra pessoa. Então, ele sempre volta como memória, ele sempre volta com um momento onde você relembra tudo o que aconteceu daquilo ali, porque as minhas fotos sempre tiveram

essa especificidade de parecer que aquele momento não aconteceria de novo, se ele se repetisse, ele não seria mais registrado naquele momento. Então sempre me preocupei muito em ter fotos únicas, de ter clicks únicos. Então, as pessoas que têm hoje fotos e que... ou colocam na capa de um celular, de uma tela de bloqueio ou colocam num porta-retratos, ou colocam numa tela de outra coisa ou compartilha no Instagram, Facebook. Elas sempre querem voltar para aquele momento, quantas vezes forem necessários. Então, assim, é um suporte de memória que eu acho que não tem outra coisa que seja capaz de fazer o mesmo. Então, assim, por isso que é suporte muito importante para as pessoas que participam, que estão envolvidas de alguma forma com essa fotografia de dança.

00:50:49 **PESQUISADORA**

Você consegue imaginar qual função que as fotografias têm para cada tipo de pessoa que você fotografa? Por exemplo, qual a função aquilo representa para um professor de dança, para um aluno, para a organização do evento e para você mesma ou para outro Fotógrafo que vai fotografar? Você consegue imaginar? O dançarino também...

00:51:16 **ENTREVISTADO(A)**

Cara, eu tenho muitas... é engraçado, porque as percepções mudam muito quando você muda do professor por aluno, por exemplo. Então, enquanto para o aluno, ele se torna essa questão, essa memória mais sentimental mesmo que envolve mais um poder de transformação que ele viveu naquele momento, envolve ele mostrar para os outros que ele passou por esse processo de transformação; para o professor é um modo de divulgação, então você entra com uma forma... como hoje não é mais o meu trabalho divulgar pelo evento de dança, mas para o professor é. Então, o professor precisa desse tipo de foto, ele precisa de uma foto em ação. E ele já percebe a foto de um jeito diferente e talvez ele não leve tanto para emocional, quanto, por exemplo, o aluno leva. A organização, acredito que é mais de dever cumprido. Então, ela tem mais aquela coisa assim: "cara, todas essas

fotos aqui foram a materialização de algo que saiu da minha cabeça". Então, assim, a percepção também é um pouquinho diferente e uma prova de: "cara, tudo que eu planejei, aconteceu e aconteceu desse jeito". Então, eu acho muito importante também que essa habilidade do passado abstrato para o concreto, para o organizador é muito importante, para ele promover outros eventos, mas ao mesmo tempo, para ele reconhecer a validade daquilo que ele fez. Enquanto para o professor é a mesma coisa, ele reconhece a validade do trabalho dele, através de uma divulgação, através das pessoas comentando sobre ele, contratando ele. Enquanto o aluno, ele vai se ater ainda essa parte mais emocional, ele não vai usar aquilo para divulgar nada, ele vai usar aquilo ali para dizer: "cara, isso foi muito legal, eu me senti desse jeito nessa foto e eu quero que vo... eu quero compartilhar esse sentimento com vocês, que são aqui meus amigos". Então, envolve um sentimento muito mais aguçado do que das outras (?), eu sinto isso.

00:52:55 PESQUISADORA

E, assim, a gente já está terminando e eu queria saber se você tem algum comentário para finalizar, alguma coisa que você queira falar e que você não tenha falado.

00:53:07 ENTREVISTADO(A)

É, não... as perguntas foram... abriram bastante questão mesmo. Então, assim, foram perguntas muito bem específicas e acho que abordou bastante questão importante. Espero que tenha sido importante também para a sua pesquisa. Mas, mesmo que a fotografia de dança não tenha um registro específico, teórico, sobre ele, não impede ela de acontecer e de validar ela como algo real, dentro de um Fotojornalismo muito específico. Então, o evento de dança, ele trabalha com questões muito específicas, que estão além de qualquer fotojornalismo. Então, ele mistura várias tendências, ele mistura várias perspectivas, porque é a arte falando de arte, então você tem uma metalinguagem assim... considerável, né, praticamente assim. Então, você tem esse aspecto... então, assim, por mais que não tenha um

aspecto teórico, o lado empírico, tenho a impressão que dá uma validação tão importante quanto o teórico, nesse sentido, justamente porque ainda é uma parte muito nova da fotografia, a ponto de ser estudado, de ser desenvolvida e tudo mais, nesse aspecto. Mas é uma... um tipo de... um segmento da arte tão importante quanto qualquer outro. Esse é o último comentário mesmo que eu tenho a fazer.

00:54:14 **PESQUISADORA**

Tudo bem então. Pri, quero te agradecer muito, muito, muito, pela sua colaboração, você é uma pessoa maravilhosa, uma Fotógrafa maravilhosa! Muito obrigada mesmo!

00:54:26 **ENTREVISTADO(A)**

Eu que te agradeço pelo convite, foi ótimo!

00:54:29 **PESQUISADORA**

Eu vou parar aqui a gravação, tá?

00:54:32 **ENTREVISTADO(A)**

Tá.

00:54:33 **PESQUISADORA**

Só um minutinho...

APÊNDICE D

LISTA DE ÁLBUNS NA PÁGINA DO FACEBOOK DE PRISCILA NAYADE

ÁLBUM	EVENTO	DATA DO EVENTO	QUANTIDADE DE FOTOS
1	Nação Zouk de Fevereiro #edicaobeneficente	16/02/2019	289
2	Landim Birthday em São Paulo	19/01/2019	568
3	Nação de Dezembro #especialNatal	08/12/2018	189
4	Nação Zouk de Novembro #HomenagemUnicórnio	17/11/2018	289
5	Nação Zouk de Outubro #NiverdoRonaldo	20/10/2018	266
6	Nação Zouk de Agosto #HomenagemPaulaSantos	11/08/2018	291
7	Swing Zouk Weekend - Aulas de Sexta	08/06/2018	453
8	Swing Zouk Weekend - Baile de Hip-Hop	07/06/2018	418
9	Swing Zouk Weekend - Aulas de Quinta	07/06/2018	451
10	Swing Zouk Weekend - Pré-Party	06/06/2018	143
11	Congresso Nação Zouk - Prática de Domingo	03/06/2018	163
12	Congresso Nação Zouk - Aulas de Domingo	03/06/2018	342
13	Congresso Nação Zouk - Baile de Sábado	02/06/2018	271
14	Congresso Nação Zouk - Aulas de Sábado	02/06/2018	536
15	Congresso Nação Zouk - Baile de Sexta	01/06/2018	299
16	Forró Ispilicute com Marcelo Mimoso + Beco do Zouk	18/05/2018	262
17	Forró Ispilicute com Trio Balançado + Beco do West	27/04/2018	227
18	Forró Ispilicute com Bastião + Beco do Samba	11/05/2018	194
19	Forró Ispilicute + Beco do Zouk	05/05/2018	223
20	Churras Nu Zouk	21/04/2018	231
21	Forró Ispilicute com Mestre Marrom + Beco do Zouk	Sem data	290
22	Nação Abril - Homenageado Marco Bedê	14/04/2018	256
23	Ispilicute - Piaba + Beco do Samba	13/04/2018	213
24	Forró Ispilicute com Potiguá + Beco do Zouk	06/04/2018	213
25	Ispilicute com Coisa de Zé	23/03/2018	171
26	Arquivos de dispositivos móveis ³⁶	Sem data	8
27	Ispilicute - Beco do Zouk + Trio Mestre Lua	16/03/2018	238
28	Dancestude - Edição Zouk de Março	15/03/2018	189
29	Nação Zouk - Edição das Mulheres	10/03/2018	243
30	Forró no Ispilicute com Trio Clandestino	09/03/2018	138
31	Ispilicute - Trio Balançado + Beco do Zouk	02/03/2018	140
32	Ispilicute - Nando Nogueira + Edição Roots	23/02/2018	144
33	Ispilicute - Caruá + Beco do Zouk	16/02/2018	174
34	Segue o Baile - Edição Carnaval	15/02/2018	172
35	Zouk Retreat com Xandy Liberato - Terça pt. 2	13/02/2018	269
36	Zouk Retreat com Xandy Liberato - Terça pt. 1	13/02/2018	235
37	Fotos da linha do tempo	Sem data	115
38	Fotos do perfil	Sem data	4
39	Brasília Swing Brasil - Baile de Domingo	04/02/2018	128
40	Brasília Swing Brasil - Aulas de Domingo	04/02/2018	91

³⁶ Os itens dessa lista que estão destacados de outra cor representam os álbuns de eventos não identificados.

41	Zouk Retreat com Xandy Liberato – Segunda	12/02/2018	367
42	Nação Zouk - Edição Carnaval	12/02/2018	134
43	Fotos da capa	Sem data	8
44	Zouk Retreat com Xandy Liberato - Domingo pt. 2	11/02/2018	264
45	Zouk Retreat com Xandy Liberato - Domingo pt. 1	11/02/2018	191
46	Brasília Swing Brasil - Baile de Sábado pt.2	03/02/2018	178
47	Brasília Swing Brasil - Baile de Sábado pt. 1	03/02/2018	230
48	Brasília Swing Brasil - Aulas de Sábado	03/02/2018	100
49	Zouk Retreat com Xandy Liberato – Sábado	10/02/2018	283
50	Brasília Swing Brasil - Baile de Sexta	02/02/2018	189
51	Nação Zouk #NiverdoPedrinho	27/01/2018	150
52	Zeijo Samba Club - Edição Janeiro	26/01/2018	126
53	Baile do WestInvites - Edição Janeiro	20/01/2018	113
54	Segue o Baile - Beach Please	18/01/2018	108
55	Forró no Ispilicute + Beco do Zouk	19/01/2018	154
56	Dancestude Edição Zouk - Baile Lambada	05/01/2018	210
57	Forró no Ispilicute	12/01/2018	101
58	Álbum sem título	Sem data	14
59	Forró no Ispilicute + Beco do Zouk	29/12/2017	100
60	Forró e Samba no Ispilicute	22/12/2017	147
61	Segue o Baile - Edição Dezembro	21/12/2017	115
62	Niver do DJ Pedro Lucas	16/12/2017	94
63	Forró no Ispilicute	15/12/2017	134
64	Baile Deep Zouk	02/12/2017	85
65	Nação Zouk de Dezembro #EdiçãoBeneficente	09/12/2017	243
66	Forró Ispilicute com Maicon Fuzuê	08/12/2017	173
67	West Coast Swing Party - São Paulo	03/12/2017	176
68	Niver du Dendê #SãoPaulo	02/12/2017	172
69	Sexta de Forró no Ispilicute #TrioBalançado	24/11/2017	157
70	Quinta Dose Dupla - Zouk e Forró #DjKakah	16/11/2017	151
71	Zouk no CIB #Rio de Janeiro	14/11/2017	96
72	Nação Zouk de Novembro #HomenagemDaniPrandi	11/11/2017	213
73	Forró Ispilicute + Sexta da Salsa	10/11/2017	155
74	Segue o Baile - Edição de Novembro	09/11/2017	101
75	Zouk no Ispilicute	03/11/2017	82
76	Tropical Dance Competition - Baterias de Sexta	13/10/2017	166
77	Tropical Dance Competition - Coquetel de Boas-Vindas	12/10/2017	82
78	Nação Zouk de Outubro #NiverdoRonaldo	14/10/2017	131
79	B-Day da Dj Kakah	04/10/2017	80
80	Baile Nix com Dj Larinha e Dj Kakah	23/09/2017	76
81	Baile de Lançamento do Cd INFINITY (Dj Vitório)	23/09/2017	142
82	Nação Zouk de Setembro - Homenagem Rê Rodrigues	16/09/2017	168
83	Domingueira do Zouk	03/09/2017	62
84	Pool Prática - Esquentando #BdaydaPri	28/08/2017	101
85	Niver da Kah <3	26/08/2017	110
86	Bachateia - After Party	20/08/2017	96
87	Bachateia - Aulas 2º Dia	20/08/2017	401
88	Bachateia - Mostra Coreográfica	19/08/2017	302
89	Baile Oficial do Bachateia	19/08/2017	137
90	1º Dia de Aulas – Bachateia	19/08/2017	382
91	BachaTeia - Baile de Abertura	18/08/2017	228
92	Nação Zouk - Edição Agosto	12/08/2017	194

93	Corujão do Lá na Dança	04/08/2017	252
94	West Coast Swing Day em Brasília	30/07/2017	328
95	Arraiá Lá na Dança - Ressaca de Itaúnas	29/07/2017	149
96	Divas Pop e Rock + Invasão Footwork	26/07/2017	131
97	Zouk Glow - Edição Especial 3 Anos	22/07/2017	175
98	Workshop de West Coast Swing em Goiânia	16/07/2017	148
99	Nação Zouk - Edição de Julho	15/07/2017	144
100	Pré-Bachateia em Goiânia + Crazy in Zouk	07/07/2017	158
101	Xote Sonhador com Trio Balançado	01/07/2017	168
102	Zouk e Bachata na CDMA	30/06/2017	114
103	Congresso Dança Cerrado - Baile de Sábado	24/06/2017	206
104	Congresso Dança Cerrado - Baile de Sexta	23/06/2017	169
105	Prática de West e Zouk #AfterSZW	15/06/2017	56
106	Swing Zouk Weekend #DAY4 #PoolParty	11/06/2017	142
107	Swing Zouk Weekend #DAY3	10/06/2017	189
108	Swing Zouk Weekend - Showcase e Jack&Jill	09 e 10/06/2017	222
109	Swing Zouk Weekend #DAY2	09/06/2017	237
110	Swing Zouk Weekend #DAY1	08/06/2017	255
111	Álbum sem título	Sem data	2
112	Prática de West - Edição Old is Cool	26/06/2017	45
113	Enjoy Fest com Arthur e Layssa – Goiânia	20 e 21/05/2017	204
114	Nação Zouk de Maio	13/05/2017	100
115	Chá Dançante das Larys	05/05/2017	61
116	Sindicato do Zouk no Caribeño	30/04/2017	72
117	II J&J - Prática de West Coast Swing #bsbtmws	Sem data	120
118	Santo Zouk no Usina	14/04/2017	64
119	Nação Zouk de Abril	01/04/2017	103
120	Baile S.O.S da Pri	Sem data	105
121	Zouk e Bachata no Caribeño	14/03/2017	61
122	Nação Zouk - Edição Mês das Mulheres	11/03/2017	101
123	I <3 Zouk	05/03/2017	65
124	Poesia é estado de ser, que permite reconhecer a si	Sem data	13
125	“Poesia é estado de ser, que permite reconhecer a si”	Sem data	13
126	CarnaZouk no Usina	26/02/2017	73
127	Zouk no Caribeño #DjBrunoGalhardo	07/02/2017	104
128	Domingueira no Lá na Dança	05/02/2017	237
129	Domingueira no Lá na Dança	05/02/2017	190
130	Domingueira no Lá na Dança	05/02/2017	167
131	Zouk e Bachata no Caribeño #DjPalomaAlves	31/01/2017	103
132	Zouk e Bachata no Caribeño	24/01/2017	88
133	Zouk no Caribeño - Dj Allan Z e Dj Nyx	18/01/2017	116 itens
134	2º Zouk do Ano no Usina	14/01/2017	113
135	Noite de Zouk e Bachata no Caribeño	10/01/2017	126
136	1º Zouk e Bachata no Caribeño do Ano	03/01/2017	114
137	Último (for real) Zouk no Caribeño	28/12/2016	93
138	Último Zouk e Bachata no Caribeño	27/12/2016	91
139	Último Zouk e Bachata no Caribeño	27/12/2016	88
140	Noite Zouk e Bachata no Caribeño #EdiçãoNatal	20/12/2016	121
141	Deck Dance - Edição Bye 2016	18/12/2016	95
142	Zouk Beneficente no LND	17/12/2016	121
143	Noite de Zouk e Bachata no Caribeño	13/12/2016	88
144	Nação Zouk - Edição Dezembro	10/12/2016	138
145	Álbum sem título	Sem data	139
146	Noite Zouk e Bachata no Caribeño	06/12/2016	110

147	Baile de Fim de Ano - Lá na Dança	03/12/2016	266
148	Só Zouk Caribeño - Véspera de feriado	29/11/2016	114
149	Aniverzouk Dj Pedro Lucas	Sem data	122
150	Zouk e Bachata no Caribeño #DjKakahCalangadocerrado	15/11/2016	121
151	BAILE - Workshop Bruno Galhardo e Nathália Moura Goiânia	2016	288
152	Workshop Bruno Galhardo e Nathália Moura Goiânia	2016	249
153	Noite de Zouk e Bachata no Caribeño	15/11/2016	114
154	Baile de Lançamento Comfy Dance	11/11/2016	131
155	Workshop Bruno Galhardo - Aulas + Baile	12 e 13/11/2016	223
156	Noite Zouk e Bachata no Caribeño	08/11/2016	105
157	Nação Zouk de Novembro	05/11/2016	138
158	Álbum sem título	Sem data	44
159	Noite Zouk e Bachata no Caribeño	01/11/2016	108
160	Aniversário Victinho Maia	29/10/2016	189
161	Nação Zouk - Edição Outubro	22/10/2016	190
162	Nação Zouk - Edição de Outubro	Sem data	162
163	3º Dia de Up Dance Zouk Congress	Sem data	413
164	3º Dia do Up Dance Zouk Congress	Sem data	237
165	2º Dia Up Dance Zouk Congress	Sem data	110
166	1º Dia Up Dance Zouk Congress	Sem data	198
167	Noite Zouk e Bachata Caribeño	18/10/2016	105
168	Secret Zouk & Samba na CDMA	Sem data	120
169	Noite Zouk e Bachata no Caribeño	12/10/2016	139
170	Baile de Reabertura Lá na Dança	08/10/2016	206
171	Noite Zouk e Bachata Só Antigas no Caribeño	04/10/2016	105
172	Baile de Aniversário no Usina - PARTE 2	01/10/2016	106
173	Baile de Aniversário no Usina PARTE 1	01/10/2016	111
174	Noite Zouk e Bachata Caribeño	27/09/2016	96
175	After Zouk	24/09/2016	194
176	Noite Zouk e Bachata Caribeño	20/09/2016	109
177	Baile IZD - Corpos em Par	17/09/2016	68
178	Curso Intensivo Xandy Liberato	17 e 18/09/2016	172
179	Noite Zouk e Bachata Caribeño	13/09/2016	156
180	Zouk Glow	03/09/2016	77
181	Noite Zouk e Bachata no Caribeño	07/09/2016	123